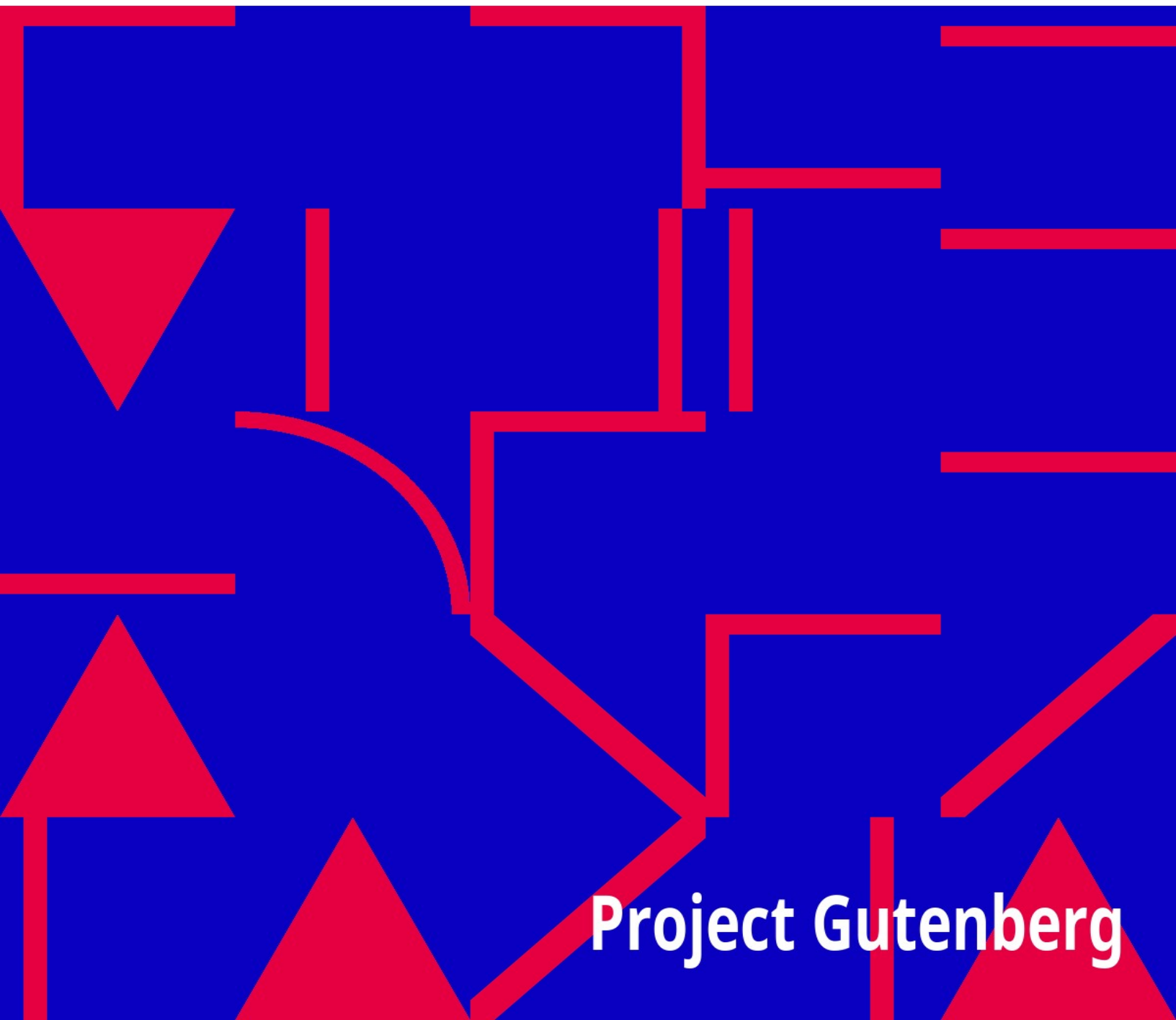


O presbyterio da montanha

Antonio Feliciano de Castilho

The background of the lower half of the image is a solid blue field. Overlaid on this are various red geometric elements: horizontal and vertical lines of varying lengths, some forming a grid-like structure; several triangles, including a large inverted one on the left and others at the bottom; and a single curved red line segment. These elements are scattered across the blue area, creating a complex, abstract pattern.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of O presbyterio da montanha

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O presbyterio da montanha

Author: Antonio Feliciano de Castilho

Release date: February 19, 2009 [eBook #28127]

Most recently updated: September 24, 2012

Language: Portuguese

Credits: Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O
PRESBYTERIO DA MONTANHA ***

Nota de editor: Devido à existência de erros tipográficos neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Fev. 2009)

O Presbyterio da Montanha:

[Volume I](#)

[Volume II](#)

Obras completas de A. F. de Castilho

XIX

O Presbyterio da Montanha

VOLUME I

LISBOA
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1905

OBRAS COMPLETAS
DE
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 19.º

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.

- IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.º v.)
V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.º v.)
VI — A PRIMAVERA (1.º vol.)
VII — A PRIMAVERA (2.º vol.)
VIII — VIVOS E MORTOS—Apreciações moraes, litterarias, e
artísticas.
IX — VIVOS E MORTOS (2.º vol.)
X — VIVOS E MORTOS (3.º vol.)
XI — VIVOS E MORTOS (4.º vol.)
XII — VIVOS E MORTOS (5.º vol.)
XIII — VIVOS E MORTOS (6.º vol.)
XIV — VIVOS E MORTOS (7.º vol.)
XV — VIVOS E MORTOS (8.º vol.)
XVI — EXCAVAÇÕES POETICAS (1.º vol.)
XVII — EXCAVAÇÕES POETICAS (2.º vol.)
XVIII — EXCAVAÇÕES POETICAS (3.º vol.)
XIX — O PRESBYTERIO DA MONTANHA (1.º v.)

NO PRÉLO:

- XX — O PRESBYTERIO DA MONTANHA (2.º v.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, anotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

O Presbyterio da Montanha

VOLUME I

LISBOA
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 | 45, Rua Ivens, 47

1905

Advertencia dos Editores

Em 1846 principiou Castilho a colligir, entre os seus manuscritos antigos, alguns dos que lhe tinham nascido na estudiosa solidão de mais de sete annos de homisio na serra do Caramulo. A esses manuscritos, que ia publicar com o titulo de *O Presbyterio da montanha*, escreveu um prologo extenso, descriptivo, altamente pittoresco, onde, a dôze annos de distancia, desafojou as lembranças d'aquelles logares, e as saudades de um irmão, o melhor dos irmãos, o já então fallecido Abbade de S. Mamede da Castanheira do Vouga, no Bispado de Aveiro. O prologo concluiu-se, imprimiu-se na sua maxima parte, mas não chegou a publicar-se.

O natural desleixo do Poeta a respeito do que era seu, as vicissitudes da sua atormentada vida, a sahida para S. Miguel, e outras causas, fizeram com que as folhas impressas se sumissem, nem sabemos dizer como; e os pouquissimos exemplares que existem, e se apontam a dedo, são hoje considerados espe O natural desleixo do Poeta a respeito do que era seu, as vicissitudes da sua atormentada vida, a sahida para S. Miguel, e outras causas, fizeram com que as folhas impressas se sumissem, nem sabemos dizer como; e os pouquissimos exemplares que existem, e se apontam a dedo, são hoje considerados especies bibliographicas de primeira raridade.

Castilho possuia um, que vimos, e desapareceu; a Bibliotheca Nacional de Lisboa possui outro; o distinto colleccionador, bibliógrapho, e escritor, o snr. Annibal Fernandes-Thomaz, outro; a fallecida snr. ^a D. Maria Peregrina de Sousa, poetisa portuense, possuia outro, que parece ter levado caminho; Innocencio no Tomo I do Supplemento do seu immortal *Diccionario*, não declara se era

dono de algum; menciona a obra, apenas.

Quanto á parte poetica do livro projectado, essa, não impressa, desapareceu em parte. Só algumas poucas peças encontrámos, umas inteiras outras incompletas; materiaes truncados da collecção. Salvando esses versos, cumprimos um dever moral, e outro literario.

O prologo de Castilho é pois o brilhante pórtico de um edificio ainda em construcção, e já em ruinas; é inquestionavelmente uma das obras mais curiosas e instructivas que elle deixou. A chorographia, a fauna, a historia, a lenda, os costumes, a paizagem, as antigualhas, o *folk-lore*, d'aquella região alpestre, tão portugueza, mas tão desconhecida, tudo isso é tratado com amor, com o cuidadoso amor de um archeologo-poeta.

Appareceu tambem uma *Introducção* em verso sôlto a certo poema intitulado *O Sepulcro, historia de uma noite de S. João*, projectado pelo nosso autor; poema original, muito vivido, muito phantastico, infelizmente por concluir. Entendemos não menos intercalar essa curiosa Introducção, no seu logar chronologico, por varios motivos: dá-nos Castilho sob uma feição poetica diversa da sua habitual, e pinta-nos o estado da sua alma aos trinta annos, quando absorvia soffregamente o ar, a vida, os usos populares da montanha. O *Sepulcro* é pois optimo contribuinte d'este truncado banquete literario, e fôra imperdoavel, apesar de incompleto, despresal-o aqui. Do borrão original, que possuimos pela letra do amoravel secretario Augusto Frederico, para esta licção actual, ha leves divergencias, que foram pelo proprio autor ditadas em 1864.

Além do *Sepulcro*, outras peças, portuguezas e latinas, já impressas nas *Excavações*, teriam logar aqui, pelo seu nascimento, pela sua data, pela sua indole; mas o autor preferiu collocar-as n'aquelle seu volume. Facil é ao leitor intelligente o procural-as.

**À MEMORIA
DO
EXEMPLAR DE IRMÃOS**

**AUGUSTO FREDERICO DE CASTILHO
PRIOR DE
S. MAMEDE DA CASTANHEIRA DO VOUGA**

Em testemunho publico e perenne

**DE
AFFECTO E GRATIDÃO**

**Offerece
*Antonio Feliciano de Castilho***

PREAMBULO

O livro que apresento, havia de ser difficil de classificar, se o classifical-o podesse por alguma via valer a pena.

Não é historico, nem ficticio; não é didactico, philosophico, nem descriptivo; não é prosa, nem poema, nem ainda poemas; e, sem ser nada de tudo isso, de tudo isso participa.

Nem sequer é um livro; é uma congérie de pequenas coisas, todas mais ou menos obscuras, e quasi todas desconnexas, e de pensamentos não procurados, se não tomados como elles quizeram vir, sem nenhum bem determinado fim moral, social, ou literario; em summa: um d'aquelles banquetes de aldeão, engenhados á pressa do que ha em casa,

...dapibus mensas oneramus inemptis,

para hospedar a cortesãos que lhe passaram pela porta. Não procura enganar os: com mãos limpas e coração lavado lhes põe diante o que só para si tinha tratado na sua horta, ceifado no seu chão, cevado no seu pateo, ou colhido do seu pomar. Porcelanas e pratarias, não as tem; algumas flores, já pode ser que as apresentará em vasos de barro; mas como vos assoalha com bom rosto quanto possue, não se vos alardeia de abastado, nem se compara com os vizinhos de casas altas e balcões envidraçados. Como quer que vós d'elle o fiquéis, não ficará elle descontente de si mesmo á despedida.

*

Foi o geral d'esta collecção, parte escrito de carreira, parte apenas esboçado ou apontado, ha hoje doze, treze, quatorze, quinze, e dezasseis annos, sem pensar no Publico; para mero desenfadamento de horas abhorrecidas; para ajudar a correr mais depressa, em sitios tristes e ermos, uns tempos muito ermos, muito

tristes, e para mim, que nunca bem atinei com o futuro, muito desconfortados de esperanças.

Como todo o meu fim em fazer versos não era outro senão o fazel-os, de todo o modo me nasciam bem. Não tinham de apparecer entre gente; não os educava; não os corrigia; não lhes punha galas e arrebiques. Assim sahiram, assim ficaram, e assim os esqueci.

Revi-os depois de tornado ao mundo, aonde já cuidei que não tornasse; achei-os os mesmos que os tinha deixado: sinceros, mas incultos e semi-silvestres, como nados e creados que eram por entre troncos e penedos, longe de olhos e de ouvidos, que fazem por fora o mesmo que por dentro faz a consciencia.

Vieram-me tentações de os enjeitar; mas... eram filhos; contavam já annos: recordavam-me tempo de saudades; eram me saudades elles proprios; reconheci-os; dei-lhes o meu nome; com elle os apresento.

II

Todos os autores, ainda os que mais intimos se nos figuram, cuido eu que *se compõem* para o Publico; e, bem hajam elles!: não levam á praça senão o que teem averiguado que por lá se deseja e se procura; põem de parte, quanto podem, a sua pessoa, para servirem ao interesse ou gosto alheio.

Nada d'isso tenho eu n'estas paginas.

Não sou eu que vou para os leitores; são os leitores que teem de vir para mim, se as quizerem ler. Hão-de deixar a sua cidade, pelo meu ermo; as suas occupações, pelo meu ocio; a sua polidez, pela minha rudeza; os seus, pelos meus costumes; a historia ou o romance da sua vida, pelo recantinho domestico onde a minha

correu, como uma fonte desconhecida e pura, que mana gossa a gossa n'uma cova, só vista de cima pelo ramo de tojo que a sombreia, ou pela nuvem, ou pela andorinha cujo ventre branco ella retrata no seu vôo. Pelo que, bem entendido deve ficar desde aqui (a fim de que não venham depois obrigar-me por divida que eu não contraio), que a unica deleitação que esta leitura pode dar, se pode dar alguma, será a que naturalmente se tem, penetrando no interior da casa alheia, e nos segredos do visinho.

É o que faz com que, por mais futeis que pareçam as memorias, que alguns escrevem de suas vidas, e as correspondencias epistolares, quando por acaso vão dar ao prelo sem terem sido ordenadas para elle, commummente são lidas com interesse.

É o que faz, tambem, ser muitas vezes mais aprasivel que as achadas de antigos monumentos publicos, o desenterro fortuito de uma antiga vivenda particular ou casa rustica, onde os vasos e utensís do viver quotidiano veem logo suscitar na phantasia os costumes, o trato, e o ser intimo, da gente que ali houve.

Os monumentos só dizem do povo; mas a pedra da lareira, ou o ladrilho do forno, o gancho da candeia, ou a aza da amphora vinaria dos banquetes, dizem da familia. Em de redor de cada coisa d'estas ressurgem tambem uns eccos de vozes enterradas ha muitos seculos; confusos, mas a todos intelligiveis e suaves, de donas, de donzellas, de velhos e meninos, dos animaes caseiros, dos passarinhos e virações do ceo, do sussurro das plantas, dos sons, em summa, de tudo que n'esses tempos apartados foi, e feneceu, deixando de si menos v Os monumentos só dizem do povo; mas a pedra da lareira, ou o ladrilho do forno, o gancho da candeia, ou a aza da amphora vinaria dos banquetes, dizem da familia. Em de redor de cada coisa d'estas ressurgem tambem uns eccos de vozes enterradas ha muitos seculos; confusos, mas a todos intelligiveis e suaves, de donas, de donzellas, de velhos e meninos, dos animaes caseiros, dos passarinhos e virações do ceo, do sussurro das plantas, dos sons, em summa, de tudo que n'esses tempos apartados foi, e feneceu, deixando de si menos vestigio, que a

humilde talha do vinho, e a lampada que allumiou calada os prazeres ou os sonhos de seus senhores.

Os monumentos são artificiaes, e artificiosos; são estudados, e emphaticos; a historia que elles resam é fria. Mas cá, o romance que engenhamos, ageitado ás memorias e saudades do nosso mesmo passado, é todo perfumado de Natureza; a mentir nos diz verdades.

*

As impressões de viagens estão sendo ao presente um genero de Literatura mixta mui usado e mui querido.

Não admira: para os autores é facil; para os leitores, recreativo quando menos. Satisfaz-se o humor cosmopolita, que todos temos muito ou pouco; sem cançasso nem más poisadas por terra; sem enjão nem temporaes por aguas do mar; sem desabrimento de estações; sem saudades do que lá fica para traz; ou, havendo-as, com bom remedio para desandar, que é repetir algumas paginas; e emfim, sem o aborrimto, que a pessoa a viajar em corpo e alma tantas vezes deve de sentir em chegando aonde ninguem a espera, nem festeja, nem conhece, e onde não ouve pelas ruas palavra nem som da sua criação.

A viagem escrita, sem custo de nenhuma especie se faz por uns caminhos atmosphericos tão suaves, que a todas as partes nos levam, com a nossa casa e familia, sem até nos demovermos do nosso quarto nem da nossa cama, se como Ovidio somos, que punha entre os regalos da vida o de ler deitado.

*

Ora digo eu: se o attractivo commum de taes viagens é o gosto de

conhecer sitios, gentes, e costumes, que nos são estranhos, e não medir as distancias que nol os apartam, que esse, pelo contrario, é o maior desconto do peregrinar, ¿por que se apeteceriam mais as viagens á França, á Inglaterra, á Suissa, á Italia, ás margens do Rheno, á Russia, ao Egypto, á China, ou ainda á Lua, do que a um qualquer monte da nossa terra, só conhecido de seus moradores e visinhos?

¿Que sabeis vós mais da serra do Caramulo, em cujas faldas está assentado S. Mamede da Castanheira do Vouga, como um neto no regaço de sua avó triste e taciturna, que do monte Ararat, em cujo cume parou e se abriu a arca depois do diluvio? Nem mais, nem por ventura tanto.

Viréis pois ás raizes do Caramulo conversar montanhezes, agrestes porém bons; e tão bons, que, d'entre os seus oiteiros mal sombreados e mal productivos, nos seus paupérrimos tugurios cobertos de loisa ou colmo, e pendurados á laia de ninhos pela escarpa dos precipicios, entalados nos córregos, ou inclinados a scismar tristezas sobre algum rio fundo e triste, nunca se lembraram de vos invejar a vós outros as vossas cidades opulentas e festivas.

Estes, com falarem portuguez, são para vós estrangeiros, ou quasi. Como taes, não vos despraza conhecê-los, despendendo algumas poucas horas com quem por entre elles demorou annos, e de boa-mente lá iria agora enterrar os restos cansados da vida ao-pé do sepulcro de um Pae, que lhe lá ficou em quieto desterro para todo sempre. [\[1\]](#)

III

A 23 de Outubro de 1826, entrava por aquella serrana região o novo Prior, meu sempre e em tudo irmão, e agora saudade minha

continuada e sem remedio, Augusto Frederico de Castilho, com a sua pequena familia, de que era eu parte inseparavel.

Coimbra, d'onde iamos, fôra a terra dos nossos annos mais floridos; Lisboa, a do nosso berço e da nossa infancia. Uma e outra me chamariam pelos affectos em qualquer parte do mundo em que eu estivesse; e não houvera eu valído a resistir-lhes. Mas para aquelle ermo, que então cuidavamos nos durasse a vida toda, entranhavamo-nos elle e eu, por nos sentirmos um como o outro tão encantados com o nosso futuro, já palpado e colhido ás mãos, que alegres, sobre resignados, esquecíamos todos os outros sitios por aquelle, renunciavamos quaesquer outras delicias, mais amenas ou mais vívidas, por aquellas gentilezas incultas e mais poeticas de uma natureza quasi primitiva.

*

Passámos n'uma bateirinha remada por uma velha moleira da margem, o viçoso rio de Bolfiar, a que deu nome, hoje corrupto, segundo a tradição, o *bom fiar* de certa moça mui santa, que junto d'elle vivia n'uma choupaninha pobre, e esmolando a todos os pobres com o trabalho da sua roca; se não quizerdes antes que dos Moiros lhe viesse o appellido, significando *pepinal*, ou *rio das terras dos pepinos*; pacifico rio, que então ia grosso e desmandado por entre as suas duas ribas altas e verdejantes, em cujos cimos nenhum passageiro deixou nunca de se deter enlevado na amenidade de tal painel.

Começam a estender-se-nos diante, profusas e desmedidas para um e outro cabo, arripiadas gândaras de carqueja e urzes, só de longe a longe interruptas de um soveiro torcido e mal posto, ou de um rebanho; terreno boleado e ondeado como um lago, que em meio de tempestades se houvesse petrificado por encanto. São já fronteiras do Caramulo.

IV

A freguezia de S. Mamede não se vê em parte alguma; é dispersa, e emboscada. A magreza da terra não dá para grandes espessuras de povoação.

O aspecto do paiz, para quem só o atravessa é de inhospedeiro. Mas que se detenham, e o tratem; acharão a hospitalidade espontanea e desinteressada, em todas as falas, em todas as mãos, e em todos os corações. É porque a solidão é de si mais affectuosa, e a pobreza mais liberal e larga, que o rico povoado.

Esta differença e vantagem que os moradores levam á sua terra, experimentámol-as nós ainda antes de chegarmos á egreja e residencia, sahindo a receber o seu Pastor novo não só os maioraes, se não quasi todo o Povo com os seus trajos de festa, e repicando por cima das cerejeiras e nogueiras do adro os tres sinos do campanario, d'onde áquelle som se dispartiu pelos ares uma nuvem de pombas brancas.

A egreja, alva, com o seu largo portão vermelho aberto para o seu adro muito verde, apresenta-se solitaria. Das povoações em que a freguezia se divide, nenhuma lhe é contigua nem visinha. O presbyterio, ou residencia parochial, é o unico edificio que a acompanha, mas por de traz, como serva humilde e boa, e não descobrindo mais, por entre os plátanos, que o portal do seu pateo toucado e semi-velado das mais espêssas, crespas, e lustrosas heras, onde jámais se esconderam e cantaram melros.

Ambos os edificios ficam no meio do *passal*, antiga quinta «das Limeiras», dos Condes da Feira, como o passal fica no meio do sinuoso deserto, por onde se disseminam as aldeias, povoaes, e casaes, que ali teem o seu foco espiritual.

Um grande silencio rodeia largamente a casa da oração. O presbyterio não lh'o quebra.

Baixo, de um só andar, e retirado para o fundo do seu pateo rustico mas espaçoso, a olhar pelas quatro janellinhas da sua frontaria principal unicamente para o ceo, e para umas formosas e corpolentas laranjeiras, que dentro do mesmo recinto vegetam, como elle clausuradas, o modesto domicilio, proporcionado pelo que sempre deverá ser o pastor de tal rebanho, não se retrahiu para mais longe, por traz da sombra do santuario, porque não poudes: porque lh'o embargou a longa e cada vez mais precipitosa descida, que desde os seus calcanhares começa para [além](#) a esconcear, descer, e afundir-se, até á borda do estreito, rumoroso, e espumifero rio de S. Mamede.

Uma ponte de madeira, arremessada e trémula nos ares a grande altura, por cima das aguas escuras e raro alcançadas do sol, communica esta com a ribanceira ulterior, não menos carrancuda, fragosa, arripiada, e a pique.

Da residencia, corôa de um dos dois alcantis, até ao moirisco logar de Falgozelhe, seu visinho na fronteira crista da penedia d'alem-rio, entremeia apenas distancia, que, pela calada das noites, deixa ouvir de parte a parte os ladridos dos cães de gado, as cantigas do serão, e os alertas dos gallos a deshoras. E comtudo, aquelle *quasi-nada* para os ouvidos e olhos, é para os pés caminho dilatado, fadigoso, e não sem perigos.

As duas veredas, que levam ás duas extremidades da ponte, giram enleadas e perplexas, torcendo-se e refugindo, ora para a direita ora para a esquerda, como espavoridas do abysmo lá em baixo; descendo, tornando a subir, e redescendendo de novo por entre brutescos de penedia negra.

Pouco matto ressequido, e alguns medronheiros silvestres, são os unicos entes vivos, que por ali se affoitam a tomar pé. Os seus frutos vermelhos, quando o vento lh'os despega maduros, vão sumir-se entre as espumas arrebatadas.

Aquella ponte, vacillante sobre tal pégo e entre taes escarpas, com poucas braças de ceo por cima, e por baixo de si o rugir de tantas aguas, dá as sensações de um bello horror.

Muita vez me deleitei de as colher, debruçado horas esquecidas para aquelle inferno liquido; e este pensamento algumas vezes ahi me veio por tardes de Junho, em quanto, calado e estendido sobre as táboas, gastadas e rôtas da humidade, me gosava da viração transpirada pela corrente. ¿Foi a simples providencia do acaso, ou uma inspiração de religiosa poesia no fundador, a que fez reunir n'um ermo, e em tão pequeno espaço, como tres cantos de um poema, esta corrente, esta casa, e esta egreja? ¡Esta corrente, emblema da vida terrestre, tão escura, tão angustiada, tão clamorosa, e com tão pouco de azul por cima das suas ribanceiras inaccessiveis, d'onde insperado vem, cada dia, algum novo penedo ferir-lhe o seio! Aquella egreja, tão serenamente alegre, tão aberta, o dia inteiro, ao generoso sol dos campos, tão gorgeada a ambas suas portas de passarinhos, tão garrida de espadanas sobre as campas do pavimento, e nos seus cinco altares tão ridente de flores silvestres, symbolo da alma refugida das tormentas do mundo para o ineffavel asylo da Fé e das Esperanças! E entre o santuario e o rio, como intermedio e transição dos dois extremos, a casinha do Pastor, alva como a confiança, verdejante e florida como as promessas, recatada como a esmola, inexaurivel no seu celleiro como a Providencia, tácita como a meditação, com as suas portadas bem abertas como a paz, com as costas para a torrente, o rosto para a arca santa, os olhos atravez das arvores de Deus para o firmamento.....

O mesmo nome de S. Mamede, com que se appellidam o santuario, a torrente, e o albergue, é uma nova harmonia. Mamede, ou Mamante, foi um humilde e obscuro pastor de gado na Capadócia, e do qual toda a Egreja do Oriente pregôa virtudes e milagres. Sendo ainda mancebinho, acabou martyr, por volta do anno 274 da nossa era.

O lugar santo, para o Santo; o medonho e vertiginoso, para o

Martyr; o vigilante e benéfico, para o Pastor; o tudo, e os silvestres e pacíficos arredores, para o Menino, já moço na valentia, ou para o moço, ainda menino na innocencia.

Não poudeser o acaso, quem tantos acêrtos concertou.

V

Era a residencia, quando a ella chegámos, decrepita e caduca: apparencia de choça fabricada de pedra ensôssa, escura e descommoda no interior; por fora negra, com alpendres a aluir-se para o pateo apoquentado de inuteis e desgraciosos compartimentos. A velhice do derradeiro possuidor a havia em parte feito, em parte deixado, chegar áquelle estado.

A transformação foi rapida e completa. Os alpendres desapareceram. Na casa remoçada entrou por vidraças abundancia de luz. O pateo desafrontado foi revestido, como a frontaria do edificio, primeiro de cal bem candida, logo de roseiras e limeiras bem viçosas. Um cedro n'elle plantado começou de levantar-se animoso e gentil; e sei que n'esta hora, em quanto de seus dois plantadores um já não existe na terra, o outro declina para o occaso, elle, medrando ainda, é já, como lh'o eu augurára nos meus versos, brasão do presbyterio; tem no seu tronco cinco palmos de circumferencia, e perto de quarenta de altura. [2]

O novo Prior, o Rev. ^{do} snr. Padre Antonio José Rodrigues de Campos, a quem Deus dilate a vida para felicidade do rebanho, varão de virtude, e espirito cultivado por Letras, filho d'aquellas boas terras, e amigo nosso que sempre foi, como ainda hoje o é do nosso nome, conserva e zéla tudo aquillo com amor.

É para mim delicia o considerar, que á sombra grande d'aquelle cedro, que eu regava todos os dias, quando um menino de tres

annos o poderia ainda arrancar sem custo, lerá talvez, depois do seu Breviario, este livrinho das minhas memorias, em que depósito o seu nome mollemente reclinado entre tantas outras saudades minhas.

VI

Já os leitores conhecem, como quer que seja, o asylo que me escondeu sete annos, desde Outubro de 1826 até Fevereiro de 1834, o ninho em que nasceram, sem pensarem em abrir o vôo que hoje abrem para o mundo, estas poesias montesinhas.

Mas, como todo o seu assumpto se não limita ao que deixo esboçado, peço-lhes ainda um pouco de indulgencia, para lhes dar a conhecer, por alto, os arredores.

*

O passal rodeia por todos os lados a egreja e a residencia, correndo por traz d'ellas até onde lh'o consente o pendor do terreno, a escoar-se cada vez mais rapido para o rio de S. Mamede.

Por essas lombas inclinadas, fronteiras á encosta alta e erma de Falgozelhe, se boleiam melancolica mas graciosamente as suas hortas, os seus pomares, a sua fonte, as suas parreiras, e as fraldas das seáras, que até ali chegam descendo pela direita e pela esquerda, depois de povoarem toda, com o seu oiro sussurrante, a larga esplanada horizontal, por onde, ao sahir da egreja, folga a vista de se espraia, até ir bater, lá ao longe, na capellinha e matta de S. Sebastião, que lhe servem de limite.

Seáras eram os atrios, que os Romanos pelas suas aldeias folgavam de avisinhar aos templos de Ceres, e mais divindades

protectoras da Agricultura. ¿Que mais proprio, para um povo agricola como este, do que achar a casa do CREADOR, e a do seu dispenseiro, no centro da abundancia das messes, e saudal a com a invocação de um Pastorinho santo?

O caminho publico atravessa desde o sobreiral de S. Sebastião, por entre duas grinaldas de oliveiras e vinha, o meu passal até ao adro; costeia a igreja e a casa pela direita, e, em demanda da serra alta, lá se vai mergulhando para a ponte, deixando n'uma de suas orlas a frescura sombria da fonte sobre as hortas, na outra os remanescentes da igreja antiga, um altar de pedra n'uma capella, meia de pedra meia de silvas, assoberbada com um S. Jorge de marmore, a cavallo, a brandir ainda um troço de lança enferrujado de musgo.

VII

Detenhâmo-nos poucos minutos, se vos apraz, ao-pé d'este altar, onde já ninguém ajoelha, sobre sepulturas que hoje são tremoços, e recordemos a obscura historia d'este sitio.

¿Por que razão só as grandes ruinas se hão-de haver por merecedoras de attenção? Todo o passado é poetico; todo o evocar imagens humanas de sob a terra que pisamos, é proveitoso para alguma coisa. Nas solidões, mormente como esta, consola o saber que nem sempre a brenha foi brenha, e que onde hoje, por entre o rugir das folhas, só algum pipilar de ninho quebra a mudez da Natureza, houve outr'ora actividade, affectos bons, e até festas.

Cabe pois saber, que, em tempos mui afastados, viveu na povoasinha da Talhada, lugar emboscado, de pouco sol, pouca terra, e achegado pela margem de cá ás aguas do S. João do Monte, que logo a diante troca o nome no de S. Mamede, um moço por nome Jorge, humilde de geração como tudo quanto por ali

nasce e se cria, mas de coração alto e espiritos levantados.

Namorára-se Jorge (me contou n'um serão do Natal uma velha, que o ouvira em pequenina a seus paes, que o tinham recebido não sabia de quem)... mas enfim, namorára-se, que o sabia ella, de certa moça de alem-rio, guardadora de cabras, mas filha de um Capitão, e sobrinha em primeiro grau de um snr. Vigario. Lá de baixo, perto da sua vivenda entre penedos, levava, os dias com os olhos sempre içados aos cabeços de Falgozelhe, na outra banda, á caça da sua saia de serguilha, ou do seu sombreiro preto; e ainda não de todo malcontente, quando, por entre os penedos pardos e as urzes côr de fogo, a enxergava, pendurada á borda do precipicio, e pascendo descançadamente uma das cabrinhas que obedeciam á sua voz melodiosa.

A voz da serrana era em verdade um dos seus dotes. Quando a esperdiçava cantando n'aquellas solidões, parecia-lhe a elle, que lá de baixo lh'a estava captando com ambas as mãos, escutar um Anjo de amor escondido entre as nuvens; e queria mal até ao rouxinol que lh'a interrompesse, porque não sabia de coisa mais de molde para o seu coração.

Vel-a á sua vontade, não a via se não aos domingos na egreja; e nem então, que para esses dias tinha ella umas roupinhas muito sécias, meias muito alvas, e tamancos de galão de oiro, que o aterravam, mostrando-lhe que maiores obstaculos ainda haviam posto entre os seus affectos a fortuna e o nascimento, do que entre as suas vivendas a corrente das aguas. Fazem-se pontes para os rios; não se fazem que prestem para communicar dois estados tão diversos.

*

Amor verdadeiro pode ser platonico algum tempo; mas é poesia; e poesia não é vida. Ousou, e declarou-se a medo á sua formosa; não foi repellido. Affoitou-se a mais: ao impossivel. Abriu-se com o tio

Vigario em confissão. O que entre elles se passou, não se sabe; taboas de confessorio não são carvalhos dodónios que chocalhem tudo. O que se sabe, é que a moça não tornou a apascentar para aquella banda, e que elle, pouco depois, deixou a terra, onde tinha mãe e irmãos pequenos, sem dizer nada a ninguem, e não levando senão o fatinho que tinha no corpo, o seu cajado, o seu espirito, que segundo dizem, era grande, e o seu amor, que não era pequeno.

Constou, ao cabo de annos, que se tinha ido embarcar em um navio d'el Rei, e que se abalára por esses mares de Christo, sabe Deus para onde, e para quê.....

No meio de uma furiosa tormenta, correndo grande perigo de perdimento, assim a fazenda que andára moirejando, como a propria vida, apegou-se com o Santo do seu nome, e lhe prometeu que, se o levasse com tudo seu a terra de salvamento, lhe mandaria fundar, e lhe dotaria, uma capella da sua invocação com duas Missas por semana, defronte de Falgozelhe, onde vivia a noiva do seu coração, por cima da Talhada, onde tinha os irmãos e a mãe, e pegada com a egreja onde o baptisaram a elle, e onde a avistava todos os domingos.....

Mas de crer é que n'essa imagem se não demoraria muito em semelhante lance, em que as ondas formavam, por instantes montanhas tão altas e escarpadas, porém mais temerosas e feias que ess'outras, entre cujas quebradas, e por cujos visos, elle variára a sua infancia.

Acudiu-lhe o Santo; e Jorge cumpriu o promettido.

Tornou á Talhada, erigiu a capella, comprou fazendas em Angeja, que em boa e devida forma lhe adscreveu para o seu culto, e nunca mais tornou a aventurar-se sobre aguas do mar.

Reliquias são pois da sua obra a Imagem e as pedras que ainda ali se divisam. O de mais, já desgastado do tempo, foi demolido, para ir

servir como materiaes na edificação de parte da residencia, e da egreja nova, que já sabeis lhe estão visinhas.

*

—¿Mas o fim de seus amores?—me perguntareis vós.

Memoria é essa que eu tambem procurei, porém não consegui desencantal-a.

O que só pude desenterrar da tradição, foi: que este mesmo Jorge viera a casar-se na freguezia; que tivera um filho nascido na póvoa da Talhada; que este se ordenára de Clérigo, fôra a Roma, e arribára a Cardeal; em memoria do que, ainda na actual egreja se conserva, herdada da antiga, e mandada por elle de Roma para aquellas suas brenhas muito amadas, uma Cruz de quatro palmos de altura e um de largura, com braços em baixo e em cima, oleada de verde, doirada nas pontas, e n'ella pintados tres cravos, duas chagas, e uma corôa de espinhos.

Vê se, venera-se, e commenta-se, como o acabamos de dizer, pendente na parede do arco cruzeiro da banda direita; e affirma-se, que na capella de S. Jorge permanecêra com equal honra em quanto ella durou.

Agora, se este em Roma purpurado, filho da rustica humildade de uma póvoa, em que o maior personagem que descobri foi um fuzeiro velho, e onde o que só fazia bulha no meu tempo era um pequeno moinho, rôto por todos os lados aos ventos e chuvas, foi, ou não, nascido do consorcio a que o Padre Vigario e seu irmão se tinham opposto, eis ahi o que eu não alcancei; e não quero invental-o. Provavel me parece que sim, quando me lembro do que a minha velha me contava d'aquelles amores, e o combino com a ideia que formei da constancia no bem querer dos moradores da minha serra.

A moça deveu de conservar-se donzella, e fiel. Quanto a Jorge,

qualquer apostaria que o foi sempre. A fortuna entulhára com riqueza o abysmo que os separava; e S. Jorge, que não é Santo para meias victorias, havia forçosamente de pagar com bizzarria o obsequio do seu devoto.

Piamente podemos portanto acreditar, em que, diante d'aquella Imagem de pedra, muitas vezes o marinheiro e a sua formosa de esquecido nome ouviriam juntos a Missa; e talvez diante d'aquelle mesmo altar os recebesse o proprio Padre Vigario, indo depois jantar com elles, e beber á saúde da futura geração algumas malgas de vinho verde na sua casa da Talhada, ao rouco murmurinho das aguas de S. João do Monte.

VIII

A egreja velha, de que foi parte esta capellinha, fôra o antigo oratorio dos Condes da Feira; e a residencia, já depois duas vezes transformada, albergue do feitor que elles ahi tinham para lhes receber os fóros, e lhes tratar d'aquella sua quinta, chamada, como já tocámos, «das Limeiras».

Cederam tudo elles mesmos, concitados de sua piedade; por quanto, havendo sido a primeira freguesia d'estes povos no Guardão, do Bispado de Viseu, por de traz da serra da Alcoba, e a tres leguas de distancia da que ao presente é, d'ali a haviam achegado para Alcafaz, pertencente agora á freguezia de Agadão, sitio ainda desfavoravel pelo estirado e descommodo dos caminhos; o que moveu os ditos fidalgos a darem ermida, casa, e quinta, com largas rendas e fóros para a sustentação de Parochia sobre si.

N'esta sua quinta, pois, senhorilmente cercada de cedros, de que poucos hoje permanecem para memoria, costumavam elles vir passar com seus amigos algum tempo do anno na montaria dos javalís, que a espessura das moitas então creava, segundo parece,

como ainda hoje cria lobos. Folga a phantasia comparando e contrapondo aquelles tempos a estes, e reanimando o actual silencio com um reflexo e ecco da vida estrepitosa de outra idade.

IX

Explorámos as convisinhanças do templo e residencia. Estendâmos agora os olhos até ás fronteiras da terra por onde se dilata o seu pacifico senhorio.

*

D'este centro, a meio quarto de legua a nor-noroeste, esconde-se o logar das Maçadas, com cincoenta almas, sua ermida de S. João Baptista, e sua fonte muito fresca.

Para o norte, a outro meio quarto de legua, a antiga villa da Castanheira, com as suas entradas, cobertas de parreiral, vangloriosa com os seus cento e oitenta e sete moradores, e com a sua capella do Espirito Santo, mas dando-se-lhe pouquissimo com o telegrapho, que desde as ultimas guerras lhe ficou até hoje a pantomimar no alto do seu oiteiro. Pelos gestos d'aquelle activo surdo-mudo passam, de extrema a extrema do Reino, quantas noticias o revolvem, sem que a boa da villa, nem outro algum dos logares que entram na sua abençoada confederação de rustica ignorancia, as adivinhem, nem suspeitem, nem cubicem.

A tres quartos de legua para nor-nordeste, dá-se com a humilde póvoa de Falgarinho, de não mais que oito visinhos.

Subindo d'ali mais um quarto de legua contra o nordeste, encontra-se, n'uma quebrada da mesma crista, a Serra-de-cima, com vinte e tres pessoas.

Descendo para o sul pelo seu ameno valle bordado de frutiferas arvores, e a pequena distancia, se dá de improviso com a vistosa e agradável quinta da Serra-de-baixo, de sete almas, e sua capella de Nossa Senhora do Livramento.

Nas faldas d'estas fragosas montanhas, junto ao rio de S. João do Monte, que a seus pés corre, está em amphitheatro o Avelal-de-cima, de vinte e quatro almas, a tres quartos de legua a les-nordeste da egreja.

Voltando pela direita ao tortuoso rio por caminhos pouco transitaveis, a meio quarto de legua está para o nordeste o Avelal-de-baixo, logarejo de quarenta e sete almas, e uma capella de

Nossa Senhora da Conceição.

Deixando a margem do rio, atravessando um desfiladeiro, e subindo bojudas lombas, reverte-se ao nosso ponto fixo de observação.

Para o nascente, descendo até á Cruzinha, e d'ahi toda a costa dos Ferreiros, passa-se o rio de S. João do Monte, junto ao seu confluente Alcafaz (nome arabe, que significa «o salto»), nome que para ali está, ha mais de setecentos annos, soando em bocca de christãos sem renegar a sua origem, nem se corromper.

Para a esquerda do S. João do Monte, se descortina a nossa Talhada, de honrada memoria, berço de um Cardeal, de um fundador de capellas, e de um namorado de lei; tres celebridades para um ninho hoje de quatorze almas, coberto de loisas e colmo, e coroadado de sarças e medronheiros; dista-nos um quarto de legua para nordeste.

Vadeando segunda vez o rio, e a pouca distancia d'elle, o S. Mamede (que toma este nome na junção dos dois afluentes) se atravessa na ponte de pau que já sabeis, e onde eu agora, 30 de Julho ao meio dia, me tomára a apanhar á fresca.

Subindo um pouco espaço a costa, atravez de alcantiladas rochas, toma-se a les-nordeste, seguindo tortuosa e mal aberta senda, que em travessia da montanha, sobre a esquerda do rio, leva até ao casal do Fontão, de onze almas, sito na margem do Alcafaz, na raiz do cabeça de Santa-Cruz, a quarto e meio de legua para nós.

Revertendo-se onde se largou o caminho, se continua serpeando a encosta; e no cimo se encontra a povoação de Falgozelhe, de setenta e uma almas, posta a um quarto de legua da egreja, a les-sueste, quasi na extremidade occidental de um ramo do Caramulo. O nome da sua casa de oração é o que á sua altura melhor convinha: Santa-Cruz.

Tomando-se o rumo do sul, e atravessando o rio Agadão por outra

ponte de pau, e serpeando ingreme ladeira, no cimo está o pequeno e vistoso lugar da Falgarosa, de trinta e seis moradores, com uma sua ermida da Senhora da Boa-Morte, a tres quartos de legua ao sul; terra que se ufana com o delicioso de seus pomares de caroço e de espinho, com a annosa matta de sobreiros que a abriga pelo nascente, norte, e noroeste; e sobre tudo, com ter dado á luz o instruido e virtuoso Pastor, que hoje rege aquelle rebanho.

Voltando para o rio, passa-se n'uma bateira um pouco a baixo, depois de se terem abraçado os dois afluentes Agadão e S. Mamede.

Subindo-se até ao vizo, está o lugar da Redonda, de cinquenta almas, com sua capella de S. Gonçalo, a quarto e meio de legua a sudoeste da egreja. Redonda se chama, por estar á borda de um leito semi-circular.

*

Fechemos a topographia do nosso pequeno reino, com as suas confrontações externas.

Parte a freguezia de S. Mamede: pelo norte, com a do Préstimo; pelo poente, com a de Agueda; pelo sul, com as da Aguada de cima, e Balazaima; pelo nascente, com a de Agadão, filial, ou annexa, que ainda então era, á de S. Mamede, e parochia hoje sobre si; paiz ainda por ventura mais serrano e variado, mas que eu não cheguei a descobrir.

X

O territorio de S. Mamede é o extremo occidental de um corpulento ramo do Caramulo, ramo appellidado serra de Alcoba, que em voz

de Moiros quer dizer «abobada», ou montanha boleada á feição d'ella.

Do Caramulo, como tronco d'onde bracejam dispartidos este e outros ramos, alguma coisa quizera eu dizer, á conta do muito que merece. Mas, sobre que nunca o visitei, apesar de tão visinho, recearia apoucar-lhe a veneranda majestade, apertando n'um ou dois paragraphos as vagas noticias que d'elle tive.

Em summa: é uma bizarra montanha rude e silvestre, dominando d'entre as nuvens meio Portugal, larga em fontes e penedias, poderosa em tempestades, em frutos magra, mas opíma em homens e mulheres de antiga tempera: activos, pacientes da penuria, do frio, da fome, e da nudez; é um paiz de selvagens christãos, para o qual as rudes terras do meu S. Mamede estão, em polidez e florescencia, como para os Lacedemonios poderia estar a antiga Attica.

*

Dois monumentos accrescentam veneração ao Caramulo, quanto o podem mesquinhas obras humanas ás grandiosas moles naturaes.

N'um dos seus cabeços mais alterosos foi erguido, nos principios d'este seculo, uma especie de zimborio de doze palmos de altura, pouco mais ou menos, de pedra muito bem lavrada e argamassada. Para quê, não dizem; mas dizem que por um engenheiro francez; rasão por que, os povos da circumvisinhança, por occasião da guerra peninsular, commetteram demolil-o; mas só lhe poderam fazer pelo norte um pequeno estrago. Dura em pé, e só é accessivel do nascente por uma vereda estreita e tortuosa.

O outro monumento não é menos enigmatico, e deve estar farto de ver passar seculos e desfazer-se gerações.

N'uma arremeçada crista, a duzentos passos da egreja do Espirito

Santo de Arca, se alevanta elle, com o titulo immemorial de «Pedra de Arca». É uma desconforme loisa inteiriça, horizontalmente aguentada nos ares por esteios de pedra; quatro em numero a principio, hoje só tres, havendo sido um arrancado para as obras da visinha egreja.

Tem esta lágea de comprido vinte palmos, e de largura dezasseis; de grossura, pelo nascente tres polegadas, pelo norte quatorze, pelo poente onze, e outras onze pelo sul. Os pilares contam de altura doze palmos, só da flor da terra para cima; de largura, um que fica para o poente apresenta nove palmos, tendo de grossura pelo poente palmo e meio, e pelo nascente um palmo. Um, que diz para o sul, tem de largura, por baixo quatro palmos e meio, e por cima tres, e de grossura um palmo de cada lado. O ultimo, que está para o norte, tem de largura, por baixo cinco palmos e polegada, e por cima quatro palmos e polegada.

¿Com que possantes machinas, por que mãos, em que eras, e para que fim, se alevantou ali aquella, que á phantasia se figura bruta meza de gigantes silvestres? ¿Sería obra de fortificação n'um systema de guerra desconhecido? Quasi que nem possibilidades o abonam. Uso agrícola, industrial, ou civil, nem a imaginação mais inventiva lh'o rastreia. Memoria de algum varão ou feito insigne, já a poderia ser. Mas então, ja que rudes tempos a não havemos de referir, visto como nem data, nem letra, nem escultura tósca, nem vestigio algum de arte nem de architectura, mas só uma bruta mechanica, ali se admira!

Religiosa fabrica de alguma gentilidade parece logo aquella; e mais, quando se adverte na semelhança que tem com os altares druidicos, ainda hoje conservados em varias partes do que foram Gallias e Germania.

Verdade é, que por estas nossas terras não rezam as Historias, que se estendesse aquella abominavel seita de sacrificadores de humanas victimas; mas nenhuma repugnancia ha, em que, perseguidos, como o vieram a ser, pelos Imperadores romanos,

alguns druidas se refugiassem para este Occidente, e aqui, em retiros montesinhos, menos accessiveis a pesquisas e perseguições, professassem e mantivessem o seu culto, do qual (se duas coisas mal conhecidas podem ser sem temeridade comparadas) não muito discreparia talvez a religião do Endovélico lusitano.

Este ponto, porém, outros mais sabedores que o investiguem, se vale a pena, como cuido; que eu me torno do Caramulo para o centro dos meus affectos.

XI

Nada concita aos logares veneração, como a antiguidade.

Bem quizera eu poder historiar d'estes meus sitios para além de Moiros, Normandos, e Romanos; mas, por mais que a procure, não rastejo noticia d'essas edades, com que fazer obra.

Se por ahi passaram em algum tempo successos grandes, se houve memoraveis edificios, se varões insignes pisaram aquellas terras, nem ruinas o attestam, nem documentos o declaram, nem tradições o denunciam. O solo enguliu tudo; e nenhum acaso lhe fez ainda restituir uma pedra ou letra para enigmas.

Só ao sudoeste de Falgozelhe, já fóra da sua lavoira, na primeira valleira que se encontra á direita do caminho indo para Agueda, se vê uma fiada de umas como torrinhas, que se estende por mil e quarenta palmos; das quaes torrinhas, só duram hoje em dia os alicerces, e algumas porções deseguaes de muros esboroados a delir-se.

E descendo esta valleira duzentos e vinte e cinco palmos, se dá em uma furna chamada «a buraca da cerejeirinha», aberta a picão

em rocha viva; a qual tem na bocca oito palmos e meio de altura, quatro e meio de largura, e cento e vinte e cinco de comprimento. Da furna é geral fama que fôra aberta pelos Moiros.

*

Em tempos de mais abusão do que estes nossos, acreditou se, dizem os netos, que morava ali Moira encantada, que, todas as madrugadas de S. João, sahia muito pontual e ritualmente, a assoalhar os seus thesoiros por cima dos penedos, entre os mattos orvalhados.

N'esses seculos, entendido está que o terror lhe velava a estancia, e que ninguem se affoitou nunca a ir lá dentro.

Algum Principe afortunado deveu de desencantar a Moira, que actualmente já não ha novas d'ella. As pastoras levam sem medo os rebanhos para a sua visinhança; cantam aos seus hombraes trovas muito christans; e quem quer, lhe devassa (como eu fiz) o seu palacio subterraneo.

A opinião dos modernos tem, que fôra aquella mina aberta, pelos Moiros sim, mas não para tirar oiro, que é sempre a primeira conjectura, nem para serventia militar, que é sempre a segunda, se não só, e prosaicamente, á busca de agua, que em verdade de lá mana, muito fresca e saborosa, mas em pequena copia.

*

Sobre as fortificações engenha cada um a sua hypóthese.

Ha quem as supponha posteriores á invenção da artilharia, por se lhe figurar que só a taes armas podiam ser apropriadas; e ha quem aos Moiros as attribua, fundado em que, posto não ficassem d'elles

por ali outros vestígios, o arabigo de alguns e muitos nomes de logares demonstra, que elles por lá viveram. E se por lá nasceram e se crearam, não podiam deixar de fortificar-se e defender-se contra commettimentos de inimigos, que é esse um instinto natural a todos os homens, mas nos homens das montanhas mais energico.

*

Falgozelhe, em verdade se crê ter sido d'elles povoada, posto que o seu nome, se christão não é (como de certo não é), tambem por arabe se não reconhece. ¿Ser-lhe-hia imposto por gente ainda mais antiga?

Mas, sem nos extraviarmos para essas novas brenhas de fabulas, o em que podemos ficar por mais que verosimil é que, por toda aquella serrana região, estanciaram Moiros em seu tempo; e, se ahi deixaram menos rasto que em muitas das terras visinhas, seria porque a bruteza do monte era já então como hoje, que não dava meios nem licença para grandes obras. Pequenas póvoas, que eram o mais a que podiam chegar, muito faziam em tirar da terra pão com que se manterem; jquanto mais, erigirem castellos, pontes, ou mesquitas, de que se podessem admirar fragmentos depois de sete seculos!

Rebanhos moiriscos pasceram portanto por aquellas encostas. Por baixo de outros tectos rusticos semelhantes a estes, e por ventura no logar d'estes, se acalentaram creanças com versos do Alcorão. Outras arvores, de que estas são remota descendencia, viram passar á sombra das suas copas esvoaçadas da ventania albornozes de lan grosseira e parda, e turbantes retintos; e bois, que sulcaram com o arado o que hoje é talvez poisio, entendiam as vozes do lavrador arabe, e ficariam confusos e immoveis se revivessem para ouvir as da nossa lingua.

Eis aqui o unico perfume antigo que podemos dar a estes povoados ermos, que eu desejaria fazer tão amados de meus leitores, como

de mim o são e serão sempre.

*

Não digo bem. O falar, e os pensamentos, e os costumes, manteem-se ainda antigos. As novidades das civilizações são como a escravidão, e os diluvios: tarde chegam a engulir as serras.

A Linguagem é ali, como os ares, de uma admiravel pureza e lucidez. Se os dictionarios e livros mestres da nossa Lingua se perdessem, pela conversação corrente d'aquellas aldeias e póvoas se poderia restaurar.

Troca-se mais portuguez de lei, mais riqueza de vocábulos, phraseado, e construcção, n'uma seroada de inverno, ou n'um palrar de sésta de segadores entre carvalheiras rusticas, ao estridor das cigarras amadas de Anacreonte, do que entre o ranger dos prelos e o resfolegar das balas, n'um anno inteiro da melhor typographia de Lisboa.

Muitos dizeres classicos, de que por ahi chacoteiam por affonsinos, como o *nanja* o *bofé*, o *canté*, o *quiçá*, e mil outros, sôam por lá sem estranheza em boccas de mocinhos de doze annos nos seus folguedos, ou de namoradas de dezoito nos seus desabafos mutuos em vespera de romaria.

Com a honesta herança da Linguagem, veio dos avós aos netos a das crenças e praticas piedosas, e com esta a de muitos seus erros e abusões. São os insectos e musgos parasitas da arvore robustissima da Fé. Abençoada a Philosophia quando acode a limpá-la sem lhe esgalhar os ramos ou cerceal-a pelo pé.

O tempo vai fazendo a pouco e pouco o seu officio. Não ha curas nem reformas mais prudentes e certas do que as suas, quando á força lh'as não ajudam ou contrariam.

Era por essas terras, poucos annos ha, geral e profunda a credulidade de apparições, phantasmas de almas do outro-mundo, Moiras encantadas, thesoiros escondidos e lobis-homens; e ainda hoje a mór parte dos moradores acredita nos esconjuros, feitiços, bruxarias, adivinhações, e virtudes de certas praticas e fórmulas, para curar ou empecer.

Estas abusões, sem deixarem de ser males muilo innegaveis, dão comtudo sua côr poetica muito particular ao Povo, cuja simplicidade primitiva no viver e trajar harmonisam com taes simplezas da intelligencia.

*

Os figurins parisienses, esses idolosinhos multiformes, a cujo culto vivem adstrictas as gentes das cidades, e muitissima dos campos, são por ora totalmente incognitos na serra. A moda não exerce por lá as suas costumadas devastações de cabedaes, bons costumes, e saude. Os vestuarios e galas de ambos os sexos reproduzem-se com a mesma uniformidade, com que nas suas moitas e arvoredos cada especie vegetal renova as suas folhas e flores.

Os homens vestem de burel, ou saragoça caseira, creada ás costas das suas ovelhas, tosquiada por elles, fiada e tecida por suas mães, mulheres, e filhas, apizoada e tinta (quando o é) sem sahir da freguesia. Trazem grandes chapéos pretos desabados, grande bordão ferrado, menos para defensa, que para arrimo pelo resvaladio das ladeiras, e tamancos cravejados.

As mulheres trajam, sobre camisa de linho ou estopa da terra, sáia de burel de meio pizão, côr de pinhão ou preta, collete comprido justo, sem apêto, e mandil; isto é, obra de vara e meia de burel mais apertado no tear, e sem pizão, que lhes serve de capa, lançado ao desgarre por sobre os hombros. A cabeça, cobrem-n-a, ou com o mesmo mandil, ou com um chapeo como o dos homens. As suas tamancas são menos grosseiras. O lenço de seda ao

pescoço é, como as arrecadas e o cordão de oiro, o ultimo da magnificencia, e as flores da urze ou da carqueja o mais galante enfeite dos seus sombreiros.

São luxos de toucador para dias de festa, feiras, ou romagens, quando calçam, com meias brancas, tamanquinhos de pregaria doirada com sua meia palla de marroquim vermelho, vestem roupinhas de pano burel fino, ou chita, põem gorjetes de filó, ou lenços de cassa bem pregados, e capoteiras de pontas compridas debruadas de fitas. Para a egreja, as mais ricas e senhoras teem mantilhas e sapatos.

XII

A educação apenas desbasta. Parca e imperfeita como a cultura do solo ingrato, só põe mira no essencial: em desenvolver os sentimentos naturaes e religiosos, o afferro á justiça e á verdade, os diferentes amores de que se tece a paz das familias e a harmonia dos visinhos, o respeito á velhice e ao infortunio.

As polidezes requintadas do trato são lhes desconhecidas. Esses discursos de cortezãos, mosaicos de phrases brilhantes, que ora deslumbra, ora entreteem, ainda quando nada representam, inspirar-lhes-hiam compaixão. Pensam o que dizem, e dizem-n-o como o pensam.

Das artes de seduzir, não cultivam nenhuma. Aprendem para ser bons lavradores, boas pastoras e tecedeiras, e bons paes, e boas mães, depois de terem sido bons filhos e boas filhas; e n'isso limitam a sua ambição.

Se ha festas, cantam e dansam como sabem; e sabem quanto basta para folgarem, mais de veras que damas e cavalheiros ao som de orquestras, em saraus esplendidos.

Não falam extranhas Linguas, como nós, mas falam a nossa, que é melhor.

Fora da casa de algum Ecclesiastico, não se desencantaria um só livro em toda a freguezia; mas os louvores da sua moralidade dariam com que encher mais de um livro para nos envergonhar.

A egualdade quasi fraternal por ali reina, por um modo, que a todo o coração bem nascido dará gosto. A *mercê* e o *vós* de nossos maiores são tratamentos para os raros casos em que não cabe o *tu*.

Os logarejos são todos amigos, e em grande parte parentes um dos outros. O mais pobre vai sentar-se festejado ao serão ou á meza do mais rico; isto é, do que na sua tulha tem centeio ou milho para todo o anno; e o abastado interrompe a sua lavoira, para ir fazer com os seus bois a geirassinha do indigente que a não pode pagar; e lhe leva pendurado na canga do arado o sacco da semente, para que elle tenha tambem, lá para o verão, que ceifar para seus filhos; porque toda esta boa gente sabe, por instinto, que as lagrimas, no meio da alegria geral, são mais amargosas para quem as verte, e auspiciam mal o contentamento a quem as presencêia.

É um povo agricola, que ainda não aprendeu a envergonhar-se do seu parentesco chegado com a terra. Entre elles se diz «lavrador», e «trabalhador», como em Londres «fabricante», ou «lord», em Roma «cardeal», ou «monsenhor», em Paris «sabio», ou «homem de Letras», e em Lisboa «deputado», ou «millionario».

As Armas da sua nobreza poderiam ser a charrua e o podão, com o seu paquife de pâmpanos e espigas, e a letra *Ut operaretur terram, de qua sumptus*.

*

¡Que impressão, a principio de espanto, logo de respeito, e a final

de amor, me não fez o presenciar, como, ao revéz da pragmatica das cidades, o trabalho das mãos era ali ennobrecimento, e a ociosidade a maior vergonha!!

Conheci, entre estes montanhezes, quem, havendo em outro tempo vertido o sangue pela Patria, e cingido uma banda, madrugava (como as andorinhas do seu beirado para o trabalho do ninho), para se ir, em pernas e mal roupido, carrear o adubío para a sua fazenda, ou levar do enxadão na roça dos mattos entre os seus operarios. A estes, ¿que os poderia admirar na vida dos Cincinatos, dos Curios, e dos Camillos, se alguém lh'a lesse, a não ser a admiração dos historiadores?

*

As irmans, as esposas, e as filhas de taes homens não poderiam deixar de ser mais varonís do que os homens de muitas outras terras, e de todas as deliciosas.

Para a maioria d'ellas, o fuzo, a lançadeira, e a agulha, com o seu costumado cortejo de cantigas, rezas, e contos tradicionaes, que vão formando semelhante á precedente a geração seguinte, só são passatempos do serão, á luz da candeia, das pinhas bravas, ou da fogueira, que allumia e alegra os penates afumados. Madrugam como a aurora para os trabalhos fortes. Os bois conhecem a sua voz, e se deixam pacificamente jungir e guiar pelas suas mãos. Na vindima, carregam á cabeça cestos, que seriam inamoviveis (como as pyramides do Egypto) para as mãos alvas e beijadas de uma duzia de senhoritas. Nas ceifas, transportam á cabeça montanhas de espigas, tão leves e ufanas sob o pezo como uma cortesã sob o seu chapeo de flores de seda chegado de Paris, ou sob a sua grinalda de brilhantes, cada polegada da qual se poderia resolver em bemaventurança para dez familias. Nas renques dos saxadores e dos roçadores, vel-as-heis brandindo um alvião não mais leve, deixal-os muitas vezes para traz, e envergonhal-os com seu riso de triumpho.

Não ha fadiga, nem sol, nem vento, que as quebrante. O exercicio, Anjo custodio da innocencia e virtude feminil, lhes infiltra ao mesmo tempo no sangue a saude, que do sangue se cõa ao leite, e do leite aos filhos. Seriam as amasonas da paz, se não tivessem ambos os peitos muito bem inteiros, e se os homens seus eguaes as não acompanhassem em todas as lidas.

*

Uma usança patriarchal, ou homérica, d'este paiz, que moralmente parece distar do nosso duas mil léguas, é a sujeição da mulher; facto que eu não moraliso, mas só historio.

As mais graves, tanto como as mais somenos, não só á laia das Penélopes e Nausicaas, intendem no tear e na lavagem das roupas, mettidas no rio até meia-perna; não só no tráfego de porta a dentro, na cosinha para a familia e para os animaes domesticos; mas não se correm nem desdenham de ministrar de pé, como servas, á meza de seus maridos e filhos, nem em dias de festa ou bodo, quando a assistencia de hospedes mais poderia assoprar-lhes o recacho, e empavezal-as. São sempre aquillo: sempre passivas, boas, e contentes.

XIII

Bem estou eu pressentindo, que a muitos parecerão já minuciosas e pueris estas noticias; mas hei-de já agora continual-as, e seja com vénia sua. A outros, sei que prazem; a mim, regalam-me; e para d'aqui a alguns annos, quando o nivel da civilisação tiver tambem renteado as asperezas das serras, alguem festejará encontrar estas antigualhas, nas folhas já por ventura rôtas e descosidas d'este livro.

Por antigualhas vivas poderiam ellas agradar já hoje ao commum da nossa gente; mas então hão-de ser antigualhas fosseis, e portanto com veneração duplicada venerandas.

*

A indole da gente é de si commedida e pacifica.

De todo o genero de vicios e desconcertos se poderão entre ella achar amostras, que emfim, terra é, e não paraíso; mas nem tantas proporcionalmente, nem tão feias e monstruosas em geral, como em outras partes, e em quasi todas.

Para isso conspiram diversas causas: todos conhecem a todos; todos com todos se encontram cada dia. Cada um vive, por assim dizer em publico; ninguem é tão abastado, que possa eximir-se de trabalhar contínuo, para se despendar em vida de enredos, corrupção e malefícios; nem tão extremadamente destituído da fortuna, que a miseria, a inveja, o despeito, o despenhem de salto em salto até ao fundo da depravação. É o *inter utrumque*, a *aurea mediocritas*.

Conservam inteira a Fé religiosa.

Não lêem, nem conhecem, nem levariam á paciencia, jornaes que desorientam, desencantam, e põem o genero humano em guerra viva comsigo mesmo.

E muito menos lêem, conhecem, ou soffreriam, esta Literatura toda novella, toda sophismadora de tudo, toda florída e venenosa, que por cá nos trabalha, e de cujos herpes adoecem até as familias, que a maldizem, e a repulsam da sua porta.

Por lá, não; o mal que se fizer, ha-de só provir da fragilidade, ou dos impulsos subitos da natureza; e, depois de consumado, ha-de deixar

na consciencia remordimentos.

Uma apologia, uma deificação para cada crime, nem possível a julgam; quanto mais, feita, impressa, corrente, elogiada, e seguida como aphorismo, onde e quando com algum nosso pressuposto interesse se conchava.

D'estas varias causas, negativas e positivas, e talvez de outras mais, resulta que tanta vantagem nos levam elles em bondade pratica e innocencia, quanta a que lhes nós levamos em polidez, em graças exteriores, em tactica, em egoismo infernal e assolador. Nos amores ponhâmos o exemplo:

*

Os seus amores se limitam no que a Natureza concita, requer, e persuade: tendem á união, de que se originam as familias, e por onde a especie se mantém.

Como lhes falta o ocio, pelo qual muito bem disse Ovidio ser a maior arte do amor, e o culpado nos seus peores desatinos, e além do ocio lhes fallecem tambem sobejidões de cabedaes, que estimulam e irritam as phantasias, para o casamento se namoram, e não por alardo; para goso do coração, e não da vaidade. Põem no merecer as diligencias que outros põem no conseguir; no reter, a felicidade que outros imaginam encontrar no repellir e desprezar depois de saciados.

Não vivem os sexos n'uma guerra perpétua de seducções, de emboscadas, enganando-se e sacrificando-se um ao outro.

A mulher não lavra registo dos seus adoradores; nem o homem se ufana em desenrolar diante dos seus conhecidos, nos corredores de um theatro, ou no vão de uma janella de club, em noite de baile, um copioso canhenho, meio historico meio fabuloso, dos seus triumphos. Ali, ali é que as mulheres se podem gabar de ser

amadas, pois o são sem disfarces nem encarecimentos; são-n-o pelas suas próprias graças, pois nem modistas, nem cabelleiros, nem cosmeticos, nem perfumadores, nem mestres, nem lisonjeiros, nem romances, as transformaram. São-n-o pelo que são, e não pelo que possuem ou representam, pois nem representam nem possuem nada.

Palacios, creadagem, diamantes, não lhes vão lá supprir lindezas do corpo, graças do animo, ou preciosidades do coração.

Não é entre prestigios deslumbradores, n'um ambiente de calor artificial, estimuladas ou vencidas do exemplo, da ocasião, do medo ao ridículo, e da audacia emprehendedora, não é ao abrigo do estrondo e confusão de um baile, que ellas recebem e fazem as suas primeiras declarações; é ao serão, com a sua roca na cinta, na presença de suas mães; ou, quando muito, na romaria, sentadas na relva com as parentas e amigas, em derredor da merenda, á sombra das carvalheiras.

São amores que se não escondem, porque não teem de quê; amores que se exalam debaixo do ceo azul; que se juram pelo Santo da illuminada capella do festejo, ao som folgasão da *Mirontella* roncada pela gaita de folle, rainha, alma, e feiticeira ambulante do arraial.

No progresso de taes inclinações é sabedora e consentidora toda a vizinhança; e esta mesma notoriedade defende os nossos namorados, tanto de se deixarem arrastar de seus mutuos desejos, como de se desvairarem e cahirem em infieis.

Ao consorcio da Egreja, antecede o dos corações, não menos obrigado a lealdade e observancia. Nenhum Lovelace de véstia commetteria galantear a conhecida por *emprêgo* de outrem, certo em que nenhuns lucros lhe surtiria o empenho, senão só motejos e descredito.

D'este modo se estende ás vezes por annos, com uma constancia

verdadeiramente biblica, até ao dia da posse, o bem-querer d'estes Jacobs e d'estas Rachéis.

¡Quantas Lisboaetas de saráus, se quizerem ser sinceras, hão de confessar que a escolha que n'um baile fizeram... só durou até que veio o baile seguinte! ¡Quantas, quantas, cujo numero de arrojados (concedendo que pelas duas orelhas que Deus lhes déra não ouviam dois ao mesmo tempo) se poderia contar, perguntando á sua modista franceza quantos vestidos novos lhes havia feito!

Não assim lá. A que foi vista, na ceifa do anno passado, demorar-se mais a encher a malga para certo segador que para todos os outros, e pedir-lhe sempre a elle que lhe ajudasse a pôr á cabeça a gavella das espigas, essa continuará a fazer o mesmo na colheita d'este anno; continual-o-ha na dos futuros, até que, tornada sua mulher, os cuidados dos filhos e da casa a impidam de seguir, como antes, por passos contados, o seu gosto.

Observação tão curiosa como verdadeira:

Com toda esta liberdade, com os frequentes encontros a sós, que a variedade dos serviços rusticos tão a miudo lhes depara, rodeadas da Natureza por todas as partes, vendo livre o amor nas aves e nos rebanhos, favorecidas pela solidão selvática e pelo silencio, e pelas moitas, e pelas quebradas do solo, e por dois crepusculos em cada dia, e em cada semana de inverno por tantas tempestades improvisas, como aquella que rendeu e debellou a vidual constancia de Dido e a piedade de Enêas, quando o hymeneu deu com o relampago o signal de suas bôdas, e as nymphas pelos altos dos montes ulularam; com tudo isto, os exemplos de fragilidade como a de Dido por phenómeno se apontam; e annos e annos se devolvem, sem que um só se realise.

Quando porém se dá, e vem a lume filho não de benção, o peccado de amor não se carrega de crueldade. O innocente não se faz victima expiatoria dos culpados, perdendo a vida entre as mãos de quem lh'a deu; horror nefandíssimo, inteiramente desconhecido

d'aquelle horizonte para dentro; nem tão pouco é enviado, como um roubo, pelas trevas da noite, á porta lá ao longe de um desconsolado asylo, aberto pela misericordia em lagrimas ás lagrimas dos filhinhos sem mãe, nascidos em signo de rigor para se crearem sem beijos nem carinhos, viverem sem nome nem parentes, e se finarem sem heranças, nem lamentos, nem memorias.

Não, não. Nem pelo infanticidio physico, nem pelo infanticidio moral, mereceria qualquer das minhas serranas um falso titulo, que ainda mais a faria corar, que a tácita confissão da sua culpa. Sabe renunciar os louvores com que d'antes a coroavam; ousa desherdar de antemão o seu cadaver do palmito, symbolo pósthumo do feminil triumpho; tudo ousa; tudo... como lhe fique para consolação da sua queda o encanto ineffavel de apertar nos braços o seu filho. Se o mundo todo, se o proprio amante, a desamparasse, tudo tudo esquecêra vendo-o rir; sorrira, e sentira-se afortunada. De não ser donzella, nem esposa, hartos a compensa a consciencia de preencher inteiro, a espinho e espinho, a flor e flor, o sublime encargo, o natural sacerdocio da maternidade.

Estas resignadas victimas, immoladas por um amor, por outro amor ressuscitadas mais interessantes, estas victimas, em quem a virtude, produzida pelo arrependimento, excede talvez em quilates, e eguala quasi em lustre a virgindade, são poucas; são rarissimas; custar-nos-hia a encontrar uma. Quando porém a desencantassemos, lembrando vos do que sabeis d'estas nossas grandes terras, fio-vos que bastante commiseração e respeito vos infundira.

*

Casas de perdição para a mocidade, como nos povoados grandes se alinham em ruas e ruas, e até já por villas e aldeias vão surdindo, não se conhecem lá, nem se poderão tão cedo conhecer.

Como leprosa seria evitada, e pereceria á mingua, e de vergonha, a

que se propozesse esse culto venal de praseres falsos, em que as sacerdotisas, coroadas de flores e mascaradas de sorriso, são victimas das victimas que ellas sacrificam.

Por isso tambem, a saude, o vigor, e a energia, se manteem, e se transmittem de paes a filhos, juntamente com a harmonia e serenidade dos casaes.

XIV

Dos amores vinhamos falando; falemos do que em outros sitios lhes serve de sepulcro, mas não lá; falemos do casamento.

*

Os casamentos não são nunca determinados por considerações de haveres ou de jerarchia. O cálculo rala pouco os pensamentos d'estas gentes, acostumadas a viver com pouco, e a confiar muito na Providencia. As palavras *dote* e *escrituras* apenas seriam entendidas.

Como um dos dois namorados chega, a poder de fortuna, ou de trabalho e economia, a ajuntar para *uma cama de roupa*, uma teia de estôpa, outra de linho, uma peça de burel, dois escabellos e uma banca de pinho, uma panella e dois pratos, uma candeia de folha, um bácoro, seis alqueires de milho, e outros tantos de centeio, tem agarrado as melenas da fortuna, e trata logo de a jungir com o hymeneu ao carro do Amor.

O noivo dá á sua futura um presente, o qual, pelo commum, consta de um anel, meias, e sapatos; e a noiva ao seu futuro uma camisa para o dia grande.

Mal que este desponta, vê já de pé os dois afortunados, garridos e bizzarros com o seu *aceio* dos domingos: ella, sobretudo, flammante como uma Imagem, com arrecadas, cordões, e alfinetes sobre lenço de seda, mantilha lustrosa, ou chapeo de feltro novo com enfeites.

As que para tanto não teem guarda-roupa, teem amigas e visinhas, que de boa-mente [lhes](#) acodem, cada uma com o seu *melhorado*, convencidas como estão (especialmente as solteiras) de que alguma coisa da benção matrimonial poderá vir apegada aos diches e galas que figuraram no apertar das mãos.

Muitas noivas, crentes na sabedoria de suas avós, se preparam de vespera para este acto, banhando-se em agua de alecrim, que sendo florído tem mais efficácia, e mettendo antes de adormecer debaixo do travesseiro (suppondo que em tal noite se possa adormecer) uma roca e um fuço bem liados entre si, e recobertos com alguns arméos de linho e lan; no que, vai grande condão de conformidade de animos, perfeição de ajuntamento, e dura do bem-querer; com tanto que o mesmo fuço e roca, assim maridados, não falem debaixo do mesmo travesseiro na primeira noite do consorcio.

O pretendente, com os seus apaniguados, espera já á porta da noiva a sua sahida. Esta apparece emfim, como uma aurora da serra, incendiada de pejo, e orvalhada com as lagrimas da mãe; e segue com o rancho, a pé, caminho da egreja, levando ás costas as benções do pae, em que ainda por lá se crê, a turbação no seio, e nos ouvidos os votos e resas de bom agoiro, recitadas com fé por alguma velha mais sabida.

.....

A igreja está já á sua espera aberta, juncada de espadana, com o altar enflorado de fresco, e a alampada atçada.

A cerimonia tem ali o que quer que seja de tocante, de mais bom que nas cidades. Em quanto o Pastor, a quem todas suas ovelhas amam, e que a todas as sauda por seus nomes, profere as palavras rituaes do sacramento, ou improvisa apóz ellas um affectuoso discurso sobre os deveres mutuos e a felicidade dos casados, o silencio profundo do templo não é interrompido com pregões de vendedores, rodar de seges, marchas de tropa, brados de mendigos, assobios de rapazes, martellar de artifices, zabumbas de arlequins.

Nenhum d'esses disparatados sons, discorde symphonia das cidades, vai profanar a mystica poesia d'aquellas reminiscencias patriarchaes, e afugentar as evocadas memorias de Lia, de Rachel, e de Rebecca.

O que unicamente chega lá de fóra, é o chilrar de algum passaro sobre alguma cerejeira do adro, o amoroso carpir de alguma rôla na matta de S. Sebastião, ou a voz de algum lavrador estimulando os bois perguiçosos no trabalho do passal; tudo fragmentos e despertadores das alegrias da Natureza, ou dos innocentes e primitivos exercicios da progénie de Adão.

Não sei como isto diga: mas parece-me que assim se casa com mais clara e muito mais formosa benção.

*

É um dia solemne da vida aquella, em que duas almas votam a Deus não ser mais que uma, fazer de duas vidas uma vida, de dois nomes um só nome, como de duas metades distinctas se forma um todo inseparavel.

É um dia, sem duvida, para quem bem o pondéra, solemníssimo, e que, por isso mesmo, se deveria por todos os modos pintar com indeléveis e suaves tintas na memoria, para que a sua imagem no meio das tentações pudesse acudir como Santelmo resplandecente no meio das tempestades.

Quem se recordar de que proferiu o seu voto, e escutou com jubilo outro igual, onde tudo era pacifico e risonho, onde nenhuma congéries de obras humanas encobriam as maravilhas da Mão Divina, onde com o sol entravam sombras de arvores, e descantes de aves livres, e fragancias naturaes com as virações, quem, repito, de tudo isto se recordar, ha-de-lhe parecer que Deus percebeu melhor as suas palavras; ha-de alguma vez devanear em si (mas que o não diga) que bem poderia ser que alguns Anjos estivessem ali, em tão donoso tabernáculo, a bafejar a prisão de seda e oiro, que para sempre unia o homem e a mulher...

*

Desde que saem da egreja, por baixo de um repique de sinos alvoroçados, e por entre os parabens e vivas dos assistentes, encontram, começando logo no adro, de praso a praso, por toda a extensão do caminho até á casa, arcos, enghados á pressa, de loiro, ramos de pinheiro, oliveira, roble, canas verdes, e quantas hervas e plantas bravas menos espinhosas ou mais floridas brota o monte.

Ao-pé de cada arco, sobre um tamborete coberto com a sua toalha, e ladeado de duas cadeiras para a heroína e heroe da festa, estão, postos de antemão pelos muchachinhos que formam a primeira frente do préstito triumphal, um prato de bolos, e frutos verdes ou sêccos para quem os quizer tomar; outro vazio, para a gratificação voluntaria, que ninguem deixa de lhe lançar.

Entre estes arcos alguns ha, de maior pompa, e industria mais esmerada; foram esses prevenidos pelos padrinhos, ou pelas

proprias familias de seus afilhados. Nos primeiros rescendem sobre urna meza dois ramalhetes naturaes, que enchem uma salva ou prato grande, e que os mesmos padrinhos offerecem, com palavras de sincero affecto o mais bem concertadas que podem, um á moça, outro ao mancebo; os quaes, logo a diante, de ordinario entre si os trocam; e junto á salva dos ramalhetes se vê um abundante refresco de bebida e comida para todo o acompanhamento, sendo o acepipe obrigado ás filhós de mel.

Em cada uma d'estas *estações* chove de todas as partes a saraivada dos confeitos; bebe-se á saúde dos «bem empregados» e «de quem d'ahi a nove mezes ha-de vir.»

*

O jantar d'este dia é copioso e demorado, com tantos convivas quantos admitte a sala; e as portas abertas; e os copos e as boas vontades prestes para quem se quizer apresentar.

Entre a madrinha e o padrinho ficam assentados, na cabeceira da meza, e o mais proximo que se pode, o desposado e a desposada. Primeiro disse «o desposado» (contra a regra do nosso falar galanteador), porque o logar da direita se lhe dá a elle. A dignidade varonil em nenhum lance esquece entre aquellas gentes primitivas.

N'um d'estes banquetes, a que assisti, comiam ambos no mesmo prato, e com um só talher, e bebiam pelo mesmo copo; o que, não obstante fazer durar a refeição dobrado tempo, não deixava de ter graça pelo seu bonissimo sentido, que não podia ser outro senão representar a communitade e harmonia intima, em que esperavam e professavam de viver.

*

À noite ha saráu rasgado, com concerto de violas, rabecas, e ferrinhos, dando se a rôdo comer e beber aos tangedores.

Em quanto dançam, algumas moças donzellas se furtam subtilmente á companhia, para irem enfeitar de flores o leito nupcial, desfolhar entre os lençoes rosas de cheiro (se a estação as dá), e guarnecer a roca e fuzo symbolicos de amores perfeitos.

Tudo isto vai ligeiro; e quando o gallo, unico relógio da terra, grita da quinta que é meia-noite, ha já muito que os obsequiadores bondosos teem deixado a casa em socego e liberdade. Horas de calma de certo suavissimas, apóz um dia todo por fora e por dentro tão festejado e tão revôlto.....

XV

O nascer de cada filho é uma festa.

Como teem robusta fé na Providencia, crêem (e mostra a experiencia que se não enganam), crêem e repetem, que filhos ainda em casa pobre são riqueza; que por taes penhores se obriga Deus, que é o Pae commum, a lhes acudir com mais larga mão; e que a meza, por ter mais Anjinhos ao pé de si, se não ha-de fazer mais escaça, se não medrar á proporção de tão bons hóspedes.

E em verdade: se a descendencia nas cidades é tantas vezes um onus, um sorvedoiro, e um terror; se tão commummente se ouvem mães e paes deploral-a como castigo e praga; lá na serra, onde ha trabalho proporcionado a cada idade, lá na serra, onde, como em enxame bem regido, todos os consumidores são productores; lá, onde só são necessidades as necessidades, e onde, em fim, os paes são os mestres, o exemplo lição, a laboriosidade e sobriedade herança; ninguem se atormenta sorteando na phantasia empregos

ou futuros novos para a sua progénie. Lá os filhos são rebentões, que alegram, remoçam, e espécarão a seu tempo a velhice decadente de quem lhes deu o ser, seiba, e sombra.

*

Vinda a lume a creanca, entre um côro de mulheres experimentadas em taes lances, que supprem a falta de parteiras e doutores, tem-se já prompta a canastra que lhe ha-de servir de berço.

Por todos os oito dias e noites que precedem ao Baptismo, é escrupulosamente velada, para que não venham bruxas malfazejas a chuchal-a. Para esse fim se mantém de sol a sol candeia bem experta; e ao clarão d'ella, com os olhos fitos no innocente, e quasi sempre em pé para que as não tome o somno, se revezam a uma e uma, fiando na roca, as amigas da casa.

Algumas sabem versos muitos bons contra maleficios, que vão entoando com a sua cantilena propria, em quanto com a ponta do pé embalam brandamente o bercinho. Algumas folhas de oliveira ou palma, que figuraram no altar em Domingo de Ramos, queimadas n'esta occasião, diz-se que tambem provam muito bem, assim como seus borrifos de agua benta pelas portas e janellas.

*

Não sei eu, se todos acham n'estas reliquias vivas de romanas crenças a graça, a fragrancia poetica, o saudoso de innocente boa-fé, que lhes eu sinto.

¡Cuidar que ainda agora as mulherinhas de uma serra nossa, e tão christan como ella é, praticam o mesmo que os legionários romanos provavelmente ensinaram a nossas avós ha mil annos, e mais, pelo terem visto fazer nas aldeias da sua terra a suas mães e mulheres!

¡Cuidar que estamos vendo, com pequena degeneração, o que o mais rico poeta da Antiguidade se deliciou em cantar das crenças da sua gente! E se não, oiçâmol-o, e julgareis:

Negreja ao réz do Tibre annoso Helerno,
santo bosque, onde levam sacrificios
inda agora os Pontífices romanos.

Ali nasceu outr'ora, ali vivia
a que nossos avós chamavam Grane,
casta Nympha, de excelsos pretensores
pedida vezes mil e em vão pedida.
Era seu exercicio errar nos campos,
as feras perseguir com dardo agudo,
e as redes emboscar nos fundos valles.
Inda que aljava ao lado não trouxesse,
criam-n-a irman de Phebo; o parentesco
não poderia, ó Phebo, envergonhar-te.

Quando algum namorado a requestava,
tinha prompta a resposta.—«Aqui,—dizia—
ha nímia luz, e a luz dobra a vergonha...
Se preferes entrar n'aquella gruta,
sigo-te.»—Á gruta o crédulo voava;
ella torcia o passo, ia á carreira
das moitas na espessura homisiar-se;
d'ali desencantal-a era impossivel.

Viu-a Jano, e de a ver ficou perdido;
combateu lhe o rigor com brandos rogos,
e a sólita resposta obteve em prémio:
que entrasse além na gruta. Obedeceu-lhe;
segue-o a principio a Nympha... eis pára... eis foge.
O que lhe fica apóz vê Jano. Ó louca,
no usado esconderijo em vão confias;
olha como t'o observa, e t'o devassa.

Não ha que resistir-lhe... eis-te em seus braços;
eil-o contigo a sós na cava penha,
onde havias buscado o teu refugio.

Saciados os sôffregos desejos,
—«Em paga d'este goso—exclama o Nume—
dos quícios a tutella eu te confio;
pela honra perdida esta conserva.»
Assim falando, candida varinha
lhe entrega, com que os tétricos asares
das protegidas portas afugente.

Existem de brutal voracidade
umas infames aves; não já essas
que de Phineu a meza espoliavam,
mas da mesma relé: cabeça grande,
fito olhar, bico audaz, grizalhas plumas,
garra adunca; esvoaçam pela noite;
onde encontram creança ao desamparo,
que a ama deixou só, prestes a empólgam,
arrancam-n-a do berço, e a dilaceram.
Diz que as lactentes vísceras co'os róstros
lhes picam, lhes devoram; teem as fauces
sempre repletas de sorvido sangue.
Do *estridor* com que as trevas alvorótam,
lhes vem o nome: *estriges* se nomeiam.

Estas pois, quer de si nascessem aves,
quer em aves, de velhas que antes foram,
fatal conjuro marso as encantasse,
penetraram de Proca no aposento.

Com cinco soes de idade, o innocentinho
era ao bando ferino egregio pasto.
Já co'as gulosas linguas ferem, sugam
o tenro peito nu; sôam do infante

os consternados trémulos vagidos,
com que, á falta de voz, auxilio pede.

Corre a ama assustada; acha nas faces
do caro alumno seu lavado em sangue
das brutas garras os crueis vestigios.
¿Que fará? vê-lhe o rosto exangue, murcho,
que na côr arremeda as tardas folhas
já do rígido inverno bafejadas.

Corre a Grane; o successo lhe relata.
—«Cobra valor—a Nympha lhe responde;—
viverá teu alumno.»

Entrada ao berço,
acha a mãe, acha o pae, sôltos em pranto.

—«Eis-me; enxugae as lágrimas—exclama;—
vou tornar-vol-o são.» Diz, e tres vezes
de medronheiro com frondosa vara
fere da estancia as portas; outras tantas
co'a mesma vara o limiar sinála;
rega o ádito; as aguas com que o rega
encerram salutifera mistura.
Entranhas cruas de bimestre porca
toma nas mãos, e diz:

—«Aves da noite,
í-vos, deixae as puerís entranhas.
N'esta pequena victima tenrinha
o tenro pequenino aqui resgato;
é coração por coração; tomae-o;
por visceras são visceras; redima
esta existencia immunda outra mais nobre.»

Finda a sacra oblação, corta o deventre,
e esmiunçado o vai pôr aos ares livres,
prohibindo do rito ás testemunhas
olhal-a então ninguem; por fim colloca

a vara de oxiacanta, o don de Jano,
na janellinha que dá luz ao quarto.

Consta que desde então não mais volveram
ao berço aves ruins; saude, cores,
tudo refloresceu no innocentinho. [3]

*

O padrinho presenteia a comadre no dia do Baptisado com dois côvados de baêta encarnada ou verde, vinho, assucar, arroz, um cabrito, ou peixe, conforme o dia em que acerta. A madrinha dá um vestido, duas camisas, e uma touca. Cada um dos convidados, um pichel de vinho, segundo o seu brio.

Este dia é quasi tão festivo como o do casamento, pois n'elle se cumpre a benção que no primeiro dia se recebêra, e está salvo o interessante pimpôlho para a outra e para esta vida; sendo averiguado, que as bruxas nada querem com sangue a que a agua e o sal tiraram o saibo do peccado.

XVI

Além d'estas duas festas, domesticas e privadas, casamento e baptisado, cada povoação celébra a sua, pública, no dia do Orago da sua capella. Tem fogo do ar e salva de morteiros á Missa cantada; banqueteiam-se uns aos outros; e, se o anno correu próspero, e as posses o consentem, andam já desde a vespera á tarde pelo adro, viellas, e azinhagas, a gaita e o tambor, e despovôa-se a visinhança com o chamariz do fogo de vistas nomeado de *armação*, ou *parreira*.

Por esta occasião, nas casas principaes, isto é, nas menos

apertadas, saltam-se até a meia-noite as danças, pela mór parte cantadas, do bom Portugal velho; danças, das quaes, para fóra d'aquelle vivente archivo de antiguidades, nem já, quasi, os nomes se conservam. São o *caracol*, o *Senhor da serra*, o *lundú*, ou *landum*, o *escalhabardo*, a *ribaldeira*, o *Francisco bandalho*, etc.

A excitação do saltar, a virtude inspiradora do vinho verde, e um pouquinho o natural desejo de brilhar diante das raparigas e dos rapazes, fazem ás vezes com que ahi appareçam, como nas romarias, como nos serões dos lagares, escamisadas de milho, e outros ajuntamentos de gosto, poetas e poetisas que trovam de repente, e á porfia, por espaço de horas, ao som da flauta de canna, ou da viola.

*

Por de mais seria querer dar ideia de taes improvisos.

Os cantores, quer sejam homem e mulher, quer homem e homem, estão em pé, um diante do outro, no meio da roda dos ouvintes. A toada de que se ambos servem, é sempre das mais populares, e vai toda remançada, para que as ideias e rimas tenham lazer de acudir. Ás vezes, por desgarrar ou desfastio, se deixa degenerar de cantoria n'uma especie de declamação accentuada.

O seu verso é o de sete syllabas; o seu periodo, quatro versos, correspondendo-se o segundo e o quarto com toantes ou consoantes; isto é: usam das quadras correntes em todo o Reino.

Alternam-se de quadra em quadra, ou de duas em duas quadras, conforme lhes convém.

Principiam (é obrigado) por uma especie de elogio, ou vénia, ao dono da casa, se é em casa que se tem o descante, ou aos assistentes, se é em terreiro. Passam logo a tratar do objecto da festa, ou dos seus proprios amores; e d'ahi, muitas vezes sem

transição, saltam para um genero entre elles muito saboroso, que se poderá chamar o «rustico [fescenino](#)», se, de envôlta com as chufas salgadas, fossem tambem como entre os Antigos, os dizeres e entenderes licenciosos. Um ao outro se empulham e desempulham, como os dois pastores virgilianos, com surriadas de impropérios sempre ao galarim, sem que o fogo das palavras prenda nunca nos corações. Com a mesma feição com que dizem, com a mesma ouvem; e tão avindos saem da contenda, como n'ella entraram.

Um primor d'este chancear consiste em tomar cada um, para urdimento da sua trova, o verso, phrase, ou palavra final, da do seu adversario, por mostrarem assim que não vinham aparelhados para o duello, e que tudo quanto esgrimem lhes acudiu, extemporaneo.

*

Uma coisa faz estranheza a quem assiste pela primeira vez a taes porfias, e em geral a todo o cantar aldeão; e é: que a primeira metade de cada quadra tem frequentemente um sentido diverso, e desconnexo do sentido da segunda metade.

Os primeiros dois versos conteem uma sentença geral, uma verdade vulgar, uma imagem campestre, a exposição succinta de qualquer facto, mas sem relação alguma com o assumpto que se versa, o qual só nos dois versos ultimos apparece.

Vão exemplos, visto não estar em academia, mas em pratica de amigos com meus leitores:

O loireiro bate bate,
que eu bem o sinto bater.
Para comigo cantares
has-de tornar a nascer.

Á couve se come a folha;

come-se a raiz ao nabo.
Só te espero ver casado
sendo mulher o diabo.

Navio d'el-Rei é grande,
é grande e chega ao Brazil.
Se namorares alguma,
não seja á luz do candil.

Sequidão cria o centeio,
frescura cria os repolhos.
¡Quem me estreára contigo,
menina, os lençoes de folhos!

Já se vê, por estas amostras, que a improvisação não é tão difficil coisa, nem para tantos encarecimentos, como a teem feito alguns viajantes, d'estes que só viajam no seu quarto, embarcados na sua poltrona.

É por cá o mesmo, que provavelmente será por toda a parte, sem exceptuar a Italia, com que tanta bulha se nos faz.

*Al porto di Livorno
è giunto un bastimento.
Cara, morir mi sento!
mi sento, o Dio, mancar!*

XVII

Muito, porém, se enganára, quem inferisse que toda a poesia dos meus serranos é de igual teor; porque, sobre conservarem muita xácara de bons tempos, com as suas lacrimosas cantilenas tão

singelas, tão simples e aprasiveis como ellas (o que já não seria pequeno cabedal), cantam, e ás vezes engenham com singular felicidade, quadras repassadas de amoroso affecto e graça natural, que um poeta de nome não enjeitaria.

E ¿que muito? ¿Por que não haviam de nascer estros por ali, onde ha tanta Natureza, tantos sitios inspirativos, tão bons ocios na solidão, tantos amores (je amores tão bem empregados!), e tão largos horizontes para a saudade!

¿Por que não haviam elles de nascer, quando até pelas nossas encruzilhadas mal cheirosas e escuras, pelos nossos botequins fumosos e azoinados, pelas casas d'essas ruas feias, onde olhos e ouvidos se perdem e afogam em prosidade vil, rebentam, viçam, e não raro floream, talentos de estimação e de valia?

Mas a cada qual a sua boa dita, e o seu fadario: aos das cidades, muitas coisas lhes empecem (não falando no desamor que os esfria, e nas parvoas invejas que os matam); aos montanhezes, afóra a Natureza, que lhes abunda, tudo mais lhe mingúa. São poetas, sem adivinharem que ha poesia, como de Hesíodo se conta, a quem, sendo humilde pastor, appareceram as Musas, não invocadas, para o bemfadarem.

*

¡Oh! ¡Que de Hesíodos se não esperdiçam, e, por falta de um prodigio que os desencante, fenecem desconhecidos ao mundo, e a si mesmos!

.....

De uma pobre mocinha ovelheira posso eu dizer; que por tardes de verão muita vez a ouvi sem que me ella visse; eu reclinado nos degraus da capella de S. Sebastião; ella ali perto, cantando e fiando em pé á sombra de um sobreiro, no meio dos balidos do seu fato; ella e eu, como bem se pode crer, ¡enfeitados com a placidez de

tão livres horas em logares tão fugidos, tão sobranceiros ao mundo todo!

De amores eram os seus versos, e amorosa a sua fala. Brotavam-lhe todos corados, não da memória se não do espirito; e o espirito d'ella, estava-se conhecendo que lhe residia no coração, tão bem, tão bem, tanto a seu grado, como em estufa bem quente uma planta mimosa, que um ameaço de frio mataria.

Não sabia ler; raro teria visto a quem o soubesse. Nunca ouvira de obras de poesia senão as cantigas da sua terra, o murmurinho dos seus rios; de madrugada a cotovia perdida pelos altos do ceo; ao meio-dia as porfias das cigarras; ao descahir da tarde o badalar longinquo das Ave-Marias; ao cerrar da noite o regosijo da aldeia, que torna a ajuntar os seus moradores, os seus rebanhos, os seus carros, as suas creanças, os seus rafeiros, toda a sua orchestra tão bem temperada para a alma; de noite os grilos e o rouxinol; e em sonhos... a fala talvez do seu namorado.

Por aqui se resumia a sua bibliotheca; e comtudo, não ha encarecer o que ella improvisava para as suas ovelhas, que a não entendiam; para mim, que me occultava com mil cuidados para não afugentar tão melodiosa ave; e para o ecco, para o ecco sobretudo, unica voz que podia levantar-se ao-pé da sua.

Era a inspiração lyrica mais formosa, se não a mais remontada. Eram os objectos do seu limitado universo a mirarem-se na limpidez dos seus affectos, virginaes e namorados ao mesmo tempo. Eram as palavras destillando-se cada uma da sua ideia com a propria côr, com a propria fragrancia que lhe competia. Era o metro a correr, sem quebra nem extravasamento, a flux, sereno, sonoro como a fonte do passal. Eram as rimas a vir poisar espontaneas, faceis, afinadas, uma de fronte da outra, como em dois arbustos diversos no mesmo valle se respondem dois passaros gorgeando. Era tudo, emfim, quanto a Arte requer, e só a Natureza pode dar aos seus mimosos

.....

¡Pobre mocinha! ¡Dezasseis primaveras!... Até já as suas ovelhas se esqueceriam d'ella. Dissipou-se como um sonho de poesia. Não deixou mais vestígios sobre a terra, do que aos eccos haviam deixado os seus poemas. Se ainda canta... já não é a terra quem a ouve. Remontou o vôo muito mais alto que o da cotovia sua mestra; engolfou-se por entre as scismadoras estrellas, que tantas coisas em segredo lhe ensinavam; e virgem entre os Anjos, irman entre seus irmãos, entretece a sua voz immortal no cantico sem limite

.....

XVIII

Com a Poesia da montanha, releva fazer tambem menção da sua Musica.

É esta quasi toda antiga; antiquissima poderamos dizer de muita; e conserva puro e extrême o primitivo sabor. Condiz com a Linguagem, com o trajar, com os costumes; seria excellente oráculo para consultarem os modernos compositores de operas nacionaes. Assim se temperariam para os nossos ouvidos, os quaes, posto que affeitos de annos para cá a peregrinas melodias de muito mais altos quilates, ainda comtudo se ageitam e conchegam melhor com as toadas sentidas e singelas da nossa creação.

Nas boas horas fique a musica italiana, pois que entrou, e nos cahiu, e o merece; mas, porque bizzarros agazalhamos a digna hóspeda, não se diga que aposentámos nos sótãos a parenta velha, bondosa, e amiga, por trazer vasquinha e falar chão.

Rossinem, Bellinem, e Donizettem quanto quizerem; façam-n-o até (se já não pode ser por menos), façam-n-o a frouxo e a granel por essas comedias e farças, em que fala gente do nosso sangue e dos nossos nomes. Mas uma vez ou outra (*al de menos por cortezia*,

como dizem os meus serranos), deixem-nos ouvir em boccas patricias coisa que nos alembre das cantilenas de nossas amas, cantilenas que, ainda depois de apagadas da memoria, lá se ficam algures no coração, com quanto basta de vida para ressurgirem ao primeiro aceno.

Ponha-nos alguém degradados em terra extranha, entre mil arvores e arbustos exóticos da mais admiravel louçania; mostre-nos lá, emboscadinho na herva, o malmequer da nossa primeira adolescencia, a papoila retinta, que nos ria d'entre o verde da seára, quando meninos; a papoila e o malmequer muito mais nos hão-de conversar com o coração um só minuto, que todas ess'outras flores mais soberbas em toda uma primavera.

Se é vergonha... seja; curtil-a-hei; mas sempre digo que muita vez n'esses theatros, por ahi, me estão lembrando com saudades os descantes da serra.

Uma ária opulenta, refeita de sciencia, espinhada de dificuldades, a dominar o temporal desfeito da orchestra que se lhe revolve aos pés, a sumir os seus píncaros florídos e trémulos pelas nuvens, admiro-a, applaudo-a, e esqueço-a. Abalou-me tudo, a fora o coração.

Porém certas cantigas que eu sei... não as applaudi, não as admirei quando as ouvi, mas senti-as repassar-me até ás fibras intimas; assimilaram-se-me com os humores; converteram-se-me para logo em substancia propria; ficaram-se-me cantando per si, sem voz, no meio do silencio.

Eram faceis e pobres; seriam; mas eram do meu Portugal, dos meus ares, da minha terra. Conheciam-me, e conhecia-as eu, ainda antes de as ter encontrado.

E tambem, ¡que melodiosas, que engraçadas não são algumas, até para orelhas forasteiras, quanto mais para as do seu molde!

*

¡Oh! ¡se a penna fôra varinha de condão! ¡Se, em vez de vos falar do que por vocábulos se não exprime, podesse apresentar-vos lá de subito, a beberdes com aquelles ares bonissimos aquellas cantorias agrestes, sem cultura, sem enxerto, luxuriantes de natureza, macias, avelludadas, rescendendo a amor e contentamento!

Comigo ficáreis todos, que eram minas, as quaes, lavradas por mãos perítas, nos podiam abastar de muito oiro, que a Arte, batendo-o e cunhando-o a seu modo, poria em facil giro com geral proveito.

O Musico portuguez de alma, que se fosse vagabundo por essas solidões, edificaria como Amphião novas Thebas, attrahindo e congregando com a sua lyra penedias e florestas.

¿Mover-se-ha algum a tental-o? moverá a final. Mas por ora, o thermómetro do patriotismo assignala graus para baixo de zero.

Para a Poesia nacional antiga e popular já alguns olhos se teem voltado; e viu-se o proveito. Na Musica ha de ser o mesmo, querendo Deus; ¿mas quando? sabe-o Elle.

Dos que por ahi a professam, nenhum dá visos de querer levantar-se. Fizera-o eu, se tivera a sciencia, o engenho, o fogo, que se admiram em alguns d'elles. ¡Oh que o fizera! e com bem pequeno custo, bem farta corôa grangeára.

¿Que digo «custo»? ¿Onde ha ahi delicia como é o viajar caçador de Artes, por toda a parte bem vindo, banquetear-se á farta com agradecimento dos que o regalam, e deixar saudades e fama em desconto dos thesoiros que se tomam?

*

Uma qualidade que eu notei muito notada no cantar frequente pelos meus espaçosos ermos, e que lhe dava uma particular feição de melancolia mui suave, era a extensão das notas, o prolongamento, sobretudo, das finais a perder de fôlego. É donosa coisa; mórmente pela noite, e ao longe...

A explicação d'esta singular maneira deve ser, segundo me parece, o costume de cantarem muitas vezes a sós por lombas descampadas e cumes de oiteiros, d'onde a voz tem de correr, e correr, primeiro que tope com ouvido em que se hospéde. Outras vezes é ao-pé de estrépito de aguas, que a afogariam a lhe faltar perseverança. Outras, em paragens de eccos, nas quaes uma fala aprasivel folga de se estar a si mesma namorando.

*

De cabeça para cabeça, bem arredados um do outro por estirado valle, ouvi eu muita vez estarem duas guardadoras conversando por cantoria; e, graças a este methodo de irem fiando cada syllaba... comprida... comprida... entendiam-se (podendo apenas enxergar-se), como se estiveram assentadas mão por mão, e muito manas, á soalheira no seu aido.

Sustentam-se estas entoadas conversações, em prosa inteiramente desatada de rithmo, e não obstante rimada, rimada por um modo tão insólito como facil.

Exemplo:

¿Quer uma convidar a outra? dir-lhe-ha:

—Ó ia, eu te digo ó Maria,
Ó iga, que se tu és minha amiga,
Ó á, botes as cabras para cá,
Ó enda para me ajudares a comer a merenda,
Ó eijo, que tenho aqui brôa e queijo,
Ó ôas, e umas maçans muito bôas.

E remata-se com um repenicado, que serve de ponto final, com que a outra interlocutora fica advertida, de que pode tomar a mão no colloquio por ter chegado a sua vez.

XIX

Mas assaz e de sobejo nos temos demorado sobre a Poesia e Musica. Retomemos o fio que traziamos, que eram as festas.

*

As geraes mais notaveis (pois até agora só vimos as de cada familia e as de cada aldeia) são: o Anno-bom, o Carnaval, a Paschoa, Maio, S. João, e o Natal.

*

O Anno-bom não é ao presente senão um rebate para comesaina rasgada, e se deitar uma can fora.

As pagans Janeiras, que ainda alguns se lembram de ter cantado, já lá vão.

Consistiam (archivemos, archivemos, pois que até as serras ao cabo se desmemoríam) consistiam em sahirem, logo ao romper do primeiro sol do anno os cachopinhos de cada povoação, todos em bando, o mais bem arreados que podiam, com suas sacólas, ou alcôfas, ás costas, a cantarem de porta em porta, e, percorrido o lugar, de aldeia em aldeia, até se lhes acabar o dia, umas trovas de parabens e boa estreia, atuchadas de campanudos louvores á bizzarria do pae ou mãe de familias, e desfechando sempre em requerer alguma chouriça, gallinha, ou pão branco, para a ajuda do *refestêllo*; contribuição com força de Lei, mas de que todos se desempenhavam á boa-mente.

*

O Carnaval, é como ainda nós por aqui o conhecemos nos seus dias aureos, tríduo de folia desatada, guerra porfiada e bem rida de todos contra cada um, e de cada um contra todos.

São as pulhas, as peças, os esguichos, os pós, a laranja

.....que derruba o chapeo,

de que o bom Filinto com tanta saudade se lembrava lá em París, o rabo-leva de tripas entufadas, a mão de ferrugem da chaminé com azeite pelos fucinhos, as estôpas apegadas ás costas e incendidas, o vinho com sal, as filhós com trapos, e todos os mais adminiculos, que no ritual classico se conteem.

Por qualquer parte que então se caminhe, ainda que se não veja povoa nem viva alma, duas coisas se hão-de ouvir infallivelmente: uma é rir e apupar; toda a serra parece estar florejando gargalhadas; a outra são descargas de espingardaria. Ninguem tem caçadeira velha em termos de dar fogo, que não saia com ella a salvar.

N'esta occasião (não sei por quê) o rio de S. Mamede parece marcar fronteira entre duas nações inimigas; a metade ceterior, e a metade ulterior da freguesia, formam dois exercitos, que, disposto cada um na sua banda pelos altos mais patentes e convizinhos aos seus adversarios, para lá lhe atira por cima da torrente, sem folga nem misericordia, turbilhões de chascos, de apupos, de rugidos de buzinas, de buxas accezas, e fumarada. Estremece a terra sob os pés; retumbam pelo ouco dos valles, pelas refohadas e sinuosas lapas das ribanceiras, os rolantes trovões centuplicados...

O Entrudo ébrio, que vai, titubante cavalleiro em derreado asninho, visitando as povoações, com barbas brancas em faces avinhadas, e canna em punho para se abordoar, facil, prasenteiro, com séquito de rapazía a abuzinar, e de mascarados saltões, satyricos, e brutescos, bem poderá ser o próprio Sileno das bacchanaes, metamorphoseado pelo tempo, constante parodiador das suas mesmas obras, pois não é necessaria grande perspicácia para reconhecer como, n'uma boa entrudada, se conciliaram diversas reliquias herdadas do paganismo: por fundo, as saturnaes; por embutidos e matiz, as bacchanaes, as floraes, e quejandas (o numero era folgado).

As pastoras, que não podem deixar por tres dias o gado nos redís e apriscos, para se estarem regalando ao banquete da familia, teem um Carnaval particular, um Carnaval nómada e silvestre, cosinhado e comido ao ar livre, e a que ellas chamam «o seu gôrdo».

O *gôrdo*, para o qual de tempos se andam aparelhando, é feito por varias d'ellas em commum, convidadas e admittidas outras amigas, e algumas vezes tambem alguns moços seus parentes.

Sem o ser de nenhuma d'ellas, consegui eu assistir a um gôrdo; e ainda agora me está sabendo.

Estava um dia Real. A sala do festim era n'uma gruta, ou amplo recesso de penedia, com uma alpendrada de arbustos silvestres, e

um vestibulo de areia parda e fina, á borda da agua.

Nympharum domus.....

não lhes faltando os competentes

.....vivo sedilia saxo.

O matto deu a lenha para a cosinha; o rio deu a agua; os vasos e os comestiveis, traziam-n-os ellas, e por mustarda e salsas a sua alegria folgasan, a lida, e as cantigas. Nada faltou; nem o arroz doce, de leite recém-mugido.

Terminaram com uma dança no areal, por não haver melhor, e debandaram, cada uma atraz do seu gado, quando já lá por cima branquejavam estrellas. A fogueira serviçal lá ficou sosinha, remirando-se ainda na corrente soturna, e olhando com saudades a quem d'ella igualmente as levaria.

Innocentes leviandades são todas estas, e, mais ou menos, parecidas com o que por toda a parte vai n'esse praso do anno. Mas, travada com ellas, uma usança ha ali, que só ali ha, e que eu aponto, não só porque me ajuda no retrato d'aquella gente optima, se não porque dará luz para se entender o poema que a diante vai, com o titulo de *Domingo gordo dos montanhezes*.

N'este dia, pois, logo de manhan, acodem á matta de S. Sebastião, que já sabeis orla o passal pela banda do poente, todos os moços solteiros da freguesia, a plantar cada um um soveiro, ou carvalho novo; findo o quê, e bebida sua malga de uma talha de vinho verde, que já para isso a Confraria do mesmo Santo ali lhes tem prevenida, se tornam para suas terras a folgar.

Nem o introductor, nem o tempo da introduccão d'esta pratica, são já hoje conhecidos. É uma tradição piedosa, uma lei moral, sem nenhum genero de comminação, mas tão á risca obedecida, como se as tivera.

É, mormente em tal dia, e para gente em flor de annos, um bello exemplo de desinteresse; pois na plantação quem só ganha é a selva, que se dilata, e o Santo, a quem se engrossam os

rendimentos.

Se de S. Gonçalo ou Santo Antonio fôra a capellinha, ou de algum outro Bemaventurado, com fama de boa-mão para casamentos, ainda se aventaria um motivo pessoal para o obsequio; ¡mas S. Sebastião, que só da peste é advogado!...

Seja o que fôr: o amavel instituto persevera, ¡e oxalá dure sempre! ¡e oxalá por muitas partes o imitassem!

*

Para que a Paschoa dos montanhezes deixe a perder de vista a de nós outros, bastam duas considerações: a d'elles é festa do espirito, e mais do corpo; a nossa nem do corpo o é, nem do espirito.

Digo que é do espirito a sua, porque a Fé viva lhes faz estar vendo ressurgido do sepulcro o Divino Amigo da especie humana; e do corpo tambem, porque o brodio paschal, opíparo, rescendente, de viandas succulentas e escolhidas, lhes dá mate á longa e bem jejuada quarentena.

Move suavemente os corações acompanhar a procissão, que da igreja sai depois da Missa cantada, com os seus cirios accezos, cantando as aleluias, atravessa o amplo adro alcatifado de bordada relva, sombreado das suas cerejeiras já revestidas, atravessa o passal por entre as alas das pacificas oliveiras, vai pela matta de S. Sebastião, e se espairose ao longe, como uma piedosa exultação, por entre os mattos rejuvenescentes.

O aroma do incenso ama casar-se com a fragrancia agreste das moitas. As arvores figuram ensoberbecer-se de estender o seu pallio verde recamado de sol por cima do Filho de David. Cada hervinha pôz por fora todas suas galas para ver passar o seu Creador. Como elle, toda a Natureza parece ressuscitada, vivaz, e gloriosa. Os passaros lhe entôam canticos, como os homens, as

mulheres, e as creanças. A aleluia ressoa em toda a parte; lágrimas involuntárias alijam todos os rostos; em todos os corações ferve o amor de Deus, o amor da Natureza, e o amor mutuo.

¡Oh! ¡que bem que se chegam ali a entender os arroubados requebros do Esposo e da Esposa dos Cantares! ¡Oh! ¡que permutar de boas-festas! Mal o presumem, os que todas as cifram em cinco ou seis letras gothicas n'um cartão alvibrunido, com uma das quatro pontas bem dobrada.

Recolhida a procissão, tornam-se todos correndo a suas casas, a acabar de as pôr prestes para a proxima visita do seu Parocho. Atapetam-se de ramos os pavimentos; guarnecem-se as mesas com as melhores baixellas; crepita o lume na cosinha revôlta; idéia-se um simulacro de altar, ou se enroupa uma cama de lavado para aposentar o Santo Christo, enquanto o senhor Prior, com a sua pequena comitiva, lhes der o gosto de provar (quando mais não seja) dos seus guizados e do seu vinho. Ninguem da familia falta á porta para receber a aspersão de agua benta, que elle ao entrar lhes liberalisa risonho, com as palavras rituaes da benção: «Paz a esta casa, e a todos que n'ella moram.»

Tal visitação, que (já se vê) se não conclue no primeiro, nem muitas vezes, no segundo dia, paga bem o seu pequeno custo; não pela moeda de prata, de meio tostão ou seis vintens, recebida em cada fogo; não pelos saccos de folares que se ajuntam; mas pelo muito que assim de novo se apertam os vinculos mutuos do Pastor e do rebanho.

*

No 1.º de Maio põem, á entrada das habitações, *maias*, que são ramos de sabugueiro e giestas floridas; e nos linhares, rocas com seus fuzos, carregadas de linho e enramalhadas de flores. Com aquillo se fadam a terra e a casa: a terra, para que dê linho comprido e sedoso; a casa, para que se guarde e mantenha

próspera.

¿Quem não vê n'estas maias outra degenerada herança dos nossos antigos senhoreadores?

No principio de Maio, faziam os Romanos o festejo domestico dos seus *Lares*, deuses protectores da poisada, e cujos idolos se tinham junto ao fogo da cosinha, ou em nichos por de traz da porta principal. Revestiam-n-os de pelle canina; e em monumentos antigos se vê ao pé d'estes deuses representado o animal symbolo da fidelidade, e guarda nocturno do domicilio, pelo mesmo modo como Ovidio nos seus *Fastos* nol-o descreve. Brindavam-n-os com libações de bom comer e beber, e tambem com ramilhetes e grinaldas, já de flores, e já de lan.

Deveu ser entre elles o culto dos Lares o mais querido, pois acreditavam que eram os espiritos dos bons mortos da familia, que se compraziam de habitar e proteger os logares onde foram vivos, e onde vivia gente do seu sangue.

Por isso tambem a pouco e pouco chegaram a dar zeladores divinos do mesmo nome a todas quantas coisas lhes requeriam, e mereciam amparadas. Vieram Lares *viaes* (dos caminhos), *compitaes* (das encruzilhadas), *urbanos* (os padroeiros de cada cidade), *publicos* (os mantenedores dos publicos edificios), *rusticos* (os custodios do campo), *hostis* (os amparadores contra inimigos), *marinhos* (os guardiães dos navios).

É portanto evidente, que, onde quer que se estabelecesem Romanos, se haviam os Lares de estabelecer; e tenho, que nenhuma de suas religiosas praticas pegaria melhor, nem mais depressa, entre estrangeiros; e bem boa, bem moral que ella era, no meio d'aquelle cahos de poeticissimos desatinos e devassidões. Fazia venerar e amar a casa; com a casa, a familia; com a familia, os são costumes da creação. Ainda por cima, fazia resplandecer luzeiros de esperança na cerração das adversidades; o que dá coração e brios para as resistir.

Pressupponhâmos como verisimillimo, e certo, que na romana provincia Lusitania se veneravam os Lares como na Italia; do que, aliás, podem ser documentos, além de outros, o nome de *lareira*, geralmente conservado ao lastro da chaminé, e o proprio de *lar*, com que em Traz-os-Montes se chama a corrente de ferro, de que pende na cosinha o caldeirão sobre a fogueira.

Já cada um inferirá que as *maias* dos meus serranos, festejo que só á casa se refere, coroando-lhes de flores a porta, e lustrando-lhes, como quer que seja, o seu linhar (linho por lan), teem, e não podem deixar de ter, aquella origem.

Na cola d'esta semi-gentilidade, garrida e innocente, vem o rito christão, ainda mais poetico, chamado das Rogações ou Ladainhas de Maio.

Os lavradores seguem, com as cabeças descobertas, e acompanhando em chusma as entoadas preces da Egreja, a procissão, que lá se vai, humilde, atravez dos campos desatados em flor. Imploram as benções do Ceo para os trabalhos da agricultura; que insectos damnhinhos não devorem a vinha ou seára; que intempéries do ar e trovejados granizos não derribem mortas as benevolas esperanças dos pomares.

*

O S. João por larga vespera de semanas se annuncia: cantado de dia pelos oiteiros, de noite pelos serões.

Nada ha mais affectivo, que a toada, entre melancolica e leda, com que se vão lentamente deduzindo as trovas (sem arte, embora, não sem graça), que por ali em louvor do Baptista se exhalaram outr'ora do seio de poetas desconhecidos.

A medo me rendo á tentação urgente de as mostrar; que,

despojadas da sua melodia, desquitadas das vozes tão frescas e juvenís das suas cantoras, e nuas dos seus accessorios de silencio e ruido selvatico, de calma e sombras em pino de verão, trovas taes aqui mal poderão parecer-se comsigo mesmas.

Do que ides ler, ao que eu ouvi, posto não haja differença na substancia, vai tanto, como de uma formosa donzella podéra differir o seu cadaver.

Sem mais precauções, eis aqui alguns trechos, que no fundo da alma se me estão ainda cantando, por entre simulacros de figueiras, que entretecem sobreceo verde á fonte crystallina do passal. As syllabas dos metros, não as contem; basta que todos elles acertem na cantoria ás mil maravilhas. Tão pouco embiquem na confiança, com que umas rusticasinhas de roca á cinta tratam o Santo Precursor. São amores velhos; não ha que lhes dizer.

—¿San-João das barbas doiradas,
onde foste ter as orvalhadas?
—Fui as ter áquellas hortas,
recordar aquellas cachopas.

Recordae, recordae, perguiçosas,
que da fonte já veem as formosas,
com as talhas cheias de cravos,
que lh'os deram os seus namorados,
com as talhas cheias de flores,
que lh'as deram os seus amores.

San-João, rico cavalleiro,
companheiro de Nosso Senhor,
acompanhae a minha alma
quando d'este mundo fôr.

—¿Por que tendes, San-João,
esses sapatinhos brancos?

—Para passear ás moças
domingos e dias santos.

—¿D'onde vindes, San-João,
que assim cheirais á macella?
—Venho da serra da Estrella,
de fazer uma capella.

—¿D'onde vindes, San-João,
pela calma sem chapeo?
—Venho beber agua fresca,
que faz calor lá no ceo.

.....

Basta, basta, que já pressinto ali á esquina os aferidores e malsins da Literatura, que, se me tomam, com isto nas mãos, dão comigo do avêssio.

Na vespera do Santo, pela tarde, hasteiam bandeirolas nas fontes. Á noite accendem fogueiras, dançam, cantam, namoram, e galhofeiam em de redor d'ellas.

Á meia noite, quebram ovos para os expôrem ao sereno, que lhes ha-de n'elles estampar a jerogliphica prophecia do seu futuro, e chamuscam as hervas e flores, que sabem de constancias e inconstancias.

Vão nadar nos rios, que todos n'esta noite encerram grandes virtudes e preservativos; mas especialmente o de S. João do Monte, á conta do seu nome bento.

Sobre a madrugada vão lavar seus gados, e á volta colhem ramos orvalhados, os quaes, se nas trovoadas os queimam, livram de raio; trazidos no seio, defendem de mau olhado; e facilitam os partos, apertando-se nas mãos.

A agua da fonte da manhan de S. João é como a primeira que chove em Maio: torna o carão formoso.

*

Nos Santos, fazem o seu magusto de tarde, no aido ou em campo descoberto, não correndo o tempo de invernía. São rebordans a granel, entre grande larada de brazido, a estoirarem e a acerejar-se, em quanto um farto lombo de cevado rechína e fumega em vergante espeto de pau, a pingar n'uma telha ou frigideira.

É dia já de longe apetecido pelos velhos, pelos rapazitos, e pelos visinhos menos folgados, que todos então se convidam.

Bebe-se, como requer a quadra, que assaz é já então arripiada. Mas... quanto mais se vai o repasto allongando dia em fora para o crepusculo, e para a noite, mais se vão pendendo com scismadora tristeza os animos dos convivas.

Á fé que lhes não falta por quê. O dia que apóz vem, é o dos finados; dia de saudades e receios, de desconforto e arrependimentos, para todos quantos, com Fé ou sem ella, possuem um entendimento, e meditam.

¡E que mais meditabundo que as montanhas! ¡E quem mais devaneador e recolhido, que homens acostumados a solidão, curtidos nas duras realidades da vida, remotos do cortesão bulicio, embotador pessimo de toda a sensibilidade!

*

Mal soaram as Ave-Marias, começa dobre funebre, que toda a noite não quieta.

Pela escuridão pasmada se devolvem, a longe, a longe, até se esvaecerem, os tons afflictos, que a nenhuma de tantas poisadas deixam de dizer algum segredo de dor, e de encommendar algum suffragio. ¡Oh! ¡se não se elevarão elles, e bem ferventes, exhalados pela voz do sangue, pelo amor, pela amisade, pela caridade!

Quando tudo jaz, a deshoras, no silencio mais fundo, nenhuma luz bruxuleia de nenhuma fresta, e já nenhuns olhos por ventura se descerram, acorda a subitas uma sepulcral melodia, que dissereis côro de Anjos desterrados e saudosos. Vagarosa se adianta, pelo meio da povoação, a supplicar em nome dos penados de alem mundo, que para si não podem requerer, esmola de orações, refrigerio para os ardores que lá padecem.

Não ha seio tão escudado, que um santo horror o não estremeça; egoismo tão empedrenido, que sustenha as lagrimas.

...Até que o solemne pregão transpõe e se esvai; e na calada se torna a perceber o dobre longinquo da egreja.

Quanto a mim, confesso que nunca ouvi coisa, que assim me abalasse o interior.

Estes devotos cantores, que ninguem vê, mas que vão de aldeia em aldeia *amentando* as almas, arrastavam d'antes grilhões aos pés, o que ainda augmentava o pavor do seu pregão.

Com grilhões ou sem elles, ¿despertadores taes quem entre nós os soffreria? Por lá querem-se, quer-se-lhes, escutam se, e obedecem-se, como exactores que são de um tributo da outra vida.

Desde o romper d'alva não descança a egreja de absorver povo. Todos os caminhos, todas as asinhagas, todos os bosques, todas as ladeiras, todos os valles, todos os oiteiros, o brotam e expedem á porfia.

Vem o ancião alquebrado, atido ao bordão; o moço em flor de annos; a donzella; os irmãos, pequeninos e já orphãos, pela mão de sua mãe; todos graves, cuidadosos, taciturnos; todos lá por dentro orando; todos anhelando irem-se ajoelhar sobre uma sepultura bem estremada, para d'ali assistirem ao incruento Sacrificio.

Todos os confessionarios n'este dia estão apinhados, e o semi-festim da vespera é quasi geralmente descontado pelo jejum mais rigoroso.

*

Emfim vem o Natal.

Essa festa, a fundamental, a maxima, a ridentissima, a de todas christianissima (quizera eu dizer) do Christianismo, nenhures cabe tão em cheio, nem tanto com os animos e corações se coaduna, de veras crida e com veras amada, como nos descampados bravos e alpestres.

Víreis o Presépio de Belem, não já por caprichosas artes remedado, mas em tão cabal transumpto, que pelo proprio e verdadeiro vos invidaria a adoral o.

Disséreis que ao soar da ave da meia-noite, desferiu vôo d'entre as estrellas, de que se corôa a montanha, côro de Anjos a dar rebate aos pegureiros com o pregão de «Gloria e Paz», com a nova de ser nascido o Desejado das gentes.

¡Tanto é o ruido de alegres passos e falas, que de toda a parte confluem pelo escuro em demanda do Menino!

Cada qual lhe traz nas mãos o seu presente, e o mais valioso dentro n'alma.

O templo enramalhetado, oloroso, esplendido de luzes, par em par

aberto, é a santa Gruta.

Lá no tôpo, sobre a pedra bemdita, jaz a rir o Divino Infante.

O adro vê dançar as rondas de camponezes á roda de um monte de arvores accezas, ao som da gaita e do tamboril.

Os sinos doidejam de alvoroço na torre illuminada.

Sob o tecto religioso se alternam em dois córos feminis as cantigas da benta noite. Cada um d'estes córos é exclusivamente composto das moradoras de cada margem do rio que biparte a freguesia. Vai entre ellas a mesma rivalidade, que já descobrimos entre os homens, quando no Carnaval travam com as suas espingardas innocentes um estrepitoso arremêdo de combate.

É a qual dos bandos trará mais formosas quadras para entretecer com as antigas, mais argentinas falas e melhores requebros para as gargantear. Cuida-se ouvir musica de Seraphins; exulta o coração; e, sem vergonha, se estão sentindo as faces humedecer-se.

Por meio d'estes córos, cujos entusiasmos devotos como que se estão vendo lutar nos ares estrugidos, passeia em braços do Parocho o Menino, a fazer colheita de beijos e louvores, de supplicas e offertas. Então é que surdem vangloriosos de baixo de cada capa os mimos, que de longe e á porfia se lhe andaram apercebendo; sobre-sahindo de ordinario, a todos, os mui primorosos artefactos de pinhões e frutos sêccos.

¡Oh! ¡que invejas para as creanças, que ali pendem ao collo de suas mães! vão-se-lhes os olhos, e os sorrisos, e as mãosinhas, apóz lindezas tão guapas; mas, vendo chegar o Menino a quem se destinam, com os seus olhos tão azues, a bocca tão amorosa, as faces tão coradas como as maçans que se lhe offerecem, é já a Elle que só cubiçam; e só choram, porque o não deixam [acompanhal-o](#).

*

Taes são as mais notaveis festas d'esta singela gente.

¿Que inventariam philosophos para lhe dar, quando chegassem a destruir-lh'as com lhe tirarem a Fé?

É uma pergunta simples, mas vale a pena pensar longo na resposta.

*

Assim crêem, assim folgam, assim vivem, ricos de desavareza, nobres de humildade, e pela rudez ainda são, os moradores de S. Mamede da Castanheira do Vouga.

XX

Que eu por lá versejasse, já a ninguém ficará sendo maravilha; antes, sim, a podéra ser, que de tal assumpto só tal volume se estillasse; mas as razões d'isso de si mesmas se confessam.

Já eu disse, que os annos que por lá sumi, me foram totalmente desprophetisados; e que nunca esperei, nem cri possivel, que houvessemos jámais, eu nem coisa minha, de reparecer no mundo.

Assim, só por desabhorrimto é que poetava de longe em longe; isto é: poetava por fóra, e no papel, que no coração e no animo estava eu comigo a fazel-o a toda a hora; e a melhor poesia (de leve me acreditarão os que d'isto sabem) não foi a que se escreveu, se não a que deslizou suave, entre sonhada e sentida, na profundeza dos ermos, onde tudo canta, suspira e medita.

Escrever só para si, não sei que ninguém escreva; é trabalho supérfluo, e que, se dá fruto, o dá ruim, que de pêco e descorado nos desconsola.

¿Pois qual é, em boa verdade, o pensamento, ou affecto, que no trabalho de se corporificar para sahir a lume e correr por mãos e olhos, não perde muito do seu primitivo ser, ou da sua energia, ou da sua graça, ou do seu calor, ou do seu brilho, ou do seu aroma, ou do que quer que seja que era seu, e que era elle mesmo em grande parte?

Isto dos livros não são senão uns retratos mortos, umas toadas, reflexos, e sombras, de festas que se fazem n'um interior, e de que os passageiros, por mais que se lhes abram as janellas, e que elles applichem os olhos e ouvidos, só podem perceber a totalidade, e conjecturar as circumstancias.

O escrever, o material, sujo, e ronceiro escrever, cede tanto em foros de expressivo ao falar precipitado e caudaloso, como a palavra (ainda para os maiores mestres e senhores d'ella) cede, e ha de sempre ceder, ás concepções e aos affectos.

*

Outra explicação da exiguidade, e tenuidade (que peor é) do livrinho, está em que a maior e melhor parte dos condões e feitiços da montanha, que ora cá ao longe me apparecem tão inteiros e gentis, então que eu os tratava e d'elles vivia colmado, me não faziam os effeitos, que através dos vidros da saudade me produzem.

Para bem apreciar aquillo (como tudo) foi mistér havel-o perdido; que já por isso dizia Rousseau, que nunca tão bem falaria da liberdade, como entre ferros da Bastilha.

¿Onde é que nos ri a imagem da primavera a abrolhar? é no meio

do outono a desvestir-se. ¿A do verão, que tressúa afogueado? no inverno, que tiritita e se encanece de geada.

¿A meninez, com todas suas lagrimas e captiveiros, não é paraíso, para onde todos, todos, nos quizeríamos tornar?

¡Que bem que o Poeta cantava: «Aventurados em summo extremo os camponeses, se acabassem de entender os bens que logram!»

Quanta poesia eu aspirei, e para mim vivi, sem me sentir nem o cuidar, é este prosaico e glacial viver, quem agora de instante a instante m'o explica.

À saudade me acodem as delicias de jazer sobre feno, peito e collo descobertos, ao phantasiado ramalhar da nogueira velha, quando importunas obrigações me veem ripar e consumir as semanas a dia e dia, os dias a hora e hora, as horas a minuto e minuto.

Pela conversação pacifica das moitas e torrentes me definho, quando, no mais fortuito, no mais leve, tratar com homens me aguardam sempre desencantamentos, desconsoles, razões para os desprezar, ou para fugil-os.

Lá, volta-se sempre para a poisada mais alegre, ou melhor. Aqui, pelo contrario, ou sempre peor, ou sempre mais triste.

Lá, a benevolencia é semente de benevolencia, para dar cento por um. Aqui, é grão que sempre degenéra, ou não germina, ou brota villans ingratidões, que envergonham até a quem as ouve.

Lá, o folgar é franco, e as festas são festas. Aqui, o folgar é escaço e fingido; as festas, tumulto, ou, mais de pressa, encoberto circo de gladiadores, que armados com a verdade e com a mentira se acutilam uns aos outros, e aos ausentes, e aos amigos, e aos finados.

O mais dextro no pungir e envenenar, esse se pavoneará pelo mais

cortesão e de maior donaire; far-lhe-hão roda; e em vez de o esbofetearem, e de o compellirem a se enforcar como o Iscariotes por sua mão, para escarmento a sevandijas e lição a paes que estão creando feras bravas para andarem sôltas no povoado, hão-de applaudil-o por medo, apertar lhe a mão dissimulando o nojo, e recebê-lo muitos em suas salas, com sabel-o expulso de muitas portas.

Acobertam-se lá e ufanam-se as terras com os linhares, para o que Deus os fez: para vestido das familias, para faixas da infancia, para macio agazalho nas horas do somno ou da doença, para gala candida dos altares, e a final para curativo de feridas.

Ora, ¿que mulher de montanhez poria n'um linhar, ao alvorecer de Maio, a sua roca enfeitada, se adivinhasse que o pobre do seu linho, a cabo de tão bons serviços, poderia vir ainda a converter-se em papel para a nossa Imprensa, isto é, em pregoeiro e depositario de quanto erro, e absurdo, a ignorancia ou maldade podérem delirar, em ventilador de descredito e odios, em disseminador de todos os principios de dissolução, já moral, e já politica?! ¡Pôr-lhe ella a sua roca para benção! ella, a boa filha das serras, fêmea sincera e verdadeira, coração lavado, animo propenso em tudo para o bem! ¡Pôr-lhe ella encamisada e florída a sua roca, a sua casta e alegre companheira, a que tão santas maximas e tão formosos exemplos ouviu sempre!... Antes deitar á sementeira o fogo, ou amaldiçoal-a n'uma sexta feira ao meio dia, que vale o mesmo.

XXI

¡Que de vantagens para o ermo não são todas estas!

E no gosál-as, ¡que assumpto inexaurível para um engenho bem nascido!

Sim; mas, torno a dizel-o, é em distancia de espaço e tempo, e pela contraposição, que se conhecem. ¡E eu malbaratei quasi tudo isso!...

..... munera nondum
Intellecta deum!....

Havia de ser agora, depois de tão prolixo, de tão quebrantador martyrio da experiencia,

..... Oh ubi campi!

¡Como me não agarrára, com raizes mais fundas e tenazes que o meu cedro, ao chão da vida facil, innocente, e obscura! ¡Como não borbotára em hymnos o meu jubilo! ¡Como não saudára com lagrimas de gratidão a aurora, tornando a enconral-a! ¡Que não palrára com as torrentes! ¡Que noites desveladas sob o pavilhão estrellado e vastissimo da montanha!

Em vez de rebuscar (como agora me foi forçado) para esboçar este painel noticias de logares, e até de usos, tudo eu mesmo visitára com devoção de peregrino; tudo revolvêra; com tudo me identificára.

As saudades, que de lá para aqui me estão salteando, d'aqui para lá já não atinariam seu caminho; e se o atinassem alguma vez, na primeira sarça onde papeasse um ninho eu me soubera esconder, que me perdessem logo.

*

—O abdicar—dizia o Imperador Diocleciano tornado Diocles, fazendeiro e hortelão de Salona—o abdicar é o começo do viver.

¡Quantos dos que desaprenderam no regaço espinhoso da fortuna o
rir, o dormir, e o comer, tudo isso recobriam na primeira hora que
empunhassem, com animo feito, uma rabiça ou um foicinho!

¡Se não ha-de ser inefavel o abdicar muito, e até imperios romanos,
como elle, quando renunciar o pouco, o quasi nada, que se tem de
cidade.... só de o cuidar, tanto namora a phantasia!

¡Se jamais virá tempo de eu poisar em torrão meu, debaixo de
sombras minhas, a cabeça encanecida e regalada!

Uma barraca de poucas braças, mas revestida de rosas e limas,
como o presbyterio. Á roda d'ella, tanto de fazenda, quanto o filhinho
mais pequeno atravessasse correndo de um fôlego. Mas isto em
solidão bem solidão, onde só os astros me enxergassem, só as
estações me visitassem, e da banda do mundo nada me chegasse,
senão o vento, já expurgado e esquecido de humanas vozes.

Tal casa, e tal quinta, ser-me-hiam mais que morgado, mais que
palacio e reino: paraizo terreal, digno vestibulo de outro melhor.

Ahi me reverdecêram o coração e mais o espirito, que me elles por
cá trazem tão lastimosamente desfloridos e murchos.

Por si se retingiriam os cabellos, com o franco sol remoçador de
quanto existe.

A lyra interior volveria a cantar espontanea, como harpa eólia entre
jasmineiros, pendente em hombral de gruta ás virações da
primavera.

Ainda á farta me vingára dos tantos annos, que em tarefas
ephémeras e sem gloria, posto que não sem consciencia e
diligencia, se me desbarataram na galé da Imprensa periodica, ou
(com mais propriedade) nas palhas d'essa doidinha, que a si mesma
se venéra por soberana do Universo; doidinha com diadema de

papel e sceptro de lapis.

Só me não rira d'ella, quando me lembrasse que me enguliu, com os annos que me tomou, outros tantos da minha existencia para diante; pois em cada tomo de periodico, sincera e honradamente redigido, se podia escrever este epitaphio: *Aqui jaz um anno de fadiga e dois de vida de.... Orae por elle.* [4] Vendem-se ainda primogenituras por menos que prato de lentilhas.

Vingára-me (joh! jse me vingára!) de tão bons dias mallogrados; e ainda por ventura alguns livrinhos, menos maus que todos os meus precedentes, appareceriam de novo, mas sem mim, no povoado. Como Ovidio aviava os seus do desterro, aviaría eu os meus do meu eden.

Parve, nec invideo, sine me, liber, ibis in Urbem.

*

—¿A que vem tomar-nos tempo com a fabula pueril dos teus gostos e desejos?—dirá (e ha-de dizer) algum d'estes que sabemos, que nunca faltam, escoimadores *ex-officio* do alheio.

—Senhor meu,—lhe respondo eu já:—pois é por isso mesmo, de não passarem de fabula os meus gostos e desejos, que se me ha-de relevar o dar-lhes eu largas no papel.

Se eu vira agora cahir-me do ceo o meu tugurio e o meu quintal, coroados de ermo, como o Evangelista nas praias de Pathmos viu baixar do Empyrio a sua Jerusalem abraçada de muros de oiro, o tempo que n'estas palavras gasto aproveitara-o melhor, em correr para o meu refugio, beijal-o, replantal-o, aformosental-o. E em lá vindo o florído Maio, ride-vos de pagão que brindasse os seus lares com mais fé ou igual amor.

*

¡A liberdade!... ¿Onde ha hi liberdade, que nem por longe se pareça com a de um viver remançado, em casa sem numero, nem espias, ao som da Natureza, á lei da propria inclinação; sem ouvir horas que nos chamem, sem encontrar com glosadores que nos aboquem no ar acções e palavras, para nol-as tingirem de branco em preto; nem cahir nas garras de ociosos, que vos emprazarão para toda uma tarde de Junho, ou toda uma noite de Dezembro; isento da praga de utopistas e reformadores, que são a peor salada que o diabo temperou e mecheu em hora de abhorrimiento; seguro, emfim, de ser pisado nas ruas por soberbias de quem vos não vale, tremulando-lhe, na botoeira do vestido, refulgente epigramma de esmalte contra meritos e virtudes; e de noite, interrompido na meditação, ou cortado no melhor do somno, pelo retroar de carroagens, que em fluxo e refluxo continuo levam e trazem, sempre a correrem para nada, pygmeus, histriões, da farça séria d'este mundo?

Se algures ficou sobre a terra a liberdade, que irmana, segura, ennobrece, e concilía os homens, na montanha encontrareis mais depressa coisa a ella parecida, do que não por estas almotaçadas metrópoles, onde se blasona que ella tem o seu templo, e n'elle as suas festas. Sempre são festas acompanhadas de vinte órgãos, a entoarem solfas diversas ao mesmo tempo: este, o *Te Deum*; aquelle, o *De profundis*; um, o *Quomodo cecidit civitas plena populo*; outro, o *Cantemus Domino*; qual, o *Miseremini mei*; qual, o *Ecce sacerdos magnus*.

Se alguma vez se incensou presente n'este orbe a Liberdade, derrubaram-n-a do seu pedestal as aguas do diluvio de Noé, quando arrojavam cada coisa para seu cabo. Ao que havia de ser cidades, ficou o pedestal razo, com o formoso nome d'ella em letras de oiro. Ao que tinha de ser ermo pertenceu, mas sem nome nem titulo, a figura quasi inteira. Aqui, pregôam-n-a; lá a disfrutam. Assim vai

tudo.

*

E quando não, mettei bem por dentro a mão na consciencia; e, deixado o palavrório que não sôa muito senão por ser vazio (como tambor de foliões), dissei-me, ou dissei-o a vós mesmos: ¿Quem mais livre, que homem que desperta recobrado ao romper d'alva, por se lhe ter o somno acabado, e não porque ruins pesares lhe repiquem, ou o estremunhem alvoroço de praças, e reboliço de vizinhos, pois diante de suas janellas o que só se meneia e conversa são arvores, e por cima do seu tecto não moram senão hervas, que mal ciciam, e só recebem de visitas passarinhos ou borboletas?

¿Quem mais livre?

Acordado, encommenda a Deus o dia novo, veste o que na vespera despiu, sem ter de consultar a ventoinha do figurino, o camareiro, o cabelleireiro, o espelho, o gosto da namorada, o rol das visitas e dos convites. ¿Quem mais livre?

Talha para si, para sua mulher, para cada um de seus filhos, as occupações de todo o dia. ¿Quem mais livre?

Entre o trabalhar, que lhe grangeia forças, saude, bons somnos, pão, e para conduto um apetite desenganado, entre o trabalhar, repito, canta, ou traz o espirito a monte, a sabor de suas chyméras (que tambem as tem como qualquer outro); e é este o mais invejavel privilegio do trabalho corporal, sobre tudo do que tem por materia prima a terra: não captivar senão os braços; cavando, podendo, ceifando, se podem, sem prejuizo da obra, estar armando doiradas torres no ar, ou conversar rasgado e rir com os companheiros, ou cevar em silencio a tristeza que se ama, ou a alegria que se esconde.

Este *deus in nobis*, unica das divindades campestres em que se

pode crer, perguntae se não será para muitas invejas aos taciturnos enxames que pejam escritórios e secretarias; perguntae-o a quasi todos os que remam á consciencia o seu remo na galé baloiçosa do Estado. ¿Quem mais livre?

Posto o sol, pregoadas as treguas das lidas pelo sino das Ave-Marias, o meu rustico se recolhe, sem golilhas de seda no pescoço, para folgar entre eguaes, em quanto a ceia bem mercada se lhe acaba de coser ao lume que o aquece. Não tem de ir fazer sala a ninguem; respira a peito cheio; não ha que ciar se de mulher e filhas, que não dá a terra operas nem bailes; filhas e mulher á roda lhe serôam, tão satisfeitas como elle. Não se levanta ali jogo, que, por tentação ou falso pondonor, o obrigue a pôr n'uma carta o casal, a vergonha, e mais a vida. Não o compellem a ajudar com desatinos seus os alvitristas regedores do mundo em sêcco; nem mesmo a ouvir ler, n'uma coisa mal-cheirosa chamada periodico (especie de cogumellos da Imprensa, em que entre os não maléficos tantos ha de sapo), o artigo famoso, no qual, sem quê nem para quê, lhe levantam falsos testemunhos para entretenimento de vadios na hora do chylo. Quem não tem com que incite invejas, seguro está de vis praguentos. ¿Quem, finalmente, mais livre?

Deita-se em cama barata, mas de bons sonhos, com as janellas e portas destrancadas, sem medo a malfeitores, que, sobre não creal-os o sitio, nada reluz na poisada que os attráia.

Entretanto lhe vão caladamente amadurecendo os pães para a tulha, o vinho para a adega, o azeite e os frutos para a dispensa, a hortaliça para a panellinha de barro, as filhas para o casamento, os rapazes para lhe pagarem na velhice a divida da infancia, e elle e sua mulher para o Ceo, onde crêem de fé que os estão seus parentes esperando.

¿Então, será, ou não será, este um viver dez vezes mais livre e afortunado que o nosso? Pois não disse eu d'elle tudo que poderia, nem o direi, ainda que já talvez me hajam de arguir de prolixo, que não deixei na matéria udo nem miudo; jcomo se miudos houvera no

que são condições de boa ventura!

Se n'isto me dilatei (e confesso que sim) um tanto fora do meu proposito, foi por ver se dava uma aldrabada de mansinho ao coração de alguns d'estes, que vivem na Côrte por fadario, por vezo, ou por inercia, sempre mal-contentes, pesarosos, abetumados; possuindo, ou podendo, se uma hora olhassem por si, adquirir, sem nenhuma difficuldade, o que eu, e outros taes, tão baldadamente supplicamos á fortuna: uma vivenda campestre, uma existencia natural, serena, commoda, florescente, risonha para a pessoa, dadivosa e exemplar para os visinhos, manancial de riqueza privada e publica, abonadora de bons costumes, e de afortunada descendencia; uma existencia, em summa, que, a de mais de retemperar corpo, animo, e coração, para se n'ella saborearem, até aos renunciados praseres da Cidade refina o gosto, quando por acaso, de longe a longe, e de passagem, se volve a elles.

*

Toda a gente, e os abhorridos mais que todos, deveriam ler e meditar o medicinalissimo *Livro da Solidão* do Doutor Zimmermann. Aprenderiam a perder-lhe o medo e ganhar-lhe amor, a embellezarem-se n'ella, a serem e a fazerem venturosos, quanto é dado havel-os n'este mundo tão instavel, tão fugidio, tão calabreado de bens e males.

O homem na sociedade é um instrumento, que se gasta e quebra servindo; na solidão é um homem. Na sociedade, é uma partícula irresistivelmente arrebatada n'um redemoinho; na solidão um todo quieto.

Puericia, idade de oiro da vida, não torna jamais por onde uma vez passou; mas na solidão se esconde ainda uma sombra d'ella; porque o homem, redimido dos cepos do mundo, e fôrro das humanas tirannias, se faz em algum modo semelhante á creança; readquire o que quer que seja da sua innocencia, da sua simplicidade, dos seus gostos, dos seus brincos.

¿Quem se lembraria de pôr um barco de cortiça (ainda que de seu natural tivesse o ousal-o) n'um tanque do Passeio publico, cercado dos fumantes do Marrare, e dos collaboradores dos periodicos? ¿quem o ousaria, mas que fosse para entreter a seus filhinhos? E no campo, uma pessoa, até só para si, faz d'isso; e mais se encanta em o fazer, que um ricaço em torrear palacios.

Em quanto dá tempo aos passaros para irem picar no cêvo das armadilhas que lhes andou dispondo, edifica á borda de um arroio uma azenha de dois palmos, com seu rodizio de canna a espadanar. Só no vêl-o voitar, respingando aljôfares pelos ares, tem entretenimento para horas.

Alevanta ao pé uns paços nobres, que se encheriam com a familia de um coelho, estira-se a espreitar para dentro da relva, como Werther e Hugo se embebem nas maravilhas d'aquellas selvas e

reinos de animálculos, em que só o mancebinho muito pequeno, ou o muito grande homem, se poderiam enlevar.

¡A solidão! ¡a solidão!... provae-a, sequer, affligidos do mundo, e pregoareis d'ella o que eu me não affoito a encarecer-vos.

*

Um só achaque hei-de eu impôr á boa da solidão, á gentil namorada de Rousseau, de Petrarca, e de todos os espiritos grandiosos; e vem a ser: que, pois nos descalleja o coração, banhado nas suavidades da mãe Natureza, e para a sensibilidade nos ajunta o que do egoismo nos detrai, assim nos deixa mais expostos ao pungir de alheias penas, quando não as podemos extirpar. No ermo ressoam mais alto os gemidos, como na calada da noite se dão a ouvir mais claras as vozes.

Quizera-se, ao ver a penuria de muita casa, o escasso de muita colheita, o mal roupido de innocentinhos, o desagasalho de velhos enfermos, quizera-se ter mãos de Midas para acudir a tudo aquillo; e o coração, que não tem para dar senão suspiros, no fundo do peito se confrange todo, e se espedaça.

¡Cada uma d'aquellas curas dependeria de tão pouco! ¡seria tão festejada! ¡tantos effeitos afortunados produziria! ¡deixaria, por corôa de beneficios, tão sinceros, tão duradoiros agradecimentos!

*

Numerosas, numerosissimas, são as coisas das cidades, que d'aquellas alturas se não percebem; mas a que menos de todas se percebêra é o coração metallico dos Cresos, os seus olhos diamantinos sempre enxutos, os seus ouvidos que só vibram ao som do oiro. Possuem a omnipotencia terrestre, e ferrolham-n-a a

sete chaves. Podiam ser adorados como deuses propícios, e numerosas, numerosíssimas, são as coisas das cidades, que d'aquellas alturas se não percebem; mas a que menos de todas se percebêra é o coração metallico dos Cresos, os seus olhos diamantinos sempre enxutos, os seus ouvidos que só vibram ao som do oiro. Possuem a omnipotencia terrestre, e ferrolham-n-a a sete chaves. Podiam ser adorados como deuses propícios, conquistar a unica invejavel gloria, emendando os erros da fortuna, espargindo felicidade, e felicidade enthesoírando.

Então sim, que haveria que se lhes invejar.

Dôr d'alma é, na verdade, não poder homem na solidão pagar por estes, e por si mesmo, dividas grandes e urgentes da Humanidade. Entretanto, lá estende os braços valedores até onde lhe é dado. Onde não chega a remediar com obras, ajuda com o bom conselho, com as recommendações poderosas, com as esperanças, com a presença, com a uncção da palavra amigavel, com o deixar correr sobre a ferida o balsamico das lagrimas. Assim, se terá sempre que dar; sempre, em quanto houver no proximo trabalhos, e no seio coração.

XXII

Isto presenciei eu:

O espirital Pastor do rebanho de S. Mamede do Monte, de quem natural pejo me veda transladar louvores, que por lá se lêem em todos os peitos, contava entre as primeiras de suas ditas a beneficencia, que não pára onde se lhe exauriu a bolsa; que, depois de dar a capa, como o Santo Bispo Martinho, e a coberta, como Frei Bartholomeu dos Martyres, tem ainda para dar a pessoa, como S. Vicente de Paulo.

Era para ver (se elle não poséra tanto em recatal-a) a alacridade, a sôffrega alacridade, com que ia levar aqui um pão, que se devorava como vida que em realidade era, ali o remedio para a doença; aos mal avindos, a reconciliação; ao ocioso, o convite para trabalho; ao orphanado, a paciencia; ao errado, a luz para atinar com a senda, e o bordão para a seguir; ao moribundo, o conforto e a alegria; a todos a moeda aurea, cunhada de uma banda com a effigie do coração, da outra com a da Cruz florida; a moeda riquissima, que por nenhuma outra se cambía; o affecto fraternal.

Ali, sim, que é o ser Parocho.

¡Oh officio divinamente instituido, como te hão degenerado annos frios de descrença e desamor! ¡Com que maravilhoso laço não cifravas o que de mais nobre, o que de mais amavel, se abrange nas ideias da eternidade e nas do mundo!

O rei dos sacrificios era ao mesmo tempo o servo dos indigentes. Vaso de eleição, elle diffundia ao povo ajoelhado os mysterios, os preceitos, os exemplos, as ameaças, os anáthemas, as absolvições, os confortos, e os jubilos. Todos os destinos terrestres se formavam, ou passavam, á sombra d'elle.

Entrados á vida, encontravamol-o, resplandecente de Fé, á nossa espera diante da fonte da Graça, para n'ella, com a bocca cheia de riso, nos purificar.

Arribados á idade da rasão e dos delirios, tornavamol-o a achar na piscina da penitencia para nos restituir, com eloquencia affectiva de Apóstolo, a foragida paz do interior.

No consorcio, eram as suas mãos castas as que nos entregavam, com benções d'alma e sincera prophecia, a mão tremente da futura mãe de nossos filhos.

Nas calamidades publicas, era a sua voz supplice e crente, e afogada em lagrimas, a que levava, como guia segura, o côro de

todas as nossas á presença do Senhor da Natureza.

Em nossas dissensões domesticas, elle o Anjo da concordancia, que primeiro apparecia.

Nas nossas quédas, elle o primeiro braço que nos alçava.

Nas tribulações, elle o nosso mais previsto conselheiro.

Na enfermidade, elle o medico gratuito e não chamado.

Na agra hora da partida, elle o que nos apercebia para a alma confusa e aterrada o pão, o oleo, e o fardel das esperanças para o caminho.

Elle o que ainda nos seguia, depois que já todos os outros medicos iam longe, e até nossos paes e nossos filhos nos deixavam sós. Com preces fervorosas nos acompanhava, até que a terra nos submergisse; e ainda então nos não largava, senão para ir instaurar novas preces por nós sobre os altares.

Solitario na sua vivenda, elle tinha por familia o seu rebanho, com quem, por quem, e para quem, vivia; sempre lhano, sempre dadivoso da sua pobreza, sempre paschoas-floridas para grandes e pequenos, só temido dos maus, ainda que tambem d'esses respeitado.

Se carecia de progénie, se não tinha uma esposa, elle, que tão amenos quadros do casamento sabia apresentar aos noivos ao recebê-los, contava por irmãos e filhos todos os seus parochianos; tinha o seu thálamo de oiro a aguardal-o no paraizo, região que todos os dias entrevia através das folhas do seu breviário; e, se ainda no coração lhe podia alguma ternura sobejar, tinha a sua igreja, que elle amava como esposa; em quem se revia; que se recreava em ataviar, em enriquecer, em lhe adquirir galas de roupas, de sedas, de joias, de flores, de perfumes; em cujas festas se remoçava; em cujos canticos se desvanecia de misturar a sua voz.

No seu sacerdocio se acreditava a pleno, porque elle mesmo acreditava tambem. Se, perante a ara santa a Fé via n'elle um representante da Divindade, nenhum lance da sua vida desdizia esse character augusto e sobrehumano.

A hora em que elle expirava, hora de consternação e alaridos para todo um povo, era a unica, talvez, em que pelos espiritos fuzilavam alguns relampagos de duvidas sobre a justiça e a misericordia do ENTE SUPREMO; duvidas, que a bocca do velho emmudecida, que a reprehensão dos seus olhos fechados, já não podia fulminar, mas que a sua presença, mal chegavam a beijar-lhe os pés como a bemaventurado, promptamente desvanecia. Bem se adivinhava, ao olhal-o, que a sua morte não era mais que somno; e bem se entendia como, ao cabo de tão prolixo, de tão zeloso trabalhar, era rasão colher descanso e premio, como só lá em cima os pode haver.

*

Taes eram, pelo commum, pastor e grei, nas eras cheias e prospérrimas da Christandade.

De taes greis, e taes pastores, ainda hoje ha, mas raro; mas tão raro, que a dedo se apontam; e ainda se não hão-de crer, se não fôrem vistos bem por miudo, e contrasteados bem de espaço.

De ninguem é a culpa, sendo de todos a desgraça.

Não; de ninguem é a culpa. O genero humano curte sempre algum achaque principal; e quasi sempre maleitas. Passou-lhe a febre da superstição; está agora no frio da incredulidade ¿Que lhe ha-de fazer? jazer-se com elle, até que do alto lhe venha o remedio.

*

Existe um phantasma de altar, um phantasma de sacerdocio, um phantasma de vulgo fiel, um phantasma de culto; mas de Fé intrinzecca, nem um phantasma.

A pseudo-philosophia, de que a mean classe engafecêra, pegou-se d'ella, pelo contacto, primeiro á superior, depois á infima.

Ha doenças que teem os seus periodos determinados; esta entra na conta.

A classe que primeira a padeceu, por primeira e por mais illustrada já quer ir convalescendo; já convalesce em muitas partes, se em nenhuma se acha ainda san; mas a que mais tarde cahiu, por isso mesmo, e por ser a mais rude e numerosa, labora no auge da enfermidade, e ainda muito longe (segundo todos os symptômas) de se restaurar.

Hoje o materialismo é especialmente plebeu.

Dos cumes da ordem social podia-se ir desferindo a raio e raio, e descendo manso e manso, a luz, que adelgaçasse, que por derradeiro desfizesse, essas trevas humidas e frias, que nada criam, e afogam tudo.

Mas nem de lá baixa, porque por lá faz ainda noite, nem se derrama da Imprensa, de que a mean classe é representante.

O Poder, fingindo *proteger*, apenas *tolera* os escassos restos da crença. Se alguma vez lhes dá consideração, é quando se lhe antólha que os poderá empregar, por material, para obras politicas a seu modo.

A Literatura, ou por especulação de popularidade, ou por extravagancia de muito joven, ou porque o seculo XVIII do «Paiz modelo» só poudé chegar cá no XIX; a Literatura, figurando tributar a sua homenagem á unica Religião civilisadora, tão decepada e

desgeitosa se avém, que, por entre as suas expremidas lagrimas de compuncção, se lhe está vendo voltear por dentro dos labios o seu lembrado sorriso de septicismo.

A sua religiosidade é um cálculo; ¡grande mal! é um cálculo transparente; ¡mal ainda muito mais funesto!

Reconhece-se que, se de alguma coisa está convencida, não é da verdade real e absoluta que diz, mas da utilidade (ou necessidade) de que seus ouvintes a acreditem.

Forceja para reaccender na ara um pouco de lume santo, que allumie e aqueça; aconselha que se lhe cheguem; mas ella fica fria e ás escuras por de traz da nave, olhando com ar sobranceiro para a turba.

Nunca dobra tanto o joelho e a cerviz perante «o *Christo*» (como lhe ella sempre chama), que a sua cabeça ennastrada de loiros não fique, mais ou menos, sobre-sahindo á pendida fronte coroada de espinhos.

¿Que poderá jamais conseguir para verdadeiras aleluias da Fé e da Moral, este vaidoso e vanissimo apostolado da eloquencia e poesia, que de baixo do falso nome de Christianismo pregôa d'elle uma, ou outra, ou muitas, paginas desconnexas, reformadas, e adulteradas?

Quanto entre si concordavam as inspirações dos quatro Evangelistas, tanto discrepam uns dos outros (e não raro de si mesmos) os novos evangelhos d'estes missionarios sem missão. Á prima-vista se averigua que lhes fallece a convicção, a coherencia, a logica, e a unidade. ¿Quem se irá apóz taes innovadores? Ninguém.

Pelo contrario: as suas diligencias para reedificar só valeriam para acabar de destruir, se podesse ser destruida a Religião de Jesu-Christo.

A Fé é uma obra celeste, que nem a sciencia, nem a força, nem o

poder da terra tem a minima jurisdicção para alterar.

Ou a Fé toda completa, cabal, absoluta, sem um átomo de menos, sem um átomo de mais... ou nenhuma Fé. Fraccional-a, decompô-la, temperal-a cada um para o seu paladar, é pregar-se o homem estupidamente n'uma cruz desbenzida, revirado com a cabeça para a terra, e os calcanhares contra o Ceo. Em tal caso o indifferentismo, e até o atheismo, seria menos descommodo e mais logico dobradamente.

*

Em quanto a Literatura assim acode á obra de Christo, como o poderia fazer n'uma hora de ebriedade o proprio anti-Christo, ¿como é que a trata a autoridade mundana?

Como se fôra obra sua, ou sua propriedade: estende-lhe, protectora desdenhosa, a barra do seu terrestre manto sobre a cabeça despojada do diadema luminoso, diz-lhe que se apegue, para não cahir, ao sceptro que a diante lhe caminha. ¡Elle, o Christianismo, elle, que ainda ha pouco roborava os thronos com a sua benção, permite, quasi, que os seus inimigos o ludibriem!

A blasphemia, que vai picar, verme peçonhento, a raiz da arvore da vida, d'onde se colhe a moral, a blasphemia pode qualquer derramal-a sobre as multidões pelo crivo immenso da Imprensa, e ficar impune; ou o seu castigo, se por erro lhe cahir o da Lei, orçará apenas pelo dos crimes leves, e indifferentes ao Estado.

*

Não é ainda tudo.

Aos ministros do culto, já de si por ventura tibios, como filhos e herdeiros de uma idade desfervorosa, sal da terra já meio derretido, luz do mundo já mortíça, deixam-n-os, ou fazem-n-os enfraquecer-se e relaxar-se ainda mais, desautorizando-os, dessangrando-os, infundindo os nas temporalidades odiosas.

Repitâmol o: não é isto culpa de ninguém, sendo de todos desventura. É uma calamidade providencial, que lá se encaminha para fins certamente gloriosos, que não podemos enxergar.

Em Religião, como em Política, somos nós, enfatuada geração de hoje, mesquinho adubío n'um chão semeado, que outros hão-de ceifar em vindo a quadra.

Chegarão tempos (dil-o o instinto da rasão) em que os direitos e os deveres tenham igual pezo; em que o bom e merecido nome não seja, como pomba tímida, empolgado por abutres ferozes logo ao abrir o primeiro vôo; em que todas as causas santas e uteis se conheçam e respeitem; em que nem a régia tribu de Judá seja, como outr'ora, apesinhada pela de Levi, nem a tribu sacerdotal de Levi, como hoje, mercenária, captiva, e escrava da de Judá.

Então quando o lenho sêcco da Cruz, reflorir, e frutear (como a vara do Propheta) frutos de suavidade, de concordia, de alimento, de forças, de esperança, e de felicidade, de felicidade para abarcar dois mundos, então os pastores, quasi espancados agora pelos seus rebanhos, quasi mendigos, e cuja fronte perdeu o sello da eleição, tornarão a assentar ao-pé da arca santa a sua tenda humilde e venerada, não opulenta mas dadivosa, tenda pobre e rôta, para que pelas aberturas penetrem melhor até ao velho os gemidos do mais necessitado que elle, e para que os olhos d'elle entrevejam as estrellas.

¡Oh! ¡como volverão a ser bellos os dias da Egreja acrisolada pelo fogo! Mal venha por quem, de imprudente, pretendesse retardal os.

*

O autor d'este livrinho (que ainda, apesar de tudo, não acredita em malignidades gratuitas) apressa-se de inculcar, de recommendar aqui, uma verdade, que a sua posição d'elles lhes não deixou talvez ainda perceber; verdade importante para applicações, verdade a cujo escurecimento se pode imputar já muito e muito damno:

O officio pastoral tem, ou pode ter, especialmente fora das cidades, uma importancia para a felicidade das familias, para o bom regimento e prosperidade do Estado, a que nenhuma instituição humana poderia confrontar a sua.

Nas cidades é talvez licito o ignoral-o. O Parocho urbano é quasi um pastor sem rebanho; não conhece as ovelhas, nem as ovelhas o conhecem. A ellas, falta-lhes o tempo e a vontade para o rodearem; a elle, se para o officio entrou com zelo e propositos magnanimos, tudo se lhe veio a acabar com a esperança, e logo a caridade tambem; e a final talvez tambem a fé, mal se inteirou de que todos seus esforços se haviam sempre de quebrar no indifferentismo publico, e de que a sua voz, se lograsse vencer o estrépito circumfuso, só serviria para lhe atrahir escárneos e motejos, ou de fanatico, ou de tartufo.

Nas freguesias ruraes, nas mais remotas, nas serranas e abscônditas sobre tudo, ainda não é totalmente assim. Á entidade abstracta *Parocho* se conserva, no respeito e benevolencia dos subditos, um resto da sua antiga majestade, da sua benéfica influencia, das suas altissimas prerogativas.

Ainda é um parente proximo e autorizado de todas as casas, uma especie de maioral de tribu (como entre os Hebreus do tempo dos Patriarchas, e os Arabes do deserto); um juiz de paz insuspeito; um magistrado sem appellação para as consciencias; um censor, não em nome da Lei (como os de Roma), porém em nome, e com delegação, e por inspiração, do Espirito de Verdade, com quem se crê ter commercio no fundo do santuario. Qualquer que seja a sua

sciencia, é a ella que se recorre como á principal.

Tal é, repito, a entidade *Parocho* em abstracto.

XXIII

Isto posto, e acceito por certo, como é, pergunto: se não deverão empregar-se as mais incessantes, as mais efficazes diligencias, para que o provimento das parochias (das rusticas ao menos) recaia sempre em homens de cultivado e provado entendimento, de sincera e illustrada Fé, humanos e caritativos, desambiciosos, modestos, e de facil e aprasivel trato.

Ninguem o negará, pois são elles as fontes, que, segundo sua qualidade, teem de dessedentar e fertilisar, ou de esterilisar e consumir, a terra que os rodeia.

N'estes agros tempos de contínua revolução e peleja, ou porque tão momentosa ponderação não occorresse, ou porque a vista, de dentro da cidade, não traspassa os muros d'ella, ou porque conveniencias pessoaes e ephémeras, mas urgentes, mas gravissimas, tenham feito postergar considerações de maior utilidade, mas de effeito mais tardío; as egrejas ruraes, como as urbanas, jazem, pelo commum, peor que ao desamparo: entregues, não como egrejas, a homens de oração e de esmola, mas, como torres e castellos, a alcaides e capitães eleitoraes, que no dia do conflicto arvorem e defendam o estandarte do seu bando.

¡Oh! que não sem rasão se collocou a rixosa urna dos suffragios politicos na extranhada mansão dos serenos suffragios religiosos. A um clero secularisado, competia um templo secularisado tambem.

E não ha aqui arguir esta ou aquella parcialidade; é peccado, que todas ellas peccam; ou, para falar com mais justiça, é açoitado que Deus mette na mão de cada uma, quando lhe chega a sua hora de ephémero triumpho.

Se ellas bem considerassem n'isto (suppondo-as a todas, até ás mais illusas, como as devemos suppôr, cordealmente empenhadas na civilisação e no progresso), deixariam o uso d'esta arma, que para servir a

O direito mesmo da Guerra, com ser tão largo e licencioso, nem tudo permite. ¿Porque não ha-de logo, nas suas pelejas, a Politica reconhecer limites, onde o Ceo e a razão os teem marcado?

Combatam se os adversarios; mas não se envenenem as aguas; e se a desavença é entre consanguineos, e em solo commum, não cortemos, para aquecer o rancho dos nossos soldados, as oliveiras centannarias, que já deram oleo, sombra, e paz a nossos avós, e que ainda podem liberalisar o mesmo a nossos netos.

¿Por que é trazer aos festins profanos os vasos do Templo?

Se é chyméra a Religião, se Jesus não é em realidade senão «o Christo», vão fóra tartufías, que não deshonram menos a uma nação que a um individuo; acabe-se de uma vez com *superstições* importunas e dispendiosas.

Mas se «o Christo» foi o Verbo; se o Verbo foi o sol; se o sol é ainda agora a vida do genero humano; se a Cruz é o unico pezo que faz crescer a quem a soffre; se na terra não ha luz senão a que vem de cima; se toda a negação expira nos labios de quem chega a ouvir como se amiudam os anhéritos do estertor, forcejae, forcejae para restituir, ó vós que ainda o podeis, ao santuario do Deus vivo os unicos sacerdotes que elle conhece, ao Povo os unicos oráculos em que elle pode crer, ás miserias o seu antigo e tão amado refugio, aos vícios e aos crimes o dique onde já tantas vagas suas

rebentaram em flor, e refugiram.

¿Não é assaz amplo o thesoiro que entre as mãos tendes de destinos humanos?

¿Os exercitos e as armadas, os tribunaes, os governos, todas as magistraturas, todos os magisterios, todas as exacções, todas as administrações, não vos dão de sobejo com que pagar ou empenhar amisades, zelos, e serviços, sem ser mistér que o povo de Deus venha, escravo e deshonrado, desde a sua Jerusalem deserta e muda, carregar a pedra e a areia para o vosso arco de triumpho?

Rachel chorosa chora os seus filhos, e não quer consolada porque elles não existem para ella. Os moradores de Sião não entôam os seus inspirados canticos, porque os trasladaram para a beira dos rios de Babylonia. Ressuscitae para Rachel os seus filhos; responde em Sião os seus moradores.

A voz grande que se ouve em Rama prantear pela noite muda, calar-se-ha. A Cidade santa restaurará as suas festas.

Não vos arreceeis de que, feriendo os levitas, e despedindo-os das vossas tendas para a da Arca santa, o exercito da vossa parcialidade, qualquer que ella seja, se torne mais fraco.

Pelo contrario: então é que a victoria, filha das benções da terra e do Ceo, ha-de poisar para sempre, como uma auréola, sobre a hasta do vosso estandarte, porque se dirá de toda a parte: «Eis ali os fortes, os que bastam per si para se defenderem. E Pelo contrario: então é que a victoria, filha das benções da terra e do Ceo, ha-de poisar para sempre, como uma auréola, sobre a hasta do vosso estandarte, porque se dirá de toda a parte: «Eis ali os fortes, os que bastam per si para se defenderem. Eis ali os justos, a quem o Senhor outorgará dominação, porque elles lhe hão restituído os sacrificios.»

XXIV

Mas redescendâmos o estylo á lhaneza do nosso assumpto.

*

Logo que na legislação entrar mais *bom-senso* que *politica*, mais realidade que ficção, mais pensamento de semear que de ceifar, mais amor do homem que de homens, o recrutamento e a disciplina da milicia sagrada devolver-se-hão inteiramente, francamente, sem restricções mesquinhas e nocivas, das mãos profanas para as dos seus superiores e arbitros naturaes: os Prelados.

O Governo se gloriará de haver se desembaraçado de uma tarefa, de pouca importancia aos olhos mundanos, e todavia cheia de incerteza, e de responsabilidade incommensuravel. Gloriar-se-ha ainda mais, de haver facultado com a sua restituição o incremento da religiosidade; por ella o das virtudes domesticas; por ellas, o das virtudes politicas; por tudo, o da prosperidade do Estado.

Quando cada Bispo, maioral responsavel e zeloso de uma profusa grei, poder escolher por si mesmo, affeição de espaço, collocar por sua mão, os vigias de cada um dos seus rebanhos parciaes, ¿quem duvida de que então os desacertos nas ponderadas escolhas hão-de ser tão raros, como os acertos o são no actual systema, em que são as casualidades, quando não as affeições ou os interesses, que predominam?

*

Quanto aos Bispos (honra a quem a merece, e justiça a todos), as eleições do poder temporal teem merecido a geral approvação; teem recahido, pelo commum, em varões de mui notoria sciencia e

prudencia, equidistantes dos dois oppostos fanatismos, concertados nos costumes, e zelosos discretamente.

Graças, graças ao poder temporal, que já deu o primeiro passo, passo de gigante, para a suspirada reformação. Agora os restantes hão de seguir-se, porque são consequencia.

Logo que soube, e quiz, prepôr ao Episcopado varões taes, logo que manifestou ao mundo que n'elles a todos os respeitos se fiava, tacitamente se obrigou a lhes repôr... (estas suas usurpadas regalias, ia eu dizer, e era um erro) estes seus onus, estes cahidos galhos da sua cruz, este accrescimo de trabalhos e mortificações, este para uma consciencia melindrosa martyrio das horas todas.

Seriam elles, elles mesmos, os Bispos, os que poderiam furtar os hombros a tão duro redobramento de carga, se a caridade, obrigada nos do seu officio, os não forçára a beijal-a com lagrimas, tomal-a com exultação, e seguir via pelas asperezas do Calvario para o Ceo.

*

¿E que são em verdade os Parochos, ou antes: ¿que foram os Parochos desde os antigos seculos da sua instituição, que foram, se não uns coadjutores dos Prelados maiores, para fazerem chegar até aos minimos e mais obscuros recantinhos das Diocéses a sua doutrina, a sua caridade, e os seus exemplos?

Pois que os olhos, os ouvidos, os passos, e as mãos, de um só, e quasi sempre velho e cansado, não podiam alcançar tão longe como o seu espirito; medicos de populosos hospitaes de almas (e de corpos tambem), não lhes chegando as forças para estarem dia e noite a todas as cabeceiras, contarem todos os gemidos, ministrarem todos os remedios, estudarem todos os symptomas, limparem todos os suores, padecerem em todos e com todos, segundo a maravilhosa expressão do Apóstolo das gentes; distribuiram em cada enfermaria quem os supprisse, quem os

fizesse sempre estar presentes, quem em seu nome, e segundo a sua sciencia, receitasse e administrasse, e nos casos duvidosos os fizesse de subito acudir.

¿Como póde portanto, quando militam as mesmas rasões que presidiram á criação dos Parochos, consentir-se uma praxe, em que tudo vai falsificado?

Dar ao medico, para seus ajudantes, homens escolhidos por homens inexperitos e ignaros da sua arte, não pode ser; e não ha-de ser sempre; e cabe nos esperar que nem continuará a ser por muito tempo.

O Episcopado vai reassumir a sua autoridade imprescriptivel, o indispensavel respeito e obediencia dos seus primeiros subditos. Os presbytérios civis, hoje de tantos corvos e abutres, vão ser como essas torrinhas, que se branqueiam e se perfumam de incenso para morada de pombas. As parochias reverdecerão: e florescerão, até ao possivel auge, em creanças innocentes e instruidas, em adultos pios e laboriosos, em mulheres castas e amantes do seu lar e dos seus deveres, em velhos pacientes, resignados e conselheiros, em sólo bem cultivado e bem festivo; e o Throno se alegrará com os novos reflexos de ventura, que lhe virão de cada palmo da terra comprehendida no seu horizonte.

XXV

Não venha agora, no processo d'esta santificação, intrometter se o *Cardeal-diabo* do cume, com máscara de amor da Liberdade. Ainda que a máscara é de vidro, já d'aqui lh'a havemos de quebrar nas mãos, batendo-lhe em cheio com tres nomes todos presados: França, Italia, Inglaterra.

*

¿Que nação mais ciosa das suas immunidades, que a franceza?
¿Que nação menos para consentir á Egreja o que de jus stricto lhe não compita?

Nenhuma.

Ora em França, bem sabemos todos que são unicamente os Prelados os que formam o seu Clero. Educam-n-o longamente. Instruem-n-o copiosamente, por livros não escolhidos (como entre nós) pela Autoridade civil, ainda que (de si se entende) sujeitos á sua inspecção. Acostumam n-o ás praticas do seu não facil ministerio. Estudam, provam, e contraprovam, a aptidão e especial préstimo de cada um. Aproveitam só os que n'esse crivo pertinazmente bandejado sobrenadaram; e outra vez os escolhem á mão, para os irem repartindo pelas Parochias do modo que mais aproveitem; pois de ver está, que, differindo em indole e circumstancias as povoações como os individuos, tal individuo, que em tal povoação quadrará á justa, a afortunará afortunando-se; n'outra, que menos lhe molde, valerá menos, trabalhando e padecendo mais.

*

O exemplo da Italia, tenho eu que ainda apérta melhor; porque, se lá os Bispos são independentes, como em França, para o provimento de suas egrejas, não é porque em mãos leigas esteja o sceptro do Estado. Ali o Sceptro é Bago juntamente.

*

Documento, porém, sobre todos frisante nos offerece por ultimo a Gran Bretanha.

Ali a Igreja Catholica, sem ser a do Estado, não protegida se não tolerada, não acarinhada se não temida pelo seu progressivo, cada vez mais rapido, mais assombroso, engrandecimento, gosa se, não obstante, por longa e pacifica posse, d'este seu não *privilegio*, se não *direito* essencial; e os seus Bispos são pelo menos tão independentes no tocante á cura de almas dentro de suas Diocéses, como dentro nas suas os proprios Bispos protestantes.

XXVI

Ora pois: logo que entre nós se houver perfeito d'este modo a regeneração do Clero pelos seus principes (unicos legitimos em tudo que ao seu ministerio se refere) cabe esperar que a optima parte das nossas populações ruraes se ha-de ir tambem insensivelmente regenerando, e que a minha gente de S. Mamede do Monte será querida, e comprehendida até por cortesãos, quando sahirem a folgar no campo algum estio.

Para então é que este livrinho, semelhante aos frutos que amadurecem em casa e ás escuras, ha-de ter para mais alguem o sabor que eu já lhe tomo.

*

Se elle consegue, para além das raías da minha expectação, fazer com que um só captivo da Cidade cobre amor á vida solitária, ou que um unico solitário aprenda a conhecer alguma parte da sua encoberta bemaventurança, já não trocarei o pobre gosto de o ter escrito, pelos maiores triumphos literarios.

FIM DO PROLOGO

Notas de Castilho a este Preambulo

NOTA I

Fontes de estudo

Como, durante a minha estada na serra, me não passava pela mente que houvesse algum dia de bosquejar esta humilde Odyssêa dos sitios e gente d'ella, nada trouxe apontado a tal respeito. Revolvendo as minhas memorias não escritas, achei n'ellas consideraveis lacunas, mormente no tocante á topographia, que eu desejava (quanto dado me fosse) completar. N'esta pressa me soccorri á officiosa amisade do actual Prior de S. Mamede da Castanheira, o Rev.^{do} Padre Antonio Jozé Rodrigues de Campos, a cujo zelo devo o ter podido apresentar menos imperfeito o meu painel, em que faltará tudo, á excepção de verdade nas coisas, e nos retratos parecença.

NOTA II

Parochos

Na generalidade que estabeleço, por muito convencido, caberá fazer algumas gloriosas excepções; e, sem ir mais longe, o meu Parocho, n'esta freguesia de Santa Isabel^[5], o Rev.^{do} Padre Jozé Jacintho Tavares, é varão de copiosas Letras, tanto sacras como profanas, de sãos costumes, sobredoirados de indole sociavel e amena, e incançavel na caridade. As reparações e embellezamentos, com que se tem remoçado o templo em que elle serve, nada são comparados com os soccorros de pão, de letras, e de instrucção christan e civil, que já começam a disfrutar os indigentes da sua freguesia. Largos são ainda os seus projectos; ajude-o a Providencia; deixará formoso exemplo aos do seu officio, e muita saudade filial de mulheres e homens prestaveis, em que elle haverá transformado, pela educação, creancinhas ainda hontem desamparadas, e a pique de perdimento. Não quiz perder este lanço de ajudar com um pequeno brado o clamor da gratidão popular, que algum dia ha-de ser alto.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

Notas:

[1] O Doutor de capello José Feliciano de Castilho Barreto falleceu na Castanheira do Vouga a 6 de Março de 1827, e foi enterrado na capella mór da egreja parochial. Foram em 6 de Outubro de 1872 transportados os seus restos mortaes para o jasigo da sua familia no cemiterio dos Praseres em Lisboa, onde se conservam.

OS EDITORES

[2] Existe ainda este cedro que tem alcançado descommunal corpulencia. Chamam-lhe por lá *o cedro do poeta*, ou *do Castilho*.

Os EDITORES.

[3] Ovidio— *Os Fastos*—Liv. VI.

[4] Allusão aos amargores da redacção da *Revista Universal Lisbonense*, minuciosamente narrados *nas Memorias de Castilho*.

Os EDITORES.

[5] Castilho morava então na rua de S. Marçal.

Os EDITORES.

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA
95—RUA AUGUSTA—LISBOA

Obras completas de A. F. de Castilho

XX

O Presbyterio da Montanha

VOLUME II

**LISBOA
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1905**

**OBRAS COMPLETAS
DE
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO**

VOLUME 20.º

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
- IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.º v.)
- V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.º v.)
- VI — A PRIMAVERA (1.º vol.)
- VII — A PRIMAVERA (2.º vol.)
- VIII — VIVOS E MORTOS—Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
- IX — VIVOS E MORTOS (2.º vol.)
- X — VIVOS E MORTOS (3.º vol.)
- XI — VIVOS E MORTOS (4.º vol.)
- XII — VIVOS E MORTOS (5.º vol.)
- XIII — VIVOS E MORTOS (6.º vol.)
- XIV — VIVOS E MORTOS (7.º vol.)

- XV — VIVOS E MORTOS (8.º vol.)
XVI — EXCAVAÇÕES POETICAS (1.º vol.)
XVII — EXCAVAÇÕES POETICAS (2.º vol.)
XVIII — EXCAVAÇÕES POETICAS (3.º vol.)
XIX — O PRESBYTERIO DA MONTANHA (1.º v.)
XX — O PRESBYTERIO DA MONTANHA (2.º v.)

NO PRÉLO:

XXI — O OUTONO.

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, anotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XX

O Presbyterio da Montanha

VOLUME II

LISBOA
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 | 45, Rua Ivens, 47

1905

I

A PRIMEIRA NOITE NA SERRA

... Ibi hæc incondita solus
montibus et silvis studio jactabat inani.

¿Vélo? ¿Sonho? ¿Deliro?! ¿Em solitario monte,
que se espanta de ver-me, e cuja austérea fronte
nada avistou jamais, no amplissimo horizonte,
de mundo a tumultuar, de cidades a rir...
n'este ermo ignaro, frio, mudo...
aqui... (¿deliro? ¿ou sonho?) aqui meu lar, meu tudo!
jo meu presente e o meu porvir!

Genio invisível da montanha,
de astros, de sol, o ceo te banha;
o mar de longe te acompanha
no livre cantico sem fim.
Escada de Jacob da terra ao firmamento,
a mansão tua é monumento
da potencia, do amor, das glorias d'Eloim.

Emquanto, em derredor do solio teu sublime,
a baixa terra vil que a instavel sorte opprime,
se volve, se transforma, e sua angustia exprime
n'um continuo anhelar, n'um confuso clamor,
a variedades sobranceiro
mantens-te qual surgiste, e do cahos primeiro,
e do diluvio assolador.

Silencio e paz contigo habita;
o ermo é como o eremita;
loucas vaidades não cogita;
ama o seu rustico trajar;
em apparente inercia ama que ferva occulto
de seus affectos o tumulto,
seus extasis, seus ais, seus gostos, seu orar.

Sim, Genio da montanha, Archanjo de poesia:
eu creio em ti; eu creio em que alma ingenua, pia,

póde ouvir de tua harpa a casta melodia,
e abraçar-se de amor e endoidecer por ti;
sim; mas eu, frívolo, profano,
á solidão extranho, affeito ao mundo insano,
¿que hei-de esperar? ¿que tenho aqui?

Toda a minh'alma se entristece,
e se confrange, e se ennoitece,
ao ver que a sorte lhe destece
de um sopro os aureos sonhos seus.
Sonhava applausos, gloria... ¡em desterro desperto!
sonhava mundo... ¡acho um deserto!
sonhava inda illusões... ¡e escuto-lhes o adeus!

Náufrago, perco a lyra em meio da viagem.
¡Desço vivo ao sepulcro! ¡Em ti, fatal paragem,
quem me resurgirá? Dos montes a linguagem...
oiço... escuto... medito... e em vão quero entender
é como uns sons de ignota fala;
qual ás penhas o mar, me inunda e me resvala,
sem me abalar, nem me embeber.

¡Oh! ¿á minh'alma taciturna
que importa, ó montanha soturna,
que de perfumes sejas urna
da terra erguida sobre o altar?
¿que o ceo te ria azul, mais amplo e mais de perto,
que o sol doirado, ao teu deserto
mais cedo suba, e á tarde o desça com pesar?

Vir mais tardia a noite, a aurora vir mais cedo,
¿que me aproveita? Inerte entre o immovel fraguado,
só ouvindo os tufões e os corvos no arvoredado,
bramirei:—«¡Cresce o tempo! ¡oh! ¡supplicio cruel!
¡são mais pesares, mais saudades,
mais estro a arder em vão, mais visões de cidades,
mais tentações a dar-me fel!...»

¡Ai! ¡mundo! ¡ai! ¡eccos seductores!
¡Tanto vate a ceifar louvores!...
¡Tanto moço a colher amores!...
¡Tantos loireiros e rosaes!...
E eu n'esta solidão a torcer-me arraigado,
qual roble que geme indignado,
vendo ao longe no Oceano os lenhos triumphaes!

Assim ruge, baldão de vingativo nume,
esse que a argilla outr'ora encheu de ethereo lume;
assim, nos gelos sua, agrilhado ao cume
do caucáseo alcantil, seu cadafalso atroz.
Só o abutre de eterna fome,
que o grande coração algoz sem fim lhe come,
responde em ais á sua voz.

Fenece o dia. ¡Hora jocunda,
que eu tanto amava! ¡hora fecunda
dos cantos meus! ¿por que me inunda
nova amargura o coração?
¿Sino crepuscular, tôas funéreo dobre?
a serra em luto se me encobre;
a nocturna mudez duplica a solidão.

Nenhuma luz scintilla; humana voz não sôa.
De estrellas a accender-se o Empyrio se povôa;
tal a fada Coimbra, a senhoril Lisboa,
nest' hora a quem as olha, entram no escuro a abrir
de luzeiros um labirinto.
¡Ceos! ¡Não oiço eu troar... seus coches!... O que sinto
é vento em selvas a rugir.

Calae, fugi, ventos agrestes;
sumi-vos, lampadas celestes;
n'um seio a delirios já prestes
não susciteis mais tentações.

Ou antes... aturdi-me, Euros bravos; ou antes...
vós, astros, cifras de diamantes,
o arcano me aclarae lá d'essas regiões.

¡Oh! ¡se á minha razão, contradictoria, altiva,
que ás trevas sente horror, e á clara Fé se esquivava,
de vós, faroes do Ceo, baixasse a crença viva,
que aos moradores do ermo inspira a vossa luz!...
¡se me volvesseis as ditosas
esp'ranças que hei perdido, alvas, ethereas rosas,
com que se enfeita e esconde a Cruz!...

Tornar-se-me-hiam de improviso
a solidão, em paraizo;
a magua, em perenne sorriso;
em alto cantico, a mudez;
a mallograda lyra, o não colhido loiro,
em harpa augusta, em palmas d'oiro;
e o monte, solio então, veria o mundo aos pés.

Delirios sempre vãos, fugi de um peito enfermo;
tu, só tu, negra morte, has-de ao meu mal pôr termo;
ermo para ambições, é inferno, e não ermo;
para a humilde piedade é que elle espelha o Ceo.
Gentis phantasmas de cidades,
vinde, escondei-me o ermo em vossas claridades,
como um esquife em aureo veo.

¡Vinde, cercae-me, endoidecei-me,
(embora em saudades me eu queime)!
O somno, as vigílias enchei-me
da vossa esplendida vizão.
¿Val o riso choroso as festas da loucura?
vinde, guiae-me á sepultura,
crente no amor, na gloria, e rindo á solidão.

¡Eu blasphemo, eu desvairo! Aos encontrados votos,
nem ecco respondeu n'estes covões ignotos.
Não, cumes glaciaes, tão outros, tão remotos
dos sitios que eu amava, e em que esperei morrer;
 não, no silvestre seio vosso,
nem de amenas ficções apascentar-me posso,
 nem menos as posso esquecer.

¡Valor! ¡valor! ¿Quem do futuro
sondou jamais o abysmo escuro?
¡Apenas chego e já murmuro!
 ¿O de que tremo acaso sei?
Esperemos: talvez que inglorios, mas doirados,
 aqui me aguardem, recatados,
dias de estro e de paz, quaes nunca disfrutei.

Se além, no presbyterio, humillima choupana,
(Vaticano, e Queluz da pobre grei serrana)
mais que fraterno amor sollícito se afana
em me afôfar o ninho, a vida em me inflorar;
 se n'um retiro verde e mudo,
por elle tenho o leito, a mesa, o doce estudo,
 sombras no estio, o inverno ao lar;

se a solidão que me apavora,
sómente o fôr vista de fóra;
se em seus recôncavos demora
gente feliz, povo de irmãos;
se do antigo viver, das crenças de outra idade,
 vestigios guarda a soledade;
se poesia se vive entre estes aldeãos;

se a alegria, serena, isenta de pesares,
como a fresca saude, habita os puros ares;
se em toda a parte ha Deus, em céos, em terra, e
mares,
se Deus em toda a parte á Natureza ri...

coração meu, não desanimes,
gozos que não prevês, e cantos mais sublimes,
encontrarás talvez aqui.

¡Ah! sendo assim, ¡que importa a fama!
Tambem philoméla derrama
sua harmonia ás selvas que ama
longe de ouvintes e do sol.
Cantarei. ¿Meu cantar mais ambições teria
que a viva, a lustrosa poesia,
de perolas que a flux borbóta o rouxinol?

Castanheira do Vouga
Outubro de 1826.

II

O SEPULCRO OU HISTORIA DE UMA NOITE DE SAN JOÃO (POEMA)

INTRODUÇÃO (QUE É MELHOR DORMIR, QUE LER)

(Ermo alpestre entre cabeços de rocha e pinheiros, na serra do Caramulo. É noite escura como breu. O autor e um arrieiro, ambos a cavallo, transviados na montanha.)

I

—Bem lh'o disse eu, perdemos o caminho;
a velha era por força alguma bruxa.
Logo eu zanguei co'a cara e mais co'a touca!
—Bom; a pobre mulher (¿que mais querias?)
tres vezes t'o ensinou.

—Nem trinta vezes
que eu passasse por elle, o aprenderia;
a não ser pelo rasto que deixasse
esmurando o nariz por essas lapas.
Já levo sem ferrage ambas as mulas;
perdeu-se o norte; não descubro casa,
nem gente, nem caminho, e é quasi noite.
Patrão, por meia legua mais ou menos,
não se deixa uma estrada como aquella,
que costeava o monte á beira da agua.
A velha era uma bruxa, e nós dois asnos.
—Dize um que vale dois, mas dois não digas.
Se tomámos o atalho em vez da estrada,
toda a culpa foi tua; eu não queria,
porem teimaste; e eu não me opponho a teimas.
—Mas eu ¿por que teimei? ¿pois se a maldita,
com ar de santa, e palavrinhas manças,
nos rabiscou co'o pau no pó da estrada
tão claramente as idas, as venidas

d'esta serra sem fim, não lhe escapando
lomba, moiteira, torcicólo ou brenha,
que a mula mesma entenderia o mappa!
¿Quem não cahia em tal? cahiam todos.
É de mais ¿quem nos diz que aquelles riscos
não tinham diabrura ou nigromancia
capazes de encarchar um Santo em carne?
¿E quem me diz a mim que a grenha russa
não vai ao pé de nós? ¡talvez sentada
na anca da mula!... ¡*fúgite*, demonios!

Meu Doutor, pelo mundo ha muita coisa;
quem mais anda, mais sabe; e eu não sou tolo,
nem creancinha de honte. ¡Olha o diabo!
bem digo eu; a azinhaga aqui poz ponto;
caminho... ¡era uma vez! ¡Má raio a parta!
¿que havemos de fazer nestas alturas?
—Tornarmos para traz.

—¿Por este escuro?
¿quer dar cabo das mulas, e estostrar-me?
¡co'um milhão de diabos!!...

—Pois fiquemos.
—E as mulas comam terra, como os sapos,
e nós carqueja.

—As noites são bem curtas.
—Se ao menos se avistasse alguma venda...
—Em rompendo a manhan teremos tudo.
Por agora apeemo-nos.

(*Apeiam-se.*)

*

—No inferno
estoire entre um milhão de Satanazes
o que inventou primeiro andar de noite;
era o maior ladrão... ¿Que bulha é essa?

—Não é nada; uma pedra que rebola.

—¡Que rebola!? ¡e sem mão! será bonito,
mas nem por isso engraço. ¿E aquelle bruto
lá em cima no pinhal, que guincha tanto!

—Algum mocho.

—Más balas o achessem,
e lhe acabem co'a casta antes de um'hora;
cuidei que era outra coisa. Eu na taverna
valho por cinco ou seis; mas cá perdido,
e então de noite, um pisco me põe medo.

—Pois dorme.

—¿O quê? ¡dormir! ¡co'a bruxa ás barbas!
só se eu fôsse algum bêbado. Esta noite
nem pregar olho, nem largar das unhas
dois penedos; e ao pé já está reforço.

—Golgan, já que não foi por nossa escolha,
busquemos contentar-nos co'a poisada,
que inda não é tão má como o parece.

¡Quantos ha menos bem acomodados
por esse mundo agora! uns em cadeias,
outros entre ladrões, náufragos outros,
estes em luto, aquelles em doença.

Bastantes em colxões de plumas fôfas
revolvem entre hollandas, e sedas, e oiro,
cuidados tristes, asperos remorsos.

¡Quantos até nas salas mais alegres,
entre as luzes, e as muzicas, e as danças,
mas em face de um sôffrego banqueiro,
padecem mais que um reo chegando á fôrça
Não ha mal sem peor; qualquer estado
se se compara, é bom; com cara alegre
suavisam-se os incommodos; um fardo
n'um hombro impaciente é fardo e meio.

Quem não soffre um descommodo pequeno
nos grandes morre; um leve desagrado
dá realce ao prazer quando nos volta.

Qualquer estado, e pessimo que seja,

tem seu lado risonho; e é da prudencia
d'entre os picos da silva achar a amora.
Amen.—Brava o latim; dá ceia e cama.
—A falta d'esta ceia é novo adubo
do almoço de amanha; e enquanto á cama,
¿que outra melhor do que esta em mez de Junho?
Nem paredes nem tectos, que nos roubem
a viração da noite apoz a calma;
por entre essa quebrada dos penhascos
lá em baixo o mar co'os seus murmurios frescos;
sobre nós, e por baixo das estrellas,
pendendo como um lustre, este carvalho
cravejado de insectos que entre-luzem;
dois rouxinoes ao longe; as lageas, mornas.
Vê; que soberba camara!; que leitos
desde a origem dos seculos nos guarda
no seio d'esta brenha a Natureza!
—Ao menos não tem pulgas. ¡Xó, canalha!
¡leva rumor! é bom pregar de coices.
Não durma, Sôr Doutor.

—Não tarda muito
que eu não entre a sonhar ¡Que bellos sonhos
não devem ser os de uma noite d'estas!
—Tenha lá mão com isso; o que eu prometto,
para espalhar-lhe o somno, é uma enfiada
de casos que eu passei na minha vida;
tão rara, que podia ir á *Gazeta*!

*

Uma vez ia eu só; era em Novembro;
chuviscava e fazia um tal escuro
que era metter os dedos pelos olhos.
(Lembrou-me esta a proposito da mula
escoicinhar sem causa.) E era bom tempo
aquelle; andava Christo pelo mundo;

tinha eu mais duros, que patacos hoje,
e andava o oiro aos pontapés da gente;
tambem... ¡já cá não torna! O grande caso
é que n'aquelle tempo era eu solteiro,
e rapaz bonitote; e havia muitas
que me fizessem fogo; eu cuido, e é certo,
que não pelos vintens; nem pela cara;
mas isto de casar co'um almocreve,
seja elle o diabo dos infernos,
parece a todas bem: é uma delicia
ter o seu homem só de vez em quando,
em lugar do espião de um pegamaço
com residencia fixa em ar de abbade.
Mas... não é bom falar na vida alheia.

*

Como lhe ia contando, era almocreve;
chamavam-me o *Chupista*. ¡Oh! que bolaxa
que eu pespeguei na cara do coécas
que me inventou a alcunha em certa venda!
qualquer creança lhe moia os queixos;
já lá está onde o pague ¿Onde ia o ponto?
¡ah! sim; era almocreve e recoveiro;
e andava com dez machos todo o anno
a correr quanto valle e monte havia
para cobrar o fôro aos Frades Cruzios.
Que isto do fôro é bom, nem que pareça;
uns pagam-lhe borel, outros centeio,
queijos, presuntos, lan, cevada, vinho,
gallinhame por arte do diabo,
ovos, e até o musgo onde se empalham.^[1]
Não ha n'um pardieiro um desgraçado
que não deva pagar alguma nica.
Já vê donde me vinha a minha alcunha;
mas sem rasão; é porque andava ás ordens.
Tambem já tenho ouvido alguns autores,

tal como o meu cunhado, e mais uns certos,
que é coisa bem mal feita a tal derriça;
Mas bem feito ou mal feito, eu não sou Papa.
Vamos cá co'o meu conto.

*

Era uma noite,
cuido que já lh'o disse, ali por Maio,
e fazia um luar... que era um consolo.

Eu saio a meu avô; se é boa a estrada,
gósto de andar de noite havendo lua;
cá pelas brenhas não, que não sou lobo.
Vinha eu mui fresco em mangas de camisa,
em cima de uma carga de presuntos,
pela estrada real, co'os sete machos
a dormir ao som da chocalhada.
Vinhámos caminhando em certo passo
de quem gosta da noite, ou vem sem pressa,
ou de quem traz comida a gente farta.

*

Que lhe digo, em abono da verdade,
que servir Santa-Cruz não dá desgosto:
pagam bem, fazem festa ao galinheiro,
vendo os machos no pateo é uma alegria!...
¡aquillo até os olhos se lhes riem!
dão pinga, e de cear, e muitas vezes
vi eu estar vai não vai a dar-me um beijo
o Frade gordo que recebe o saque.
¡Bom tempo! ¡bom de lei! já cá não torna.
Não durma Sôr Doutor.

—Não durmo; acaba.

—¡Acabar! não acabo em toda a noite,
nem que estoire a barriga do diabo.
Inda eu não comecei. Lembra-me um Frade
que havia em Santarem; tinha um cachaço,...
por tal signal que até revia enxundia;
¡e era um demo, o maldito, a beber vinho!...
¡Mas aquillo! a prégar era uma joia;
um sermãosinho d'elle atarantava
e punha tudo azul. Tinha a constancia
de arrumar prègações de duas horas.
N'um que eu lhe ouvi, depois de falar muito...
(e olhe, foi tanto, que eu, e muita gente,
já tínhamos dormido á regalada)
disse muito pausado: «Eu principio.»

Assim faço eu tambem. Todos devemos
tirar das prègações algum proveito.
Ora pois, não me durma, e ahi vai a historia;
porém tenha lá mão, que a levo errada.

*

Nesse dia á tardinha, na estalage
tinha entrado uma velha; era um diabo,
que isso... só visto! pequenina, magra,
muito preta; era um bilro de pau santo.
Tinha pela cabeça um lenço pardo
atado pela barba, um manteo ruço,
e uma mantinha exotica e de agoiro.
Tinha então uma cara não sei como;
nem parecia cara; era um nó cego
que fazia azoar a toda a gente;
mas muito experta; e uns olhos como um bixo.
¡Tambem aquella rez tinha no corpo
muita pipa de sangue de creanças!

*

Cheguei eu á estalage, e ia com fome;
vou-me á carga do fôro, agarro uns ovos,
mando os frigir com mel, que é papa fina;
e então para quem tem de andar de noite
dizem que é bom, que livra do catarro,
já se sabe com quatro pingarolas.
la se preparando o meu guizado,
e era um cheiro tão bom pela cosinha,
que isso não ha dizer. Já dois gallegos,
e mais, tinham ceado; andavam tolos
a cochichar, e ás voltas pela casa,
um olho em mim, outro olho na tigella,
e eu muito concho a rir, e a pescar tudo.
Basta dizer que me pediram ambos
que vendesse um quinhão; je isto em gallegos!

*

Emfim, cheirava bem, e estava d'alma.
Mas o monstro da velha era uma estaca
ali muito direita ao pé dos ovos,
com cada olho aberto, ¡que te parto!
Era mesmo um olhar de inveja e zanga.
Logo eu tive má fé co'a tal menina
quando ella perguntou quem era o dono.
Porém quem mal não usa mal não cuida;
sentei-me á meza a codear nos ovos.
Ora agora o vereis: a minha amiga
amúa-se n'um canto, mais vermelha
que um pimentão, e eu sempre a observar n'ella.
Ferra os olhos em mim com tal quezilia,
que a não ser por temer a Deus e a ella,
batia-lhe co'o prato pelas trombas.

Botava cada lagrima... ¡de punho!
dava cada suspiro, a excommungada,
¡que punha medo! accendo o meu cigarro,
pago, monto a cavallo, e sigo a estrada.

Era já noite escura, e um vento frio
como o gran Satanaz.

*

¿Que diabo é isso?
ressona?; ou já na costa anda algum moiro?
—Avante; são as ramas que sussurram.
—Pois deixe-as sussurrar. Vinha eu picando
pela estrada real por ser já tarde,
e a assobiar sósinho o *tiroliro*.
Vai senão quando, estacam-se-me as bestas.
Á esquerda, como ahi, ficava um monte;
d'esta banda um pinhal muito fechado;
de sorte que o caminho (e então mui longe
de todo o povoado) era um soturno,
que nem Roldão o andava áquellas horas.
Entrei logo a suar e a arripiar-me;
e as mulas n'um inferno de pinotes
sem quê nem para quê; davam taes rinchos,
que se fundia o chão; pregavam coices,
que assoviavam no ar; ¡que contradança!
era uma groza de diabos doidos,
e eu mais doido, no meio, á bordoadas.^[2]
Aqui digo eu como dizia o Frade
n'outro sermão de um Santo; *não lh'o pinto
por não ter um pincel*. Mas faça ideia
que tal eu ficaria lobrigando
(¡eu te arrenego diabo!) uma luzerna
a ir e a vir, á roda, e acima e abaixo,
lá longe no pinhal. Que era bruxedo

tive eu logo de fé; muitos que m'o ouvem
riem-se, e tal; deixal-os rir; ha bruxas;
que isso sei eu; je então ali! jão tarde!
Por força era algum sabbado lá d'ellas,
que as taes amigas juntam-se de noite
a fazer os seus sabbados, o mesmo
como nós no Natal á meia noite...
Ha muita comezana de creanças,
sarrabulhos de sangue, cambalhotas,
e umas rizadas..... que até Deus se admira.
No meio anda um pretinho muito gordo,
que é o proprio diabo em carne e osso.
Diz então muita coisa a todas ellas,
dá-lhe lá seus conselhos, toma contas
do que teem feito, e..... acaba a tal comedia.
Untam-se co'uma untura que lá sabem,
transformam-se em corujas e mosquitos,
o diabo e o lume sorvem-se na terra
dizendo boa noite até tal dia,
e ellas voltam-se a casa a armar já outras.
Isto sabia-o eu como os meus dedos.
Lembrou-me a tal gulosa da estalage,
e então é que dei tudo por perdido.
Deitei fóra o cigarro, e entro em voz baixa
(jsempre isto do pavor faz muita asneira!)
entrei eu co'as mãos postas para as mulas
a pedir-lhes co'as lagrimas nos olhos,
pelas Almas Bemditas, que deixassem
todo aquelle motim, que me perdiam;
que fugissem d'ali, que andavam bruxas,
e que pé ante pé viessem vindo;
que eu promettia uma ração dobrada.
Partimos. De repente desembésta
d'ao-pé da tal luzerna um certo vulto
direito para nós como uma xára.
Com seis milhões de grozas de diabos!
¿quem havia de ser, senão a velha?

Salta n'um pulo a estrada, atrepa ao monte,
chega ao cimo, e de lá muito sizuda
entra a dizer-me adeus, e (j't'arrenego!)
a fazer-me uma cara dos infernos...
—¿E tu viste-lhe a cara em tanto escuro?
—Certo é que lembrou bem; tambem agora
lá me faz confusão ter visto a cara.
¿Escuro? isso era escuro como um prego;
não sei como isso foi, mas vi-lh'a, e vi-lh'a;
j'assim eu visse Deus! trago-a ainda hoje
tão bem encasquetada no juízo,
que a podia pintar, e era pintura,
que urrariam os bois se lh'a mostrassem.
Quer escuro quer não, vi-a, e está dito.

*

Mas o bom não foi isso; o mais bonito
foi entrar de repente o gallinhaço
nas canastras da carga em cantarolas,
a romper, a fugir, e eu pila pila
para aqui, para ali, correndo ás cegas
sem as poder juntar. Foi se-me a noite
n'esta labutação; de cada canto
sentia um cacarejo, ia ás carreiras,
gallinha... por um oculo. Já rouco,
moido e desesp'rado, ao romper d'alva
vejo as minhas senhoras mui contentes
todas juntas n'um bando ao pé das mulas.

*

Mas alto; esta é peor. ¿Não vê? repare:
j'um clarão para ali!! d'esta nos trincam;

¡meu Deus! ¡onde diabo eu tinha a morte!!

—Alegra-te, Golgan; ¿que noite é esta?

—Para nós ambos de Fieis defuntos.

—De San João.

—¡Ah! sim; pois é fogueira,
e não é outra coisa. ¡Ora o diabo!
sempre tive uma colica soffrível.

Mas vamos nós a andar, se lhe parece.

Dizia um Padre Mestre ali do Algarve,
n'umas rasões que teve com meu tio,
que era barbeiro então, e o Padre Mestre
era o Vigario d'elle; e elle, o meu tio,
ia fazer-lhe a barba e mais ao preto,
que era um tição que só á bofetada;

¡mas muito presumido! ¡e então por moças
dava o grande magano um cavaquinho!!...

Com que emfim, tinha o Padre este ditado:

aonde ha lume ha fumo; e eu então digo

que por força onde ha lume ha-de haver gente;

e que onde ha gente ha casa; e toda a casa

tem a sua cosinha, e então ceâmos.

E é partir de repente em quanto ha lume.

.....
.....

II

Eis aqui um dialogo de ensanchas
sem geito, sem sabor, sem fim, sem nexo—
grita o leitor perdendo as estribeiras.

¿Onde foi isto? ¿ou quando? ¿quem são elles?

¿onde vão? ¿d'onde veem?

*

Leitor amigo,
ha duas horas que soubéras tudo,
se o cruel arrieiro o permittisse;
mas vais sabel-o em quanto enfreia as mulas.
Quanto a elle, presumo que o conheces;
o nome do outro autor dir-t'o-hei n'um verso
não peor que outros muitos portuguezes:
Antonio Feliciano de Castilho.
Venho do Minho de assistir a bodas;
recolho me outra vez á Castanheira [\[3\]](#)
a casa do Prior, a fazer versos,
beber-lhe o vinho verde, e dormir muito.
O theatro da scena é certo monte
de que me esquece o nome; o anno, e o dia,
Mil oitocentos e vinte e oito, á noite,
vespera de S. João. Se mais desejas,
é perguntar, que eu te respondo a tudo.

*

Mas o melhor (se queres um conselho)
é fazer-me um favor, ao qual protesto
ser toda a vida grato: anda connosco;
a noite está bellissima; podemos
ir co'o nosso vagar pataratando,
e conduzindo as mulas pela redea.
Mas tens medo ao Golgan; pois boas noites;
fica-te em paz, regala te, que eu juro
que estando em teu logar fazia o mesmo.
Se queres, faze ás paginas seguintes
onde vai mais Golgan (porque já agora
hei-de contar a historia por miudo)
faze, digo, a taes paginas o mesmo
que eu, tu, e elle, e nós, e vós, e elles,
fazemos ás dos *Martyres* do Padre,
que são apezar d'isso uma obra prima.
Passa-as em claro, e dize que já leste.
Quem fala assim não quer suor alheio.
E adeus; até mais ver que vou com pressa.

.....
.....

III

—Olhe lá, Sôr Doutor; diz um livrito,
que a gente sem falar é como os burros;
e eu digo que diz bem. Quero contar-lhe,
para ver se se encurta este caminho,
o mais que se passou depois da historia.
Mas vá picando a mula; jolhe a fogueira!

*

Com que, como eu já disse, ao outro dia
vi as gallinhas ao redor das bestas;
torno-as a pôr na carga, e digo logo:
A Santa-Cruz não vão vocês de certo;
nem vocês, nem a carga dos presuntos,
nem nada que aqui vai, ¡com trinta infernos!
Servos de Deus tão bons, tão meus amigos,
¡havam comer tal! ¡metter no corpo
talvez quanto bruxedo ha neste mundo!
Deus me livre do mais, que de encarrêgos
posso-me eu bem livrar. Corto co'as mulas
direito á Hespanha, e vendo-as a uns ciganos,
com carga e tudo.

—¿As mulas!

—Pois as mulas

tinham tantos diabos na muchilla
como as gallinhas, os boreis, e os ovos.
Mas eu era rapaz; se fosse agora,
não digo que o fizesse. O divertido
foi andar eu trez annos para quatro
a correr Portugal e Hespanha toda
a buscar confessor; ¡tudo ignorante!
Padre douto, nem um que me absolvesse.
Por fim achei o filho de um cigano,
dei-lhe trez duros, e botou-m'a logo.
Mas então penitencia não falemos;
se a quizesse rezar, ¡nem toda a vida!
Tudo se arranjou bem; dei-lhe outro duro,
e elle por ter vagar, se incumbiu d'ella;
mas disse-me que havia até ser velho
mortificar o corpo co'um vergalho,
e com muitos jejuns. ¡Se eu fôra pato!
Sabe então o que fiz inda algum tempo?

era correr de chôto os meus pedaços,
e depois descançar.

*

Deixemos isto,
que não lhe importa muito, e a mim nem nada;
vim para a minha terra apenas pude,
muito pimpão, e cheio como um ovo.
Namorei, namoraram-me bastantes;
por encurtar rasões, casei com uma
que era filha do irmão de um primo ou tio
de um meu compadre Abreu, que era cunhado
da sogra d'esta mesma rapariga,
e enteado do irmão do Cura velho;
tudo gente limpinha, muito boa,
e temente ao Senhor, que é todo o caso.
Gastei para impôr Bulla os meus tanturrios,
¡e não foi lá tão pouco! ¡Veja agora:
¡para a gente casar largar dinheiro!
É como ir para a Índia ou para a fôrça,
e pagar inda em cima aos da sentença.
Perguntei ao Banqueiro a causa d'isto,
disse me elle que a causa era nós termos
quatro humores no corpo, e d'aqui vinha
haver os quatro grãos na parentela;
que ella era minha prima, e que entre primos
havia os quatro grãos todos inteiros.
Não se riu, nem me eu ri; paguei-lhe em peças
não só os quatro grãos que se não viam,
mas ainda mais cá certa brincadeira.

*

Deixar; fosse o que fosse; emfim, casei me.
Aquelle mez primeiro é uma delicia;
foi todo elle um *cantate*; muito amigos,
muito beijo, e comer; muita broega,
muita romage, e tudo muito e muito.
Nunca houve um par assim tão contentinho;
nanja na aldeia e na comarca em roda;
era até amizade escandalosa.
Tanto assim, que o Prior, mais era amigo
de fazer a vontade a toda a gente,
n'um dia santo á pratica da Missa
deu-me um foguete ¡caspite! Disse elle
que marido e mulher com tal namoro
era coisa mais vil que mil diabos.
Fizemos-lhe a vontade antes de muito;
ella entrou-me a azoar com trinta coisas,
e eu a dar-lhe a matar. Por fim de contas,
o asneirão do Juiz, que era vizinho,
tomou isto em trambolho, e ameaçou-me
de me encaixar no fundo dos infernos.

*

¿E então que lhe parece a entaladella?
Vivia em paz, ralha o Prior; dezanco-a,
vem o Juiz, promette-me a enxovia.
É como o conto de um palerma velho
que ia a pé co'um rapaz e mais um burro.
—Bem sei.

—Pois sim senhor. Com que, tivemos,
não digo bem; teve ella oito ou dez filhos;
e sempre a dois e dois; forte coelha!
Entrei a dar á bruta; acudiu povo,
ella fugiu, mas eu fugi sem ella.
E d'então para cá desandou tudo.
E hoje ando aqui por moço de arrieiro,

a perder noites, e a estrompar as ventas.
Aqui está por que eu digo que este mundo
é coisa muito celebre! uns ovitos
e uma pinga de mel fizeram tudo.

.....

*

¡Brava! ¿não ouve uns sinos que repicam?
¡olhe um foguete! ¡truz! ¡Viva o Vinagre!
¡e viva a ceia e a cama que estão perto!

IV

Com effeito, assim era; a poucos passos
já se ouvia tambor, gaita de folles,
risadas, bombas. Apressando as mulas
na direcção dos sons e da fogueira,
descemos uma encosta, a cujas abas,
entre uns poucos de antigos castanheiros,
uns cinco ou seis pastores se occupavam
a abobadar de murta uma fontinha.
Interromperam logo o seu trabalho
para nos vir saudar; mostraram pena
de ouvir que nos perdêramos no monte,
off'recendo á porfia os seus albergues.
Não findara a benevola contenda,
se um d'elles agarrando o freio á mula
me não posesse a andar; agradecendo
os desejos dos mais que inda ficavam,
segui affoitamente o nosso guia.

*

Uma ponte de pau que atravessámos
coberta de chorões, nos poz á borda
de um trigo já maduro e sussurrante,
contiguo ao seu casal. ¡Quanto eu folgara
de descrever tudo isto! Uma casinha
plantada ahi como risonha ilhota
n'um vasto mar de tremulas searas,
e clara como a neve, ou como a lua
que a espreitava do ceo por entre as folhas
de um esquivo parreiral. Junto ás paredes,
de rosas e limeiras revestidas,
canapés de cortiça apresentavam
a imagem do descanso e a do convite.
Não era necessario entrar a porta,
para já conhecer o domicilio
da hospedage e da paz; que as proprias auras,
como que em tão poeticas folhagens
se ouviam sussurrar: ¡«Bemvindo o estranho!»

*

Não longe lhe ficava a sua aldeia
na c'roa de um oiteiro; pensarieis,
vendo-as tão perto, e um bosque a separal-as,
a aldeia tão brilhante de fogueiras
e esta casa tão só mas tão alegre,
pensarieis, como eu, ver n'uma festa
moça ausente e feliz, amante e amada,
que entre o prazer commum não quer nem deve
ir desfazer seus pensamentos doces.

*

Visinho seu mui proximo era o templo,
aos valles do arredor alardeando
na sua torre branca um Anjo de oiro,
e a um lado a Residencia, occulta em parte
n'um ramilhete de altas cerejeiras.

*

Nunca mão de pintor juntou n'um quadro
objectos mais sympathicos. Tal como
trépido arroio em tacita espessura
das copas bebe a sombra, e envia ás copas,
do sol reflexo voadores raios,
do casal a presença alegre o templo;
a presença do templo está lançando
sobre o casal o sério da virtude.
Tudo isto sob um ceo de fertil benção,
sobre um chão de abundancia, e no ar mais puro!
—¡Meu Pae,!—grita o pastor entrando á pressa—
minhas irmans! ¡um hospede!—

*

A tal nome,
como se fosse á voz de alguma fada,
com repentina luz nos apparecem
creanças folgasans, esbeltas moças,
um ancião, e uma velha. Imagináreis
ver Graças, ver Amores, ver Napêas,
trajados de aldeãos, e honrando os lares
de Baucis e Philémon, que o parecem
na idade e na virtude os meus dois velhos.

*

Não mora entre seáras a etiqueta;
mas sobre herdada meza de pinheiro
em troco adeja a cordeal franqueza,
o bom desejo adubo da abundancia,
e a amisade dos bons, filha do instinto,
que nasce qual relampago, mas dura.
Deu-se o primeiro instante ao comprimento,
logo o segundo aos commodos;
o resto á conversa, e ao bulicio de tal noite.

*

Vem-nos do forno, envolto co'as risadas,
vital perfume de mellifluos bolos,
que em molles virações traz a alegria.
Aquella vai e vem compondo a meza;
esta afervora a ceia, e a cada instante
corre á janella que descobre a aldeia.
Juntam-se á bulha os sinos da parochia,
que o sacristão na vespera do Orago
jurou provar seu zelo aos Ceos e á terra.
O festivo repique exalta as mentes,
os meninos não param, correm, gritam,
repartem bombas, furtam-se valverdes,
e rindo ameaçam fogo á pipa velha.
A boa annosa mãe ralha do estrondo,
e o faz inda maior; o esposo enfia
uma sobre outra historias do seu tempo.
O avito candieiro de tres lumes
cobre da meza o centro, e chama á ceia;
a sôlta sociedade eis se lhe aggrega.

Não foi longo o festim, mas cada copo
lhe augmentava o praser. ¡Salve tres vezes,
ó dos tres lumes candieiro avito!
¡quanto amor, quanta paz, que bens, que festas
não tens visto florir em tua casa!
¡quantas mãos tão felizes como puras
te hão accendido em noite igual! ¡quem sabe
que de memorias para ti conservas!
¡Em premio da hospedage aqui te accendam
longas eras em noites semelhantes
dignos de seus avós contentes netos!

*

Iria a muda apostrophe adiante,
mas ouviu-se o zabumba.—¡Ahi veem! ¡são elles!—
dizem todos, e todos saem pulando.
—Olhae; olhae; ¡nem uma luz na aldeia!
este anno veio tudo. ¡Que alegria
terá o nosso Parocho!

—Maria,

dá cá o meu chapéo.

—¡Corre, Pedrinho!

—¿Onde está meu irmão?

—¡Não se demorem!

—Vamos dançar.

—Perdi as alcaxofras.

—Vinde por cá; passemos-lhes adiante;
que rancho que lá vem!.....

.....

..... Golgan, que eu fosse,
não pintara a estrondosa miscellanea
que vôa do cazal ao Presbyterio.
Lavra nos proprios velhos o alvoroço;
vão co'os mais quasi a par; lavra em mim mesmo,
estranho á festa. O pateo illuminado

nos recebe, e comnosco a aldeia em pezo.

—Viva o nosso Prior!...

—¡Viva!!!...

Mil vozes

restrugem o ecco apenas avistaram
rindo á janella o velho gordo e alegre.

—¡Viva o Senhor San João! ¡viva a alegria!

V

Bate o zabumba; a muzica rebenta;
fogem foguetes pelos ares livres
estrepitando; o campanario ovante
de jubilo endoidece; repentina
por dez partes acceza alta fogueira
dentro de um vasto circulo purpureo
mostra o prazer brincando em cada rosto.
Bello é ver n'este lance as raparigas
compondo mais o lenço, alevantando
o chapeo, que o semblante lhes encobre,
dando, como a descuido, um toque leve,
mas gracioso, ás flores que lh'o adornam,
e á flor do seio, e ao laço do collete.
¡Quantos nós ata amor n'esses instantes!
¡quantos outros aperta! ¡em quantos outros
embebe o espinho de um sutil ciume!

¡Chiton! temos o Parocho na frente;
e as cangalhas vêem mais do que parece.
A alegria decente, eis o estribilho
com que recheia as praticas. Se cantam,
co'a cabeça e co'o pé bate o compasso;
se pulam boa dança em honra ao Santo,
bota fora uma can. Por isso o baile

circula agora a estridula fogueira;
por isso o San João vai toda a noite
injurado em canticos devotos.

VI

Meia noite. Que som mysterioso!
interrupção no baile e nos descantes.

*

Fada das amorosas prophecias,
tu, tu passaste agora em concha aerea
tirada pelo zephyro; sentimos
todos nós tua magica presença.
¡Boa viagem, Fada, e boa noite!
¡Salve, hora duodecima; bateste,
e descerrou-se a porta do futuro.
Sua nevoa desfeita em orvalhadas
vai nas plantas eleitas, vai nas flores
mal chamuscadas, vai filtrar nas sortes
benção, certeza, amor, felicidade.
Já se interrompem bailes e descantes.
Embebida em potentes nigromancias
toda esta multidão por modos varios
exerce escrupulosa altos mysterios.
Mas renasce o alvoroço; é porque os copos
dos bilhetes fatidicos chegaram
da ama nas mãos com riso de importancia.

—Não falta aqui rapaz nem rapariga—
diz ella;—o senhor Padre escreveu todos,
mesmo á vista do rol dos confessados.

Meia noite já deu; quem quer casar-se,
pode vir vindo.

Ao grande reboiço
succedeu a atenção, que a cada sorte
outra vez se converte em gargalhadas.
Por cada par que amor approvaria,
veem disparates comicos ás duzias,
e dão rebate ás palmas e epigrammas.
O proprio bom do velho applaude a tudo,
e por primeira vez da sua vida
encontra em si chorrilhos de finuras.
Já pede a uma o bolo do noivado;
quer ser padrinho de outra; e ás mais bonitas
quer baptisar de graça os pequerruchos.

Muito custa no mundo o ser discreto
sem descambar o pé! coisas escapam...
que é por Deus não haver o Santo Officio,
como esta ao nosso padre:

—Olhae, rapazes,
vai n'estas sortes o que vai no mundo:
o acaso e a Providencia, ao que parece,
ambos lêem pelo mesmo Breviario.

Não foi dos mais christãos o epiphonema,
mas fez rir. O Golgan neste comenos
chega, furta uma sorte, e diz abrindo-a:
—Esta, seja quem fôr, é cá p'ra nostri.

Pede que a leiam; lê-se-lhe:—O COVEIRO.—
Mudo o povo se entre-olha; e de repente
co'as pragas do Golgan destampam risos,
como os que o padre Homero encaixa aos deuses;
¡inextinguiveis risos! Mas não cede
a chufas nem a agoiro o varão forte;
e com mão bem segura extrae sublime

do outro copo outra sorte:—AMBROSIA TRÉCULA.

Então do pateo o riso clamoroso
deveu-se ouvir no Artabro e Guadiana
retumbou nos ceos: TRÉCULA... TRÉCULA.

—¿Quem diabo é esta Ambrosia?—o heroe pergunta.
—Sou eu—responde a ama.

—¿Está brincando!
é talvez sua neta ou titrineta. —Vá-se, tolo.

—Olhe cá, senhora tia,
não vai a arrenegar; não lhe pergunto
por cara, corpo e modos, que são lindos;
¿mas tem fazenda ou bois, ou oiro, ou chelpa?

Com o desdem mais dramatico, a matrona
voltou costas; e o bêbado prosegue:
—Sô Reverendo, não lhe aceite os banhos,
que eu sou casado, e ponho impedimentos.

Obriguei-o a calar-se. Eis que me off'recem
tirar tambem; tirei; ¿quem tiraria?
uma das filhas do meu bom Philémon.
Recebi parabens de todo o povo;
deixei-o bem disposto a divertir-se,
e tornei co'o o meu *sogro* ao nosso albergue.
Instou que me deitasse; respondi-lhe
que em noite de San-João ninguem se deita;
que alem d'isso a jornada fôra curta,
e sem nimia fadiga; ultimamente
que, pois que elle esperava a mais familia,
esperava eu tambem; não sendo airoso
faltar á noiva no primeiro dia.
—Cedo, mas só co'a clausula—disse elle—
que inda amanha sois nosso.

—Assigno.

—¿Bello!

*

Então toca a palrar até que venham.
Saiâmos, que faz calma; alem, na eira,
sobre a alta palha do centeio novo
tomaremos a fresca e as orvalhadas.

*

Disse, e fez se. ¡Que ceo! ¡que paz! ¡que noite!
na molle aragem das fagueiras horas
meu coração feliz desabroxado
me enchia de um perfume igual ao vosso,
nocturnas flores, que o gosais sosinhas.
¡Quem pudesse apanhar, prender na vida
estes momentos lubricos, momentos
que só caem do ceo durante a noite,
e só na solidão! Temi perdel-os
co'a triste distracção de mutuas falas.
Lembrou-me haver notado no meu velho
um genio amigo de contar historias;
pedi-lhe uma qualquer, bem decidido
a deixal-o á vontade espanejar-se
sem lhe dar atenção; mas enganei-me,
Pondo o rosto na mão, nos céos os olhos,
entra a buscar pela memoria antiga
algum caso mais raro; e como desse
casualmente co'a vista em certo lume
n'um cabeça remoto,

*

—Ouvi—me disse;—
por aquella luzinha lá ao longe
lembra-me um caso, e um caso que foi certo,
passado ali no Minho ha largos annos.
Inda eu conservo em casa uns Breviarios
de um Padre irmão da minha avó materna,
que poderão servir de documento.
Elle mesmo o escreveu nas folhas brancas
do principio e do fim dos quatro tomos.
E era um clerigo honrado, o que escrevia;
merece tanta fé como a Escritura.
Diz elle então ali (nem é só elle;
minha Avó sua irman dizia o mesmo):
que esta nossa familia inda descende
da Rosa de quem fala a dita historia.
A minha avó foi Rosa, e tinha o nome
de sua mãe; a minha mãe foi Rosa;
a vossa *noiva* é Rosa; e n'esta casa,
querendo Deus, sempre ha-de haver o nome.

*

Depois d'este preambulo de Rosas,
veio a historia, e encantou-me; ou fossem causa
hora e sitio, ou a amavel singeleza
com que narrava o historiador das medas,
ou já disposição com que eu me achasse.
Creio que sim: do espirito do ouvinte
vem mais de meio o merito das obras.
Por exemplo: da Eneida o livro quarto
dias ha que me enfada; ha tambem dias
em que se atura o *Italico* do Padre;^[4]
e em que se entende um pouco a pálrea bruta
que aos brutos deu do amavel Lafontaine.^[5]
Nada parece mal, trazido a tempo;

fora de tempo, tudo. A mesma coisa
entre obras e leitores acontece,
que entre os garfos e as arvores: se enxertam
quando o não pede o tronco e o veda a lua,
jadeus ramo bastardo! e se ao contrario,
penetra a seiva toda, e pula o ramo.

Fosse o que fosse, ouvi com tanto gosto,
que protestei contar-vol-o a meu modo;
e o poema seguinte é o desempenho.
Tivesse elle, o que em vão lhe hei procurado,
da prosa do meu sogro o tom singelo,
talvez, leitores meus, o relerieis.

Inventar, descrever, compor os versos,
são os tres pés, da trípode de Apollo.
Já sabereis do Reverendo Kinsey
que eu não tenho invenção; que nada pinto
co'a verdadeira côr da Natureza;
que os versos meus são bons, mas que aborrecem;
o que não tira que um poeta eu seja
digno de ser notado entre os que vivem.
Ora, quanto á invenção d'este poema,
bem vedes que a não ha, ou se a ha que é d'outrem.
E quanto ás descrições, fiz o possivel
para não metter mais que as do meu *sogro*.
Mas faltava o melhor, e o mais difficil:
versificar á moda. Atirei fora
o Virgilio, o Racine, e o Metastasio,
gebos todos monótonos, que enfiam
os versos bons e os optimos aos centos;
atirei-me ao Filinto e aos Filintistas;
estudei, fiz ensaios, compuz paginas
de embréxados velhissimos e esdruxulos,
e não foi sem proveito o estudo acerrimo.

*

Perdoae se este livro inda vai falho
d'esses donaires que travêssos fogem
de mal expertas mãos; soffrei-o em quanto
vou destilar sobre outro o *Elucidario*,
qual se espreme um limão sobre um guizote.

Abril de 1831.

FIM DA INTRODUÇÃO^[6]

III

EPISTOLA

A JOÃO EVANGELISTA PEREIRA DA COSTA

(Fragmento encontrado entre os manuscritos de Castilho)

Da paz de um ermo ao turbilhão da côrte
a Musa de Castilho á do seu Costa
saude e amor. Já outra primavera
se enflora, a seu pesar, desde que ausente
pede aos montes a irman, que a não suspira,

e dorme ao lado de um feliz ingrato.

Em quanto a minha, ignota, emprega os ocios
em cantos cujo ecco além não passa

.....

1831—Abril, 21.

IV

O PRESBYTÉRIO

¡Salvè, principio e fim dos meus passeios!
¡Salvè, ó tu, cujo tecto, alva casinha,
cobre ha perto de um lustro os meus autores,
meus castellos no ar, meus faceis versos!
¡Salvè, co'o teu rosal; co'as tuas limas,
festivo ornato das paredes brancas;
co'o teu portão patente oppresso de heras;
e co'a tua nogueira; e co'o teu cedro,
brasão futuro do obumbrado pateo!
¡Salvè outra vez, meu presbytério! ¡Salvè!

*

Hoje, que o caprichoso do meu estro
(bem sabes se elle o é) deixa inconstante
versos índa no chôco, outros que apenas
vão da casca a sahir, outros que breve
teem de fugir do ninho em vôos livres,
entrou, mal veio a aurora esclarecer-te,
a doidejar-te em roda, a namorar-te,
qual borboleta ociosa ou leve abelha.
Pois que elle o quer.... cantemos-te; e perdôa
se o canto falador, transpondo os cumes
das tuas cerejeiras, fôr mais longe
revelar tua humilde obscuridade.

*

A antiga mediania, a segurança,
a paz, o amor dos Ceos, o amor dos homens,
genios foram, que em benções presidiram
aos alicerces teus. De Páριο monte
não foi mistér que entranhas te enviassem
chão, columnas, e abóbadas, e estatuas;
tuas portas sem chave não cresceram
lá nas florestas do hemisphério opposto.
Foi visinho pinhal teu sôlho e tecto;
deu-te paredes mais visinho oiteiro;
portões e meza um cedro bom da extrema.
Não custaste nem lagrimas a pobre,
que á força te cedesse a choça avita,
nem odioso suor; e não se dormem
somnos melhores em Belem nem Mafra.

*

¿Que importa que no centro d'estes ermos
vivas tão só, que apenas descortines
n'um dos altos d'em torno esquiva aldeia?
Tu e o templo co'as messes que vos cingem
bastais no quadro agreste; em vós affluem
(como em sua Queluz) nos festos dias
ondas e ondas de amaveis saudadores.
Os rebanhos ociosos não desdenham
tôjo em flor, que te doira o chão das mattas,
d'onde envôltos co' os trémulos balidos,
veem cantos de amorosas guardadoras
endoidecer teu ecco.

Os caminheiros
abençôam-te a sombra; aqui teem fonte,
que em tua relva, ao fresco das parreiras,
detém, dessedentando-as, caravanas
que vão ou veem no alpestre Caramulo.

*

O anjo das flores liberal te arqueia
de bordada verdura as rescendentes
claras janellas.

Um bulicio manso
de amigas vozes teu recinto alegre.
Na sua tépida choça os bois ruminam
ante o feno em montões; dorme no páteo
farto esquadrão lanigero; ao sol pôsto,
cão, dos lobos terror, te vela as noites;
teus gallos as demarcam vigilantes.
Co'a luz primeira arrulha-te alvejando
cypria nuvem plumosa; e apenas saltam
da [dextra mão](#) mesquinha os grãos doirados,
em torno da gentil madrugada
de toda a parte os hospedes revôam.

Bicam por entre as pombas á porfia
a gallinha de filhos rodeada,
o manso grasnador do aquoso tanque,
o vaidoso Perú, que ri cantando,
e vós, e vós, mais vivos do que todos,
não chamados, mas sempre a nós bemvidos,
passarinhos do ceo, turba sem dono.

*

Singelo presbyterio, ¡oh! ¡como te amo,
co'o teu ar casaleiro! Amo o teu forno,
tão social á noite; a simples sala,
quasi sempre deserta; a livraria,
deserta rara vez; estas alcôvas,
que enche um só leito; e a adega, assoviada
do alvo sôpro do Norte; e o fuso, e a pia
da cheirosa vendima; e o teu celleiro,
alto, arejado, e tão patente aos pobres,
como as portas do templo convisinho.

*

¡Floresças para o Ceo e para a terra
nos inconstantes seculos! ¡floresças,
feliz, co'o feliz dono, idade longa!
E se, lá no futuro, algum amigo,
sócio dos dias bons, saudoso e triste,
torcendo a estrada, a te pedir viesse
novas do teu cantor,—«Amou me, e amei-o—
lhe dirias mostrando-te; e—«Seus ossos—
juntaria o teu velho—aqui descansam.»

*

Sim; apraz-me cuidar que inda os meus restos,
gratos aos bons d'este recanto obscuro,
onde escapei no seculo de sangue,
cá ficarão n'este ocio, inda alguns dias
do simples montanhez talvez chorados.

*

Oh santa perseguida Liberdade,
¿onde te achei!.... Onde não vivem homens;
n'um torrão bravo que não chama invejas.

*

Em quanto, ora que a noite o ceo regela
humida e turva, tantos ricos enchem
de bocejante enôjo as assemblêas,
e tantos, tantos miseros, sem lares,
sem consôlo, sem pão, sem voz de amigo,
só reos de patrio amor, dormem nas furnas,
pelas praias do Oceano, e pelas rochas
(sublimes troncos pelo pé cortados)...
tua clara fogueira nos aquece;
¡graças, graças a um Deus!
Assim vagava
sobre o universo undoso a arca do justo.

*

Nós, depois de annos tres, inda esperâmos.
Ainda do trovão eccos retumbam.

Ainda os esgarceos assoladores
remugem lá por fóra. Ainda a pomba
co'o ramo de oliveira inda não volve.

*

¡Oh santa perseguida Liberdade!
¡Oh! ¡Se eu podesse, a trôco dos meus dias,
restituir-te á minha Patria!....

*

Basta.
Esperemos ainda. Oremos sempre;
e talvez que não tarde a grata aurora,
em que, a adejar da serra pelos pincaros,
venha de longe a nuncia das venturas,
a pomba com o seu ramo de oliveira!...

Castanheira de Vouga

Maio de 1831.

V

A LYRA DO DESTERRADO

(Fragmento encontrado entre os manuscritos de Castilho)

Era a noite dos finados;
sombria noite de outono.
Entre sinos acordados
lá jaz Roma entregue ao sono;
seus luzeiros apagados.

Do ceo pelo rôto manto
só brilham frouxas estrelas;
sai a custo o clarão santo
dos templos pelas janellas;
e Petrarcha vela emtanto.

Véla Petrarcha, e suspira
no leito amoroso e ermo;
olhos na véla que expira;
saudades no peito enfermo;
nem gloria sonha, nem lyra.

Qual raio sôlto de lua
por móveis aguas vibrada
n'um bosque inteiro flutúa,
tal adeja no passado
a saudosa mente sua.

¿Quem dirá seus pensamentos?
a douda lingua está muda.
¡Que paixões, que sentimentos,
no rosto, que aspeitos muda,
veem transluzir por momentos!

Ora é dor, ora é sorriso,
esperança, amor, transporte;
queixas, ternuras diviso;

desce aos abysmos da morte,
vôa aéreo ao Paraizo.

¡Não falar o Vate agora
co'os labios que move apenas!
¡Que torrente abrazadora!
¡que amor! ¡que incendidas penas!
¡quão nova a paixão não fôra!

Vai a noite adiantada;
humido vento assovia;
treme a luz quasi apagada.
Do grão Cantor que vigia
ferve a mente a sonhos dada.

—«Eís o templo conhecido
que os meus destinos encerra.
A mãe terna, o pae querido,
cá m'os tem no seio a terra.
Cá vi Laura, e fui perdido...

.....

Castanheira do Vouga
1830...(?)

VI

EPISTOLA

(Fragmento achado entre os manuscritos de Castilho)

A minha primavera enfim renasce.
Té n'este horror selvatico dos montes
roupas traja nupciaes a Natureza.
O ceo azul, o ar morno, as aguas puras,
tudo nos diz «amor»; dizem-n-o as aves
chalreando ao florir das alvoradas;
bala o rebanho alegre; armento o muge;
na folha nova zéphiro o cicia;
a camponeza em meio de mil flores,
que lh'o exhalam balsamico, o suspira,
e ao viçoso tapiz, á sombra vasta
macia e tentadora lança os olhos.

Em quanto o rouxinol, Orpheu plumoso,
enleva a fonte e as arvores nocturnas,
cantando amor, da lua ao raio incerto,
lições que mais de um ente ao longe estuda
(e pratica talvez); em sons de lyra,
solitario eu tambem, lições de affectos
de cá te envio ao centro da cidade.
N'esse ruidoso vórtice de povo,
de vãos praseres, de negocios futeis,
a geral rotação te arrasta ás cegas;
é dever da amisade erguer-te aos olhos
luz, salvadora luz. Náufrago entre ondas
pode não ver a táboa ás vezes perto;
pode a praia ignorar, e tel a em face.
Táboa amor te lançou da praia firme;
ledo e fausto Hymeneu te está chamando.

.....

VII

A ROMARIA

Lá vem Maio rosado. Já floreja
nas planícies, verdeja pelos montes;
é o mez de Amor, é o mez de Philoméla.

Aureo amanhece o dia suspirado
da romaria annual; léguas em roda
já tudo é festa, esp'rança, e regosijo.
As povoações, desertas. Por estradas,
por torcidos atalhos, por oiteiros,
correm de toda a parte ornados bandos.
Lá retrôa nos eccos aturdidos
a matinal girandola ruidosa;
acorda ao longe a torre com repiques;
um povo de cem povos misturado
enche a vozeada selva, a acceza ermida,
e de ondeado matiz cobre o terreno.
Arfa ao sol, no alto mastro volteando,
triumphante bandeira alvi-cerúlea.
Vai e vem, ora chega, ora se allonga,
não está em nenhum sitio, e assoma em todos,
a alma da festa, a gloria do Gallego,
a aguda gaita tímida e franjada,
que ao rufado tambor sócia, repete
a moda velha e alegre, amor dos campos.

Em vidrado alguidar reluzem n'agua
os doirados tremóços, que afadigam
com compradores a afrontada tia.
As navalhas e anéis, o apito, o espelho,
se assoalham mais além; na alva toalha,
alva e folhuda, estão chamando o exul.
Em cima de seus carros triumphantes
os laureados tonéis, reis da alegria,
dão n'um fogo perenne a vida a tudo.

Aqui se ouve o descante ao desafio,
que a viola ora segue, ora acompanha.
Ali se apinham para ver as danças,
que a discorde rabecca entorta às vezes.
Lá, se entorna o licor em puros vidros;
ao pé se adoça a fresca limonada.

Aqui se comprimentam; além chamam;
um se perde, outro se acha, outro convida.
Este corre; esta pára a ataviar-se,
por mostrar o cordão e o lenço novo.
Estirados na relva os velhos palram;
grita o rapaz. O amante, recostado
ao páu, por onde um braço lhe serpeia,
faz longa cômte á tímida futura,
que em resposta de amor lhe dá tremóços.

N'isto vôa o foguete, e atrôa as nuvens.
Lá sai a procissão; lá foram todos.
¡Ah! depois do jantar comido às sombras,
cada um levará, volvendo a casa,
gratas lembranças para o anno inteiro.

VIII

O DOMINGO GORDO DOS MONTANHEZES

OU

A MATTA DE S. SEBASTIÃO

Versos na plantação de uns carvalhos junto á egreja de S. Mamede
da Castanheira do Vouga pelos rapazes solteiros da freguezia
no Domingo do Carnaval de 183...

I

N'este dia, em que o povo tumultuando
nos casaes, nas aldeias, nas cidades,
troca a enxada, o tear, o livro, a agulha,
por copos, danças, máscaras, e risos
nas saturnaes christans; quando se espraia,
desde o seio de Roma aos fins da terra,
de um praser contagioso alta vertigem;
¿por que retreme ao golpe das enxadas
sob os meus pés a solitaria encosta?

*

¡Saude a vós, a vós louvor. Bemvindos,
montanhezes, fieis aos priscos usos!
O cântaro do estylo ahi está coroadado,
risonho e prestes a inundar os copos;
o prémio á vista vos redobre as forças.

*

Rasgae co'o duro ferro a terra dura;
de vossos paes a matta veneranda
em torno de seu santo antigo dono
se accrescente por vós. Plantae, que é tempo,
no chão, sagrado de suor devoto,
ó presente annual, que o Ceo prospére.

*

Onde quer que elle jaz, abençoemos
as cinzas do homem bom, lá d'essas eras
que a pia usança introduziu primeiro.
¡Quanto a sua virtude era risonha!
—«Cada solteiro plantará n'este ermo
mais uma arvoresinha de anno em anno,
que lá em cima encontrará seu premio.»
¡Oh! estes rogos, sim, este pedido,
doce e desint'ressado, uncção respira;
manda mais do que as Leis; morrer não deve.

*

Produz, produz a miudo, ó Natureza,
por teu bem, por bem nosso, homens como esse.
Haja quem diga ao joven par, que ás aras

sobe apenas amante, e desce esposo:
—«Hoje, que são já fruto esp'ranças de hontem,
entrae sorrindo pelo chão da vida;
planta, planta um'arvore que o lembre.»

*

Quando a cabana festival se enrama,
se enflora a meza, e os aldeãos visinhos
veem festejar na casa um filho novo,
a mão paterna, de praser tremendo,
orne de um novo tronco o prédio avito.

*

¿Depois de suspirada e curta ausencia
volve um irmão das terras estrangeiras?
¿Convalesce um parente? ¿Em bem se acaba
suado, volumoso, eterno pleito,
que empobreceu o avô, o filho, e o neto?
¿Fizestes o adversario amigo vosso?
¿Sorriu-vos a ventura? ¿É farto o anno?
A sêrdes Reis, alçáreis monumentos;
¿que vale um monumento? O homem dos campos
melhores pode erguer a menos custo:
plante sobre o caminho arvores férteis.
Por elle o passageiro ardendo em calma
ache a sombra hospedeira que o recreie.
Por elle o pobre, que seu pão mendiga
de casal em casal, de monte em monte,
que não vê ceo, nem lar onde se aqueça,
nem feno onde descance, e em todo o mundo
só tem por património a caridade,
ache a fruta a pender em curvos ramos,

a acenar-lhe, a off'recer-se-lhe, a sorrir-lhe.
Assim, do bem de um só germinariam
mil bens communs; e do praser de um homem
o publico praser, publicas benções.

II

Se tendes de nascer, nasci mui breve,
sensíveis corações a quem Deus guarda,
a gloria de influir eguaes costumes.
Desde já nossas lagrimas de affecto
correm por vós; ao seio do futuro
nós vos lançamos desde cá louvores.

III

Sentemo-nos, em quanto os vossos filhos
aqui se embebem na tarefa honrosa,
sentemo-nos á sombra, a vós bem grata,
do carvalhal que as vossas mãos plantaram,
homens das cans, antigas testemunhas
dos tempos que não são.

*

Vós, deputados
das mortas gerações aos vivos de hoje
como pregões propheticos; thesoiro
de saudades, de dor, de experiencia;

bons velhos, á vossa alma taciturna
aprazem mais que a festa os pensamentos.

*

Falae: ¿d'onde vos nasce essa tristeza
profunda a um tempo e vaga, amarga e doce?
¿Será de enfeitçada sympathia
que nos attrai á terra, ao chão da vida,
chão sempre cubiçado e sempre ingrato?

*

O coração, zeloso da existencia,
compara os dias seus do tronco aos dias,
e a conta desigual o opprime e o fecha.
¡Annos a nós, e seculos aos bosques!...
Planta o pae, mas a sombra hospéda os filhos;
netos, que não verá, gosarão d'ella;
e indiff'rentes incógnitos vindoiros
rirão contentes ao folhudo abrigo.

*

Mas, velhos, mui ditoso o que em seu predio
dispõe arvore fértil de esperanças,
que irá legada aos filhos de seus filhos.
Prophecias de amor lhe expande o seio,
sorri, e ama o que é seu, na esp'rança ao menos.
Mas feliz igualmente o que em seu predio
possue vaidoso um tronco hereditario.

*

Na réga, e ao vir da flor, e ao dar do fruto,
¿como ha-de não pensar em seus maiores?
Um lh'o plantou, os outros lh'o trataram;
¿Como ha-de recusar-lhe uma saudade,
um suspiro, um suffragio, um elogio?
A gratidão medita á mesma sombra
onde já meditára o amor paterno.
Esta arvore mortal é o santo marco,
em que se juntam, se entrelaçam, crescem,
dos idos o interesse e o dos vindouros;
nó de affeição, que os seculos reune.

*

¿Vedes vós essa mãe, que ha tantos annos
chora um filho alem-mar, em longes terras?
Mostrae-lhe um passageiro a dar á vella
para o porto feliz; ¿com que ternura
lhe não dará, chorando, um longo abraço,
que leve, que lh'o entregue, ao seu querido,
e todo o amor de mãe lhe exprima n'elle!...
¿E com quanto alvoroço o desterrado
não cingirá o amavel mensageiro!...
Eis o emblema da arvore, cruzando
viva e lembrada o Oceano das edades,
mensageira de int'resse aos paes e aos filhos.

IV

¿Qual de vós, repoisando n'esta cama
de folhas mortas, qual de vós, no meio
d'esses troncos musgosos, seculares,
não viaja com o espirito espraído
por esse mundo antigo e antigos homens?
Sim, vossa alma se apraz, phantasiando
de lhe restituir quanto houve d'elles:
uma vida, uma choça, herdade e patria.
Deslembra cans; rugosas faces riem;
reviveis n'um minuto annos de infancia
sob a affeição de um pae, de um pae nos lares;
sem cuidados, sem prole, e sem temores,
entraís folgando o limiar da vida.
¿Podesse n'este ponto o pensamento,
como ave em ramo flórido e viscoso,
deter-se a recordar, ficar pregado!
¿Vós suspirais?!... desfaz-se-vos o sonho,
e a extincta geração recai nas campas.

*

¿Mas quê? ¿d'esses antigos plantadores
nada mais resta além de uns troncos mudos
n'este universo movediço e instavel?
¿nem uma só lembrança, um dito, um nome?
Tudo passou sem mínimo vestigio,
como os sons leves de um descante ao longe.

.....

V

Bons aldeões, estas sombras regaladas
vos falam nos avós; porém comigo,
comigo, extranho, e novo em meio d'ellas,
conversam no aureo tempo a que assistiram;
recordam-me as edades do Universo,
e os varios povos, e os paizes varios,
contemporaneos do nascente mundo.

*

Intonsas, invioladas, venerandas,
outras selvas, como esta que nos fecha,
fecharam do homem a primeira origem.
Sob as verdes abóbadas immensas
as velhas tradições nol-os descrevem
pobres e alegres, nós e satisfeitos,
saboreando em ocio a glande e a fonte,
dormindo sobre a folha, e sem pedirem
outra casa, outro templo, outra cidade.

*

A pouco e pouco o numero crescia,
minguando a pouco e pouco a singeleza.
Infecta o vicio á terra; os ceos se mudam;
a um Maio eterno as estações succedem;
o ar se gela e accende, alaga e silva;
já bravejam leões, já bramam tigres;
o homem se acoita ao seio das cavernas.

*

Vós, troncos, até ali seus companheiros,
acudís a servil-o; je em quantos modos!
lá, crepitaes em rútila fogueira;
aqui, das feras prohibís a entrada;
dais uma clava ao caçador valente;
na serviçal cortiça um berço aos filhos;
leitos a amor, assentos á velhice,
aos enxames um lar, um copo ás festas.

*

Das precisões ao grito, o engenho acorda;
lá surgem povoações, curraes, tugúrios,
e uma capella ás rusticas deidades.
Lá rompe o novo arado a terra dura;
lá geme, a transportar enormes pezos,
o carro, e sulca atónitos caminhos.
O genio excita o genio; o exemplo, o exemplo;
a rudeza se pule; as artes crescem;
a especie racional das mais triumphs.

*

As gerações do ceo, do mar, da terra,
tudo é já seu; os campos lhe obedecem;
faltava o Oceano; affoita quilha o rasga.

*

Então foi, que estas arvores, tão uteis
no patrio continente, abriram vôo
sobre o liquido abysmo a novos climas.

*

¿E em que parte do globo, arvore excelsa,
te podes apresentar, que não recordes
uma façanha, um culto, um grão successo?

*

¿Na Grecia? Mas o Grego inda hoje conta
que foste invicta clava em mão de Alcides;
vê-te, suspira, bate o chão raivando
de achar-se escravo, e de não ter-lhe as forças.
¿Na Grecia? Mas o Grego inda hoje conta
do arvoredo Dodónio as mil respostas,
o passado e o porvir patente a todos,
e o livro do destino aberto ao mundo.

*

¿Na Ausónia? Mas Cybelle amou teus ramos;
Roma os sagrou a Jove; e, fulminada,
eras tremendo agoiro a todo o Imperio.
¿Em Roma? ¿E a c'rôa civica?

*

¿Nos campos?

¿E Phílémon, o justo, o caro aos deuses?

*

¿Nas Gallias? em seus barbaros oiteiros
tu, só, eras o altar, o deus, e o templo.

*

¿Na Caledonia, em Morven, junto aos lagos,
sobre os cumes, á beira das torrentes?
Lá tu viste Tremnor, Fingal, e os bravos,
reunidos na vespera do sangue
em nocturno festim que allumiavas,
quando na harpa dos bardos reviviam
os feitos dos heroes do antigo tempo.

*

¡Salve, eleito Israel! Eis-nos em campos
de Sichem. Vejo os principes e os velhos,
os juizes, as tribus, apinhar-se
em torno ao tabernáculo de Sila.
Por cima d'este mar ondeado e vivo
reina de praia em praia alto silencio.
Sublime como o cedro do deserto,
se levanta Josué, braço do Eterno,
em nome do Senhor, que o manda e inspira;
os favores do Ceo recorda ao povo;
renasce a Fé; os idolos se arrazam;
—«¡Gloria ao Deus de Israel!—vozeia a turba—
¡ao Deus dos nossos paes, dos nossos netos!
—Erga-se um monumento,—exclama o chefe—
que, se infieis um dia os esquecerdes,
vos envergonhe, e acorde os votos de hoje.»
E a monumento põe no lugar santo

enorme pedra á sombra de um carvalho,
que abrigava co'a copa o santuário.^[7]
Despede o Povo, e em paz contente expira;
em paz, que já não vê perjúrios novos.

*

Escrava de Madian a plebe expia,
na miseria e no opprobrio, os males torpes
que fez ante o Senhor. Mas inda existe
um justo, a quem Deus fie o libertal-a:
é Gedeão, é o Josué segundo.^[8]
Este, em quanto seu pae lança aos caminhos
medroso olhar á espera do inimigo
para fugir com elle, ajunta á pressa
o trigo que limpou.

Vê de repente

um Anjo, que debaixo do carvalho
se assenta, e lhe repete a lei do Eterno.
Esse mesmo carvalho é testemunha
da belleza do alado mensageiro,
da voz de salvação mandada ao Povo,
e do holocausto acceito e posto em cinzas,
e do altar, a quem *Paz* foi dada em nome.

*

E este, que tão frondoso opáca os valles,
¿por que o rodeia um bando taciturno
dos fortes de Galaad? as suas armas
jazem quebradas; sua dor vai funda;
dos olhos tristes para o ceo voltados
pelo rosto amarello lhes escorre
grosso pranto, que alaga as f'ridas frescas.

Choram Saul, e a régia descendencia,
que mortos no combate aqui descançam.
Para o Monarcha agigantado e invicto
nenhuma estátua se erguerá na campa.
Sua columna e funebre palacio
preparou-lh'os com tempo a Natureza:
o tronco, rei da selva, o está cobrindo.

*

¡Mas quanto é mais tocante o que se eleva
nas faldas solitarias da montanha!
Ali Débora jaz; ali Rebecca
chora na morte a que a nutriu na infancia,
ama no coração, mãe nos extremos,
de seus primeiros e ultimos segredos
confidente fiel no lar paterno,
querida socia na feliz viagem,
e no lar conjugal seu doce allivio.
¿Arvore a tanto affecto consagrada
na affectuosa Biblia irá sem nome?
o *carvalho das lagrimas* lhe chamam.

VI

¡Que uso tão doce aos corações piedosos!
Reverdecei, costumes do bom tempo,
quando o Rei, o pastor, o chefe, a virgem,
tinham sob um ceo livre a sepultura.
A Morte, menos barbara do que hoje,
com avarenta mão não ferrolhava
sob um tecto pezado, entre altos muros,

as prezas, cá de fóra em vão pedidas.
Não era um templo um cárcere de mortos.
Dormiam mollemente em terra franca,
em jardins frescos, em copadas selvas.
Esta esp'rança adoçava um pouco o amargo
do ultimo trago aos labios moribundos.
Este bem, tão pequeno em mal tão grande,
¡quanto valor não tinha aos que ficavam!
O irmão, o pae, o filho, o amigo, o esposo,
podiam livremente, a toda a hora,
ir regar de seu pranto amadas cinzas,
fartar saudades, inflammar lembranças,
delirar doce a noite, e o dia inteiro,
e de praser a um peito onde palpitam
superstições de amor ou de amisade,
dizer:

«Este tapiz relvoso o cobre;
esta ave lhe gorgeia; esta aura sôlta
o refresca; esta lua apraz-lhe aos manes;
a primavera m'o visita, e espalha
tambem por cima d'elle o seu regaço;
esta violeta é sua, hei-de colher-a;
d'est'arvore a raiz sente-lhe a fronte,
nutre-se do seu pó, vive por elle,
é elle mesmo em parte; arvore amiga,
recebe o nome caro, hoje sem dono,
toma os abraços que não posso dar-lhe.»

*

Sim, sim, convém um bosque ás sepulturas.
A arvore, Deus a fez como passagem
do mundo que respira ao mundo inerte;
commum co'os animaes, commum co'a terra,
vive e não sente; habita e ignora o mundo,

sympathisa co'a morte e co'a existencia,
é grata ás cinzas, á saude é grata.

*

¡Que férreos somos nós, que a um como vago
atiramos sem dó perdidos, mixtos,
o detestado, o amigo, o estranho, e o nosso!
Se alguém da voraz Sylla aos sorvedoiros
arrojasse o que os seculos pouparam,
bronzes, escritos, marmores romanos,
ou, derrotando porticos, columnas,
theatros, colliseus, palacios, templos,
em serra inutil amontoasse as pedras,
¿quem não vertêra em lagrimas o sangue?
¡E ante a nossa affeição teem menos pezo
que as ruinas de Roma as que são nossas?!...
¡Dá-se tanto aos ditosos, aos contentes,
espectaculos, jogos, aureas festas,
jardins, parques!... ¡e aos miseros que gemem,
e aos peitos melancólicos, viuvos,
ha-de negar se um canto onde pranteiem!?...
¿De tanto mundo que pertence aos vivos
nada dareis aos seus antigos donos?
¡nem um torrão perdido, e uns troncos nullos?!...

*

¿Quando virá um dia, em que estes bosques,
semeados de tumulos não altos,
de lugubres saudades se povôem?
Então, a propria Morte, hoje tão sêcca,
terá sua grinalda; a dor, seu gosto;
e visitas o pó, e cultos o ermo.

*

Pelas noites mui placidas do estio,
ao duvidoso alvor da lua incerta,
bello será, sentado n'este sitio,
ver vir, d'aqui, d'ali, frouxos, dispersos,
o do casal, o morador na aldeia,
entrar chorando, e procurar seus mortos.
Aqui duas irmans resam de joelhos
sobre o seio materno sepultado.
Aqui o velho attento as contas passa
pelos dedos convulsos, e se encosta,
sem o saber, na fallecida esposa.
O filho aos pés da mãe co'os mais soluça
o Padre-Nosso apenas aprendido.
Deitado ao lado do submerso amigo,
o amigo devaneia antigos annos.
Por toda a parte, as lagrimas e affectos,
memorias doces, orações e esp'ranças.

*

¿E a quem não conviria igual retiro?
N'elle a tristeza encontraria um pasto;
a sciencia, reflexões; o vicio, escolhos;
a leviandade, assento; a desventura,
consolação; o amor, silencio e pranto.
Ensaíára-se o infante para a vida;
o velho, para a morte; o moralista
viria achar uncção para a verdade;
o orador, persuasões, ternura, encantos.

*

Ó filhos da montanha, ¡oh! libertae-vos
de um preconceito vão; é toda a terra
a terra do Senhor; afora o vicio,
debaixo d'este ceo nada é profano.
A benção do Pastor consagraria
vosso asylo feliz; e a Cruz em meio
todo de um santo influxo enchêra o bosque.

VII

Mas, em quanto esses dias vos não raiam,
bons velhos, vigiae que, de anno em anno,
aos juvenis futuros plantadores,
em vez de se afrouxar, se inflamme o zelo.
Cresça com seu favor por estas serras
a geração dos vegetaes gigantes.
Com todos vós conversam todos elles
sem cobrir campas; guardam-vos saudades,
são parentes de todas as aldeias,
e o brasão da montanha é o vosso parque.
Sobre tudo influi que a vossa raça
trema ao só nome do brutal machado
que ouse violar a veneranda herança.
O que só Deus medrou, só Deus derribe.

*

Crêde-me (eu já vi outras) vossa terra
é descrida, enteada á Natureza.

Cumpre a vós adoçar-lhe o aspecto agreste,
amiudar-lhe no oceano ermo dos areis
estas ilhas, virentes, graciosas,
que espalhem primavera pelos montes,
que attráiam as volantes caravanas
do rouxinol, da rôla, e da andorinha.

VIII

Lá em baixo a casa humilde que branqueja,
entre os alegres plátanos e o templo,
quasi que pasma, e se entristece e encolhe,
de ver em torno a solidão tão vasta.
Como que está pedindo... ao menos bosques;
não tem outros jardins, outros passeios,
que offereça a seu dono, o Pastor vosso.
Prepara desde já para o futuro
sombrias novas aos novos successores,
e refrigerio estivo ás cans do velho.
Casae co'o vosso int'resse o int'resse alheio.
Mil vezes sua voz reconhecida
rogará paz ditosa aos vossos netos,
quando, serena a mente, e sôlta a vista
lá fôrem divagar, ora embebidos
nos psalmos, nos poeticos arrojos,
ora admirando o Autor e o Nó dos mundos,
no largo azul dos ceos, no alto dos troncos
e no zumbir e no voar do insecto.

*

¡Surgi! ¡surgi! Lá jazem as enxadas.

Velhos, surgi! La voltam triumphantes,
findo o novo trabalho, os vossos filhos.
Agora espumem copos, sõem risos,
exulte a dança, alonguem-se os cantores.
Conquistastes o inculto á Natureza:
forçástel-a a sorrir, a ornar-se em festas.
Toda a vasta planicie, hontem tão erma,
¡que povoada vai já! ¡como promette
lembrar ao vosso gado, ás vossas filhas!

UM VELHO

Sim, dará sombra e vai povoado o valle:
mas fosse eu rico, e lhe dobrára encantos.

SEGUNDO VELHO

¿E como, irmão?

O PRIMEIRO

No alto d'este oiteiro,
d'onde se avista o mar, o ceo, a terra,
poria uma capella, e um San-Mamede
co'o rosto de um menino, e o rir de um Anjo;
nas mãos o cajadito, o alforge ao lado,
e o seu rafeiro ao pé todo soberbo
co'a colleira escarlata, e todo amigo
a lambar o seu Santo. É bom que os altos
se c'rôem de capellas, que levantem
o pensamento aos Ceos, no campo espalhem

devoção e piedade, e aos peregrinos
ensinem o caminho e a vista alegrem.

UM PASTOR

Sim, co'o santo pastor de guarda aos bosques,
¿que haviam de temer, nem cães nem gado?
Nos degraus da capella, á sombra inquieta,
longas séstas sonháramos de amores.

TERCEIRO VELHO

Já lá vão o bom tempo e os bons costumes;
foi-se a abundancia e os corações piedosos.
Esses fundavam templos, como o nosso,
n'um árido deserto; e hoje.... se estala
no campanario um sino, em ocio eterno
fica mudo a pender dos braços podres.

IX

Bem, bem. Mal que a fortuna me sorria,
serei eu quem consagre o vosso oiteiro;
não a Mamede, não ao pastor martyr,
mas á contrita amavel Peccadora.
¿Não valem mais as lagrimas que o sangue?
¿Mais que heroico valor não nos commove
doce humildade e penitencia longa?
E de mais: se ás aspérrimas proezas
vos não destina o Ceo, todos nascestes
captivos frágeis de amorosas culpas.

Muita virgem no monte solitario
tentada pelo amor e pelo amante,
só com ver a capella ha-de livrar-se,
e pela salva flor dar lhe-ha mil flores.
E quando aqui errantes missionarios
vierem dar, e á sombra dos carvalhos,
as turbas apinhadas instruirem,
¡que persuasões, que lagrimas, que exemplos
hão-de tirar da veneranda Imagem!....

*

¡Qual me ri já na mente o grão projecto!
Eu serei pois o fundador de um culto
que aos frutos da moral reuna flores.
im; ¿quem tolhe o prazer puro e innocente?

.....

X

Partiram. E eis-me só. Todos partiram.
O alvoroço do entrudo os chama aos lares.
¡Oh! ¡Bem dita a ignorancia d'estas serras!
O rustico inda ri na Patria em luto,
e eu finjo o riso por dobrar-lhe o erro.
¡Bem sabe elle que lagrimas aos mares
d'este horizonte em roda estão correndo!
¿Sabe elle que o atro dia é menos atro?
A paz, a confiança, as alegrias,
a abundancia, a união de antigos Lusos,
não deixaram, fugindo, um só vestigio.
No vaivem das facções, que se entrevenchem,

tudo se perde e esquece, afora a raiva.
Os bons usos, as festas populares,
a romaria alegre, as patrias danças,
vão-se apagando... Aqui, mesmo na brenha,
a pastora, esquecendo os seus amores,
canta a questão dos Reis, o hymno da guerra,
sons novos, que o seu gado e o ecco extranham.

*

Ó Patria, bella Italia do Occidente,
tu que igual a Parthénope repousas
debaixo da invejada laranjeira
e do mirto florido, ao deleitoso
ruído de águas lípidas, no abri
de um céu inspirador tão próprio ao génio,
ó bella Italia do Occidente, ó Patria,
¿era pois fado teu lidar sem fruto
para seres a inveja, a flor das gentes?....
A guerra, sim, te coroou co'as palmas
das quatro partes do orbe, e as naus do mundo
trouxeram a teus pés thesoiros, sceptros.
Mas as flores das artes, mas os frutos
das sciencias, no chão dos outros povos
com tanto custo e com suor medrados,
¿espontâneos no teu medraram nunca?...
¿Tiveste nunca os dons, que em paz florentes
ornam e absolvem da conquista os loiros?
¡Que imperios teem cahido! e tu, tu ousas,
hoje ainda, aspirar á eternidade!!...
Talvez bem perto os seculos se cheguem,
que hão-de ver cego arado andar lavrando
tuas cidades de esquecido nome,
e o rebanho indiffrente apascentar-se
sobre os teus tribunaes, theatros, praças.

*

Vê-te o sol com praser; deixa-te a custo,
Lusitania, que á borda do Oceano
brilha qual deusa em majestade e em graça.
Deusa, e immortal, te crêram; mas tu jazes
entre tropheos em pó, lavada em sangue.
Deshonrada Cleópatra, inda és bella,
mas já nas veias te circula a morte.
¡Ai de quem nutre as áspides no seio!...

*

¡Ó Patria, ó Patria, com que voz tão baixa,
com que pejo te expróbro! ¡Ah! se podéres,
perdôa meu furor, vê só meu pranto;
ó Patria, ó mãe, ó misera querida!...

*

¿Que ouvi? ¡longinquo estrondo! ¿que seria?
¡Som de espingardas!... Sim, talvez... são homens
que nos matam irmãos... ¡Alerta!... oiçâmos...

.....

O SAN JOÃO NAS FALDAS DO CARAMULO

Dia em que o Poeta plantou por suas mãos um cedro no pateo
da residencia parochial da Castanheira do Vouga

(FRAGMENTO)

.....

Se, de teus annos na madura força,
a mão que te ora planta inda fôr viva,
essa mesma, já trémula e caduca,
no tronco te abrirá, com pio exforço,
graciosa capellinha, onde sorria
um San-João, o Santo alegre do ermo,
trajo de pelles, juvenil frescura,
olhos nos Ceos, aos pés cordeiro branco.

*

N'essa noite poetica e devota,
em que o praser, centuplicando aspectos,
povôa, anima, encanta o mundo inteiro,
agua e terra, ar e ceo, tudo é macio,
em que a velhice, a mocidade, a infancia,
sympathisam no vago da alegria;
quando n'alma insaciavel de delicias
se juntam, com mistura inexplicavel,
ao saudoso passado, aos bens presentes,
as mil visões do esplendido futuro;

quando em laço phantastico se aggregam
da vida e eternidade os pensamentos,
gosos, superstições, fraquezas, cultos,
qual ramallete de cipreste e rosas
na caprichosa mão das feiticeiras;
n'essa noite, das noites invejada,
a ti concorrerão por toda a parte,
té das aldeias do horizonte extremo,
dançantes bandos que a viola guia.

*

Verás girar seus bailes clamorosos
em redor das estrídulas fogueiras;
ouvirás os seus cânticos em câro
devoto e enamorado. A bomba foge,
zune fugindo, e sollapada estoira;
o buscapé no ar caracolando
morde n'um, morde n'outro, ameaça a todos,
dispersa os grupos, gasta-se raivando,
e entre os risos rebenta atroando os ares;
ali circula em vórtice perenne
a roda leve espadanando incendios,
chovendo oiro luzente e estrellas alvas;
aqui floreia o fúlgido valverde,
vesuviosinho que arremette ás nuvens;
arranca o vôo e vai rugindo aos astros
o ignívomo foguete estrepitoso.

*

¡E a musica entretanto! ¡e as doces falas!
¡e os protestos de amor! ¡e a prece occulta!
¡e essa mão dada a furto e a furto acceita!

je esse olhar falador! je essas virtudes
da meia-noite em ponto! je a flor crestada!
je as sortes que a fortuna extrai ás vezes,
e muitas mais a próvida malícia!
je a fonte que amanhece entre descantes,
e pasma rindo de se ver coroada
de festões verdes e entrançadas flores!
¡Que noites, que alegrias, que triumphos,
te aguardam no porvir, me estão na mente!^[9]

.....

X

O MOSTEIRO

Vós, que sois do amavel sexo
ardentes adoradores,
que girais de bella em bella,
qual leve abelha entre as flores,

que sabeis n'um só momento
a mil deusas incensar,
e pareceis de ternura
não poder-vos saciar,

mancebos, o mundo é vosso;
mil bellas o mundo tem;
mas não choreis as que á sombra
repoisar das aras veem.

Se um jardim, florído, immenso,
encontrais na sociedade,
¿que importa que poucas rosas
lhe furte a mão da piedade?

poucas rosas, que dispostas
vão depois na solidão
lançar mais doces perfumes,
seguras de extranha mão.

Vagae, vagae livremente
nos jardins da Idália Venus;
seguí as Nymphas e as Graças
pelos seus bosques amenos;

os prazeres vos rodeiem,
os jogos em torno vôem;
a mocidade vos ria;
espêssas rosas vos c'rôem;

¿que falta aos desejos vossos?
¡ah! soffrei, sem murmurar,

ver d'entre os vergéis florídos
poucas pombas desertar,

poucas pombas, que innocentes,
e temendo o caçador,
vão nos ermos solitarios
buscar um fado melhor.

Do Libano opacos cedros,
de Sião bosque tranquillo,
vós, palmeiras de Idumêa,
prestae-lhes seguro asylo.

Estranhas vistas não turbem
os seus piedosos segredos;
contentes á sombra vivam
dos sagrados arvoredos.

Silencio, paz, e ternura,
alva estrella de innocencia,
e a vista de um ceo risonho,
lhes doirem toda a existencia.

Murmúrio de castas fontes,
perfume de simples flores,
lhes paguem jardins que infestam
os abutres e os açores.

Eu vos lamento e vos choro,
insensíveis corações,
que de um mosteiro entre os muros
não vêdes senão prisões.

Córae da vossa loucura.
Correi a ver de mais perto
o Eden recatado ao mundo
no seio d'este deserto.

Modestas virgens o habitam,
que só não teem liberdade
de colher em frutos de oiro
as festas da sociedade.

Segui-me, segui-me affeitos,
entremos. Abriu-se o templo.
Seus ermos, ao mundo ignotos,
inteiros d'aqui contemplo.

¿Não vêdes sobre os altares
com graça engrupadas flores
lançar torrentes de aromas,
brilhar co'as mais vivas cores?

N'esses prados invisíveis
tambem pois se eleva a aurora;
sol, e zephyros, e fontes,
lhes dão sorrisos de Flora.

Essas pois, que vós julgaveis
desgraçadas prisioneiras,
teem praseres, teem delicias,
teem jardins, são jardineiras.

Vêde ornar formosa Imagem
rico manto que fulgura,
de oiro e sedas matizado
com vistosa bordadura.

Vêde a grinalda florida;
vêde o ramo; estes jasmins,
estes lirios, estas rosas,
não são já de seus jardins.

Não devem sua existencia

nem á terra nem ao Ceo,
e nem zephyros nem fontes
serviram no augmento seu.

Formou-as arte engenhosa;
poude mais que a Natureza;
deu mais vida ás suas flores;
prestou-lhes igual belleza.

¿Sabeis, que mãos feiticeiras
obraram prodigios taes?
eis o trabalho e os recreios
d'essas piedosas Vestaes.

Ellas no côro apparecem;
e, ao som dos órgãos divinos,
de sua alma aos Ceos se elevam
devotos brilhantes hymnos.

Innocentes e macias,
d'estas vozes a mistura
sem perturbar os sentidos
infunde n'alma ternura.

Em seus canticos não reina
terreno vulgar affecto;
é mais puro, é mais sublime
de seus amores o objecto.

O pensamento que as ouve,
sai da térrea habitação,
deixa os ares, das esphéras
atravessa o turbilhão,

vê do Empyrio as portas de oiro
abertas á humanidade,
rompe audaz, vai submergir-se

no fulgor da Divindade.

Cessa a musica, e de novo
volve a mente ao patrio mundo;
mas dos virgineos desertos
primeiro se arroja ao fundo.

Lá divisa, em liberdade,
nas livres tranquillias horas,
dadas a cantos diversos
estas formosas cantoras.

Na sombra d'aquelles bosques,
n'aquelles molles passeios,
tambem pois das Musas entram
os aprasiveis recreios.

Olhae por fim seus aspectos,
¿Não vedes vós a bondade,
a alegria da innocencia,
as virtudes da piedade?

Eis os Genios que lhes tornam
encantadora a existencia:
as virtudes da piedade,
os praseres da innocencia.

A amisade entre ellas reina;
¿os encantos da amisade
não prestarão, por ventura,
delicias á soledade?

Mas basta, insensatos, basta;
á scena se corra o veo;
não profanem vossos olhos
mais tempo os átrios do Ceo.

Ide no mundo esquecel-as,
em vez de as irdes chorar;
e o vosso mundo vos baste,
como lhes basta um altar.

Mas esperae; respondei-me;
consultae vosso interior:
¿sois ditosos co'os sorrisos
de um falso inconstante amor?

¿Sabeis vós o que amor seja?
¿Satisfaz-se o coração
com esses fogos incertos,
e essa eterna agitação?

¿Não virá talvez um dia,
em que, mais sabios, queirais
unir os vossos destinos
á melhor d'entre as mortaes?

¿Como a haveis de achar no mundo,
no mundo, cujos enganos
vós conheceis, ajudastes,
seguistes, por tantos annos?

Tremereis de um laço eterno.
A vossa pena consiste
em pensardes que a virtude
que não tendes, não existe.

Então aqui vos espero,
n'estes quietos retiros.
Estes muros que insultaveis,
ouvirão vossos suspiros.

Entre estas virgens mimosas,
que severa educação

forma, longe dos humanos,
á sombra da solidão,

viréis procurar o objecto,
cuja ternura innocente
vos deve tornar a vida
risonha, pura, e contente.

Não detesteis um recinto,
onde Amor, onde Hymeneu,
onde um Genio, amigo vosso,
vosso thesoiro escondeu.

Pensae, pensae que ali vive,
cresce em virtude e talentos,
e em graças, aquella que ha-de
doirar os vossos momentos.

Qual arbusto delicado,
que a viçosa louçania
mostrar em seu proprio clima,
em seu proprio ceo, devia,

mas foi por mão inimiga
trazido a estranhos logares,
onde murcho cederia
a influxos de infestos ares,

se da estufa compassiva
lhe não fosse aberto o seio,
onde vegeta e floresce
de arbustos eguaes no meio;

ali não receia as neves;
não treme da tempestade;
gosa o sol; vive no mundo,
vivendo na soledade;

de extranhos somente é visto;
tem louvor; é cubiçado;
mas das flores, mas dos frutos,
não é jamais despojado.

¡Mil vezes feliz, mil vezes,
quem ousa, á luz da verdade,
queimar a máscara d'ouro
ás larvas da sociedade!

Medrae, sagrados mosteiros;
medrae, desprezando a inveja;
jamais fulminar-vos possa
calúnia que em vão troveja.

Brilhae, como ilhas floridas,
no meio do mar profundo
de vícios, crimes, e horrores,
que alaga, que abrange o mundo.

Sêde o asylo das virtudes,
do Eden a propria entrada,
o enlace dos Ceos co'a terra,
do Empyrio a sublime escada.

Coimbra—1826 (?)

XI

SANTA MARIA EGYPCIACA

(Fragmento de um poema)

.....
Prostrada aos pés da Cruz, ante a caveira,
jaz solitaria a Egypcia. Rios descem
de olhos lindos, que os ceos fitar não ousam,

*

¿Tão nova, e isenta? ¡Oh! não; mudou de amores.
Dos primeiros só guarda a dor e as penas;
mas os novos, os ultimos, protesta
conserval-os em vida, e em morte havel-os.

*

Té aqui, pela alma escura só lhe ardiam
relampagos dispersos; derretido
raio dos Ceos lhe cõa pelas veias.

*

Brilhou no mundo como a flor de um dia.
Os soes vivos, os ventos importunos,
lhe ameaçavam fim; ruins borboletas
captivas da belleza iam murchal-a.
Imprevisto invisivel jardineiro
a tempo a salva, e a transplantou no ermo.

*

No mundo, sobre o abysmo, hontem folgava
impróvida e leviana; hoje pranteia
na solidão, mas sob um Ceo que a espera.
As cidades, em que ídolo brilhára,
inda a chamam em vão, e em vão a aguardam.
De um lustro que a houveram, ¿quantos lustros
lhe volveram saudade!

*

Em viço de annos,
e mais bella que as flores todas juntas
das dezassete suas primaveras,
qual fugaz sonho de manhan de estio,
foi-se, e não voltou mais, Deus sabe aonde.
Murcharam festas; esmorecem danças;
os banquetes, diffusos pela noite,
já não veem despertar ternura e risos.
Nas roseiras intactas se desfolham
os botões das grinaldas; o alaúde,
que falou tanto amor nas mãos da bella,
discorde jaz, e mudo...

*

Ella, entretanto,
co'os mimosos pés nús calcando areias,
desornado o cabello, envôlta em pelles,
timida, envergonhada, pesarosa,
vai caminho do Ceo co'a fronte baixa.
Mil vezes á avesinha se compára,
sem família, sem lar; corre erradia;
¿não ha-de ambas manter a paz que é de ambas?

Beija a caverna frígida que a hospéda,
e agradecendo este hórrido paraizo
ao Deus que lh'o depára, esquece o mundo,
ou sem saudade e com horror o aviva.

*

Ai coração tão amplo, onde estuava
mar de affectos sem conto, escoado agora,
¿quem o ha de encher? ¿em solidão tão funda!
¿quem o ha-de encher? Já o enche o que enche tudo,
o que brilha na luz, no sol, nos astros,
corre nos aquilões, anima os troncos.

*

Só conversa com Deus, e a Deus só ouve.
Este seio, estas tranças desatadas,
são brinco só do vento do deserto.
Esta mão, tão mimosa e tão querida,
só procura, excavando a terra ingrata,
a amorosa raiz, ou já se encurva
para dar agua aos labios sequiosos.
A aurora a vem saudar já de joelhos.
Não ha um sol, não ha na noite um astro,
que não saiba os seus ais e eternas preces.
Nem que passe o chacal, a hiena, a onça,
foge, ou quebra os devotos exercicios.
Treme a gazella, e encolhe-se aos rugidos;
e a Estrangeira não treme; ora, e descança.

*

Ao fresco desmaiar da extrema tarde,
quando os raios do sol já mal doiravam
da longinqua palmeira o incerto cume,
ique vezes, assentada, e sustentando
na eburnea mão o pallido semblante,
atraz do astro fegoso e fugitivo,
mandava o coração, mandava os olhos!

*

—«Além—dizia—além, n'esse Occidente,
corre o santo Jordão delicias minhas,
que o Salvador banhou, que eu passei mesma.
Talvez aquella nevoa que lá brilha,
mudada em rosa, em purpuras, em oiro,
seja da santa veia alegre filha,
Além... Jerusalem, Sião, Judêa...»

*

E a taes nomes, enxames de memorias,
de saudades, de affectos, lhe adejavam
pela alma, alegre em parte, em parte escura.
Raro, mas inda ás vezes lhe assomavam
no involuntario somno ideias meigas.
Inda, uma vez ou outra, o amor banido
entrava de relance o antigo alvergue,
e apóz elle os passeios namorados,
os theatros esplendidos, as galas,
as mezas rindo, os bailes desenvôltos;
e as victorias, e as chusmas dos praseres,
como á sua rainha vão saudal-a.
Acordava sorrindo, a Cruz fitava;

e atirando se á terra, e sôlta em chóros,
pagava erros não seus com dor bem sua.

*

Taes se lhe vão no ermo deslizando
dias e annos, sem ver na areia impressos
mais vestigios que os seus.

*

De tempo em tempo,
só vê talvez, ou ver presume ao longe,
do horisonte nas sombras pavorosas,
o ténue pó da immensa caravana,
que vai de Alépo á Méka em certa estrada.
Por ella ora, e entre o orar lamenta
a devota fanática impiedade.

*

Tal vai manando a limpida existencia.
Egual ao ramallete que desmaia,
e se esfólha no altar entre os perfumes,
tal, sem gosto e sem dor, e sem que o note,
perdendo vai co'o tempo a bella Egypcia
encantos, já seu mal, e mal do mundo.
O juvenil das formas exteriores
concentrou-se-lhe n'alma; em cans e em rugas
se esconde um coração de amor não farto.

*

Quem a tivesse visto, e a visse agora,
sentiria o que sente o viajante,
quando, perto d'ali, vai dar co'os restos,
saudosos restos, da gentil Palmyra.
Uma e outra já gloria do Universo;
agora mudas, sós, e deslembradas,
e socias no deserto, e eguaes no exemplo.

*

Meio seculo a viu prantear sosinha
annos ligeiros da fugaz infancia.
Ao fim da gran carreira, o Ceo lhe envia
o solitario Zózimo, como ella
ancião virtuoso, e habitador das covas,
que lhe oiça a longa vida, a anime, e exforce;
lhe dê perdão e paz de um Deus em nome.

*

Pela primeira vez contente e alegre,
ousando olhar os Ceos,
—«¿ Trareis,—lhe disse—
á pobre peccadora o manjar de Anjos?»
—«Sim.»

E partiu.

Com vista prolongada
ella o segue; co'os olhos no deserto
o espera todo o dia; je este é tão longo!...
¡tarda tanto o bom hóspede!...

*

Passou-se
um anno inteiro. É elle agora; é elle;
conheço o fraco andar que o zelo apressa,
e as cans, e a calva, e as faces penitentes...

*

Chega; clama; a caverna não responde;
grita, e só ouve a si. Olha em redondo,
vê-a jazer na areia, e a areia escrita
por mão trémula, errante, ao que parece:

Bom Zózimo, por santa caridade
enterra o corpo da infeliz Maria.
Aqui morri no dia em que te fôste.
Encommenda-me a Deus, e Deus t'o pague.

.....

XII

EPISTOLA

Ao meu amigo o Desembargador Manuel Venancio
Deslandes

(NO DIA DOS MEUS ANNOS)

FRAGMENTO

Em torno ao teu amigo estão fervendo,
Deslandes meu, na hora em que te escreve,
de uma festa caseira o reboliço.

*

Bem que alveja de neve o Caramulo,
e um frígido suão de lá nos venha,
ninguem hoje de frio aqui se queixa.
Não descança nem pé, nem mão, nem lingua;
o sumptuoso lar arde em tres fógos;
o forno se afogueia; a branca meza
vai-se de loiça e vidros alegrando.

*

Uma estuda em compôr as sobremezas;
outra enrama de loiro alta ferrugem
das vigas da cosinha; esta, sizuda,
de riscado avental e nus os braços,
com importancia e afan revira espêtos;
aquella, anda scismatica, e raivosa
de eu nascer em Janeiro, um mez agreste,
que além de um alecrim, de umas violetas,
nascidas por engano, além de rosas,
frágeis, sem cheiro, e languidas, não cria
com que se enflöre a meza dos meus annos.

*

¿Porque é, quando a sorrir divagam todos,
quando só para mim se andam tecendo
estas pompas domesticas, agora
que a potente amisade em meu obsequio
para tudo fazer até fez estros;
agora, emfim, que aos raios da alegria
não ha um coração que se não abra...
¿por que se fecha o meu? ¿Dará (não creio)
da Natureza o luto um certo assombro
ás festas do homem? ¿Pensas que enfartado
d'esta patria amargura, a filtre aos gostos,
qual vaso que azedado a tudo azéda?...

.....

26 de Janeiro
de 1833.

FIM DO PRESBYTERIO DA MONTANHA

NOTAS DOS EDITORES

AO VOLUME I DO

PRESBYTERIO DA MONTANHA

Da villa da Castanheira—No Bispado de Coimbra, e na Provedoria de Esgueira, 1 legua da villa de Agueda, e 11 da cidade do Porto para o sul, em lugar alto, tem seu assento a villa da Castanheira, que chamam da Beira, a qual é tambem dos Condes da Feira, e n'ella entra em correição o seu Ouvidor. Consta de 160 visinhos, com uma egreja parochial da invocação de S. Mamede, Priorado do Conde da Feira, que rende 600\$000 réis, e tres ermidas. O seu termo tem uma freguezia dedicada a Santa Maria Magdalena, no lugar de Aguadão, que consta de 100 visinhos. É curado annexo á egreja de S. Mamede, que apresenta o seu Prior. Tem este lugar muitas fontes de delgadas e salutiferas aguas, que fertilisam seus campos de pão e vinho, e os fazem abundantes de todo genero de frutas. Assistem ao seu governo civil dois Juizes ordinarios, Vereadores, um procurador do Concelho, Escrivão da Camara, Juiz dos Orphãos com seu Escrivão, 1 Alcaide, e 1 Companhia da Ordenança.

(*Chorographia portugueza* pelo Padre Antonio Carvalho da Costa.—T. II, pag. 176—1708.)

Castanheira do Vouga—Villa na provincia da Beira baixa, Bispado de Coimbra, Comarca de Esgueira. É da Casa do Infantado; tem 803 visinhos. Está situada em monte junto da serra do Caramulo. É seu orago S. Mamede. Tem quatro altares; e o maior é do orago; os outros são do Santissimo, de Nossa Senhora da Expectação, com sua irmandade, e outro de S. Jorge. O Parocho é Prior, apresentação da casa do Infantado; tem de renda 400\$000 reis. Tem tres ermidas, que são: a do Espirito Santo, a de Nossa Senhora

do Bom-despacho, e a de S. Sebastião. Os frutos d'esta terra são milho grosso, centeio, e algum vinho. Governa esta villa um Juiz ordinario, e a Camara. Passam por esta freguezia os rios Aguedão, Alfusqueiro, e Agueda.

(*Diccionario geographico* pelo Padre Luiz Cardoso. 1751.)

*

Castanheira do Vouga.—Freguezia no Bispado de Coimbra; tem por Orago S. Mamede; o Parocho é Prior da apresentação da Casa do Infantado; rende 480\$000 réis; dista de Lisboa 40 leguas, e de Coimbra 7; tem 58 fogos.

Ágadão—Freguezia no Bispado de Coimbra; tem por Orago Santa Maria Magdalena; o Parocho é Cura da apresentação do Prior da Castanheira; rende 40\$000 réis; dista de Lisboa 40 leguas, e de Coimbra 6; tem 102 moradores

(*Portugal sacro-profano*—por Paulo Dias de Niza; cryptonimo do Padre Luiz Cardoso—Lisboa—1767—8.º—2 vol)

*

Castanheira do Vouga.—Villa, Douro, Comarca de Agueda, Concelho do Vouga, 40 kilometros ao N. O. de Coimbra; 240 ao N. de Lisboa; 140 fogos. Em 1757 tinha 58 fogos. Orago S. Mamede. Bispado e Districto administrativo de Aveiro. Foi do Bispado de Coimbra. Era antigamente da Comarca de Esgueira. É da Casa do Infantado. Situada em um monte proximo á serra do Caramulo. A Casa do Infantado apresentava o Prior, que tinha 400\$000 réis. É fertil em milho e centeio; produz algum vinho, e do mais pouco. Tem foral dado por D. Manuel em Lisboa a 16 de Junho de 1514. Era cabeça do concelho do seu nome e tinha Juiz ordinario, Camara,

Escrivães, e mais Justiças. Passam pela freguezia os rios Agueda, Aguedão, e Alfusqueira.

(*Portugal antigo e moderno*—por Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal—Lisboa, 1874).

*

Pag. 11 lin. ultima

Dapibus mensas oneramus inemptis

Oneramos as mesas com iguarias não compradas; isto é, vivemos, sem comprar, das nossas lavras próprias.

Citação de Virgílio (*Georgicas*, Liv. IV, v. 133), com uma pequenina variante exigida pelo sentido. O texto inteiro e exacto é:

....*Sero que revertens
nocte domum, dapibus mensas onerabat inemptis.*

Isso faz parte de uma historieta que Virgílio conta, e que vamos ouvir na tradução de Castilho:

.....Alembra-me que outr'ora,
lá por onde o Galeso arrasta a veia escura
por entre loiros chãos de cereal cultura,
junto á Ebália cidade, a de torreados muros,
conheci um corycio em annos já maduros,

dono de uma chanzinha ali desamparada.
O pobre do torrão de si não dava nada:
nem pasto para bois, nem para um fato hervinha.
Sumitico de pães, escasso para vinha,
era um sarçal fechado; e no sarçal, comtudo,
o bom velho, a poder de diligencia e estudo,
tinha hortaliça rara, e emmoldurada em torno
com seve de jardim para maior adorno,
alvos lirios, verbena, e papoilas de prato.
Não trocára co'os Reis seu parco haver tão grato.
Recolhia ao casal já noite; e, ¡que riqueza
de iguarias de graça a assoberbar-lhe a meza!

Pag. 18 lin. 3

Passámos n'uma bateirinha, remada por uma velha
moleira da margem, o víçoso rio de Bolfiar.

Todos esses meios de transporte mudaram muito de 1826 para hoje.
O caminho de ferro, as estradas, e todos os aperfeiçoamentos
modernos, deram cabo da antiga viagem tão pittoresca.

Pag. 36 lin. 20

Uma especie de zimborio de doze palmos de altura.

Deve ser talvez alguma pyramide geodesica ali levantada pelos que

primeiro se dedicaram ao estudo da triangulação do Reino.

Pag. 37 lin. 3

Uma desconforme loisa inteiriça horizontalmente
aguentada nos ares por esteios de pedra.

Estes antiquissimos monumentos megalithicos ainda se encontram
em muitas partes das Hespanhas, e acham-se estudados á luz da
sciencia moderna.

Pag. 42 lin. 6

A Linguagem é ali, como os ares, de uma admiravel
pureza e lucidez.

O portuguez que n'aquella serra se falava, e fala, influiu em Castilho
o seu constante amor á vernaculidade. Veja-se nas *Excavações
poeticas* o que elle diz do velho camponez Francisco Gomes,
creado da casa, e «um dos mais chapados classicos» que elle
jamais encontrou.

Pag. 58 lin. 7

Lia, Rachel e Rebecca

Lia era filha primogenita de Labão, e irman de Rachel. Achando-se Rachel ajustada para casar com Jacob, teve Labão astucia de lhe substituir Lia, apesar de menos formosa. Foi mãe de Ruben, Simeão, Levi, Judá, Issachar, Zabulon, e Dina.

Rachel, irman de Lia, tambem foi mulher de seu cunhado Jacob, e teve José, e mais Benjamim, de cujo parto falleceu. Parece que ainda se conserva e mostra o seu tumulo.

Rebecca, filha de Bathuel, casou aos dezoito annos com Isaac, filho de Abrahão, e teve por filhos Ezaú e Jacob.

Todas estas figuras biblicas, vivas 17 seculos antes da era christan, são encantadoras de singeleza e graça nas descripções que d'ellas nos deixaram os Livros santos.

[Pag. 72](#) lin. 15

Uma pobre mocinha ovelheira

Mais de uma vez se recordou Castilho d'esta pastora, cujo nome era Antonia. Veja-se o lindissimo retrato que pintou d'ella o nosso Poeta na sua *Chave do enigma*.

[Pag. 80](#), lin. 9

Filinto e o entrudo

Com o seu espirito essencialmente nacional, recordava-se o bom Francisco Manuel do Nascimento, com muita saudade, do entrudo brutal da velha Lisboa.

¡Viva o meu Portugal! ¡viva a laranja
que derruba o chapeo!

exclamava elle em París, ao lembrar-se das grosseiras
costumagens dos Portuguezes, felizmente meio polídas já hoje.

Pag. 82 linhas 6 e 8

Citações latinas

Essas duas são de Virgilio (*Eneida*, Livro I)

*Fronte sub adversa scopulis pendentibus antrum;
intus aquae dulces, vivoque sedilia saxo;
nympharum domus.*

Isto é: defronte, sob uns pendurados penedos, abre-se um antro; e lá dentro correm aguas doces, e apparecem assentos como que talhados na rocha viva; verdadeira habitação de nymphas.

Pag. 87 lin. 21

As rogações de Maio

Foram instituídas por S. Mamerto, Bispo de Vienna, no Delphinado, falecido no ano 475.

Página 99 linha 23

O ubi campi!

Recordação de palavras de Virgílio ao Livro II das *Georgicas*:

*Rura mihi et rigui placeant in vallibus amnes;
flumina amem silvasque inglorius. O ubi campi
Spercheosque, et virginibus bacchata Lacaems
Taygeta!.....*

Sejam minhas delicias os campos, e os ribeiros a deslizar nos valles; encantem-me os rios e os bosques, como obscuro que sou. ¿Onde estais, campinas? ¿onde estás, rio Sperchio, e tu, monte Taygéte, habitado pelas alegres virgens espartanas?

Castilho traduziu assim este trecho:

Então amar só quero os rios e arvoredos,
de glorias desquitado. Ai, campos meus tão quedos!
ai ribeiras do Spérchio, oiteiros do Taygéto,
das virgens de Lacónia ás órgias predilecto,
¿onde, onde me estais vós?....

Pag. 102, lin. 10

Parve, nec invideo, sine me, liber, ibis in urbem

Verso de Ovidio, logo no começo da elegia I do Livro I das *Tristezas*. Dirigindo-se ao seu proprio volume, escrito (ou antes chorado) no desterro, entre os gelos do Ponto, diz-lhe o autor: vae meu pequeno livro; has-de entrar sem mim na Cidade; nem por isso te quero mal.

Parte, ó meu pobre livro; irás sem mim, sosinho,
correr na gran Cidade incognito caminho

traduziu alguém

Pag. 107, lin. 17

Zimmermann

João Jorge Zimmermann, nascido em Brug, cantão de Berne, a 8 de Dezembro de 1728, seguiu os estudos medicos, e foi abalisado sabio. Nomeou-o medico da sua camara em 1768 el-Rei de Inglaterra; el Rei de Prussia Frederico, o grande, foi tratado por elle na sua ultima doença, e deveu allivios aos seus cuidados intelligentes. O Principe russo Orloff foi de proposito com sua mulher consultar Zimmermann ao Hanover; e ao tornar-se a S. Petersburgo falou d'elle com entusiasmo á Imperatriz Catherina, que em 1784 procurou attrahir á sua côrte aquelle luminar da sciencia. Elle pediu excusa, porque a vida mundana não condizia com os habitos que tinha creado o seu espirito; não se ofendeu a eminente Princeza, e

conferiu-lhe a ordem de Wladimiro. Infeliz na vida domestica, viu morrer-lhe entre os braços uma filha adorada, e endoidecer-lhe um filho. Falleceu este notavel homem em 7 de Outubro de 1795. Além de outras obras, entre ellas um poema sobre o terremoto de Lisboa, publicou em 1756 o seu *Tratado da Solidão*, onde todas as vantagens moraes do isolamento são defendidas com eloquencia e convicção, e sem mysanthropia exagerada.

Pag. 108, lin. 6

O Passeio publico e o Marrare

Para os habitantes da Lisboa moderna, diremos que o Passeio publico, riscado em 1764 pelo architecto da cidade, Reynaldo Manuel, nas antigas Hortas da cera, era o refugio campestre mais delicioso que podiam gosar os habitantes da Capital. Ia desde a actual praça dos Restauradores até á extinta praça da Alegria, na altura da rua das Pretas. No sitio exacto do monumento aos heroes de 1640, espalmava-se um grande tanque redondo (hoje no jardim da Graça).

O café Marrare, poiso dos elegantes lisbonenses, era no Chiado.

ADDITAMENTO

Visto ser esta obra de Castilho dedicada á memoria de seu bom irmão, pareceu-nos acertado juntar aqui um dos tres sermões que ainda restam d'este. As suas obras ineditas mandou o proprio Doutor Augusto Frederico de Castilho que lh'as queimassem por sua morte. Salvaram-se, apenas, as seguintes:

- I — O sermão de S. Pedro, ou da Fé;
- II — O sermão da esmola, ou da Caridade;
- III — O sermão nas exequias do senhor D. Pedro IV;
- IV — A pastoral dedicada ao seu rebanho episcopal de Beja;
- V — Uns versos na *Primavera* de Antonio Feliciano.

SERMÃO

DA

ESMOLA OU DA CARIDADE

Prégado na 5.^a dominga da Quaresma de 1839
na Sé de Lisboa
pelo Conego Arcipreste da mesma Sé,
o Doutor de capello em Canones Augusto Frederico de Castilho

Jesus abscondit se, et exivit de templo.

Escondeu-se Jesus, e sahiu do templo.

De duas coisas nos fala o texto que propuz: de Jesus escondido, e de Jesus fóra do templo; e nem por sahido do templo, nem por escondido, deixa Jesus de ser Jesus, ou nos dispensa de seu serviço. Jesus vivo, e na occasião de que trata o Evangelho, estava no mundo, e faltava no templo. Jesus, hoje, por dois milagres de fé e amor, por duas eucharistias, está no templo, e mais no mundo: no *templo*, encoberto no Sacramento; no *mundo*, encoberto nos seus pobres. N'uma e n'outra parte o devemos servir com igual zelo.

Orar todo o dia na egreja, e deixar fóra d'ella morrer á fome e ao frio

os necessitados, não é de christão; é fé morta. Soccorrer aos infelizes, sem crer (se tal é possível) n'Aquelle que elles representam, é caridade morta; tambem não é de christão.

Vós pareceis christãos pela fé, pois que vindes á casa de Deus; vós o pareceis, mas não o sois, porque essa fé é morta; cumpre que se resuscite pela caridade.

Da caridade préarei portanto hoje, ou antes da esmola, que é a caridade pratica e activa; é o christianismo na sua parte mundana, o culto do Verbo humanado aos olhos de todos, a religião de todas as religiões, a philosophia de todas as philosophias, o axioma para todos os entendimentos, o dogma até para o atheismo. O objecto é o mais accommodado ás necessidades do tempo em que vivemos; offensa faria á vossa piedade, se vos exigisse a attenção.

Alma e coração, discurso e affectos, convencem e persuadem como dever a esmola. Não creou a Natureza irmãos privilegiados, e morgados na familia dos homens: para uns, patrimonio de riquezas, e commodidades; para outros, encargos de miseria, e lagrimas. Acasos, sagacidades, ou malicias, estabeleceram essa desigualdade; e andou tambem ahi traça recôndita da Providencia, para estreitamente nos ligar; se uns de outros não carecessemos, não nos amáramos; se tudo a nós mesmos referissemos, não fôramos virtuosos, seriamos os mais infelizes dos entes, desentranhada de nós a beneficencia, origem de toda a sociedade, e purissima fonte dos verdadeiros prazeres da vida. Igualou-nos, pois, a Natureza; a Providencia nos desigualou; e n'esta contradicção apparente, é que Deus, supremo Autor de ambas, manifestou toda a sabedoria dos seus conselhos. Na Natureza, isto é, na sua Justiça, quiz que tivéssemos uma norma de igualdade; na Providencia, isto é, na sua caridade, que aprendessemos a restabelecer, quanto em nós coubesse, aquella igualdade primitiva por mutuos soccorros.

O homem caritativo é portanto o homem da Natureza, e o filho mimoso da Providencia, depositario e executor da Justiça de Deus, transumpto e argumento de sua bondade e misericordia.

O supérfluo de nossos bens constitue rigorosamente o patrimonio dos pobres, e negar-lh'o é ao mesmo tempo injustiça e barbaridade, egual á do depositario que consome os bens sagrados do deposito, do ecónomo que converte em proprio uso as rendas do seu senhor, do tutor que devora a substancia do seu pupillo; é ainda mais: é declararmo-nos inimigos de Deus, desacreditando, e dando, de certo modo, quebra áquella Providencia, cujos éramos dispensadores e supplementos; áquella Providencia, que não consente que as avesinhas mesmas, que voam errantes pelo ar, caiam mortas em terra, sem ordenação do Pae Celeste.

Tudo quanto de nós emana, ou em nós ressumbra bello, generoso, heroico, brota (não duvidemos) da caridade. Deus, para tornar as virtudes caras, e accessiveis até aos mais faltos de discurso, não creou a caridade, senão que a tirou de suas proprias entranhas, e orvalhando-a sobre a terra, lhe deu por benção que de todas as mais virtudes fosse ella semente e fruto, seiva interior e graciosa florescia; e ella ahi nos ficou independente de qualquer reflexão, affecto innato, instinto (¿por que o não diremos?), instinto moral.

Ainda mais, senhores: não só a tornou o mais profundo, mas tambem o mais extenso de todos os affectos, para que, sobre encher-nos o coração de virtude, ella nol o podesse occupar; sobre constituir-nos felicidade, nol-a podesse tornar permanente.

¡Oh! ¡que maravilhosa não é esta caridade, que em todas as edades, e em todas as circumstancias da vida e do mundo, sempre acha alimento, sempre lhe renascem objectos, e infinita como o Ceo, d'onde procede, cobre, como elle, toda a Natureza creada, passa dos homens aos animaes brutos, d'estes aos proprios entes insensiveis, adivinha infortunios, inventa e persuade soccorros, até para entes que os não sabem agradecer, que os não requerem, que

os não precisam!

Tem a caridade, como as demais paixões, os seus excessos; momentos em que se não sabe conter, nem governar; suspiros, lágrimas, e desalentos; entusiasmos, impetos, e arrojados heroicos; mas, como tudo lhe nasce do amor e compaixão, tudo é terno, tudo é mavioso e consolador. Virtude de virtudes, virtude única onde não ha excessos.

Pela caridade principalmente nos podemos dizer imagens de Deus, e obras primas da criação. ¡Ah! ¡que se jamais se podessem tributar ao homem cultos, que só á Divindade se devem, ninguém tanto os merecera, como esses que, possuindo os thesoiros dos bens [terrestres](#), os derramam no seio dos infelizes!

Porém, meus irmãos, não é mistér uma brandura de animo requintada, para nos movermos com os infortúnios dos nossos semelhantes, e procurarmos-lhes o remedio. ¿Qual de nós, vendo padecer um animalzinho, morto de fome, transido de frio, desamparado ás inclemencias de uma noite de inverno, e invocando a nossa piedade com aquelles gritos lastimosos, que a Natureza ensinou a todos os viventes para dizerem as suas dores, qual de nós se não sentiria profundamente condoído, não correria a abrir-lhe a porta, a agasalhar o, a soccorrel-o? ¡Ah! ¿e deixariamos no infortunio o homem? ¿o homem, semelhante nosso, nosso irmão, com quem nos ligam todos os interesses, cujos bens possuímos, cuja felicidade é tão travada com a nossa, e cuja desgraça tem sido talvez effeito da nossa injustiça, da nossa barbaridade?

¡Oh! ricos do mundo, que cegastes e ensurdecestes o coração... ¿que digo? que o trazeis defunto no peito, e incapaz de resurgir aos clamores mais doridos da Natureza, ¡ah! emquanto, ao redor de vós, se estão sempre a abrir abysmos, que engolem tantos miseraveis, ¿que uso mais util farieis vós de vossos bens, do que seria o acudir-lhes? Na vossa avidez insaciavel (semelhantes ao inferno, que, por mais victimas que lá chovam, não cessa de clamar *affer, affer*, mais e mais), uns de vós, ó ricos do mundo, se contentam com a visão

beatifica dos seus cofres; a sua alegria, a sua felicidade, o seu proximo, o seu mundo, a sua alma, o seu Deus, tudo seu ali jaz; ali enterraram o coração, e o conservam mais duro, mais inerte, mais frio, mais inutil, que esse metal que amontoaram; em quanto outros, pródigos em excesso, como se os seus thesoiros os affrontassem, os semeiam e desbaratam por phantasias, por luxos, por vaidades, sem moderação, sem ordem, sem destino, sem uma só utilidade real. Mais loucos ainda e mais infelizes, outros emfim, parecendo arrenegar dos beneficios da Providencia, os cofres que ella confiou nas suas mãos, elles os despedaçam e espalham, não só sem vantagem do proximo, mas ainda com o maior prejuizo, e inteira ruina de si mesmos. Com essas riquezas franquearam a entrada a todos os vicios, abysmaram a razão, destruíram as forças, aniquilaram a saude, anteciparam a morte, e.... ¡ah! meus irmãos, ¡que de inquietações, de violencias, de trabalhos e de dores, para comprar uma eternidade desgraçada! ¡Com a chave de oiro de um paraíso, abrir um sepulcro e o inferno!

Maus ricos, vós sois como o discipulo traidor; com esses dinheiros de maldição, preço dos tormentos e da morte de Jesu-Christo, que todos os dias se renova nos seus pobres, que vós entregais e desamparais sem piedade, com esses dinheiros de maldição, ides comprar um arrependimento esteril, um remorso tardio, uma morte desesperada, o odio dos homens, a vingança de Deus, os tormentos eternos!

¡Quantas injustiças accumuladas n'esta barbara opulencia! Injustiça para com os infelizes, cujos bens sonegamos, cujos lamentos não queremos escutar, cuja morte mesmo antecipamos muitas vezes.— Injustiça para com Deus, de quem recebemos esses bens, com a condição da caridade, e cuja Providencia desmentimos, e a quem devemos continuos beneficios e esmolas, desde que entramos no mundo.—Injustiça para comnosco mesmos, a quem fechamos as portas de um céu de deleites, em quem apagamos todos os sentimentos de virtude, a quem já n'este mundo excluimos de toda a felicidade.—Injustiça, emfim, para com todo o genero humano, de quem nos afastamos, a quem não queremos pertencer, de quem até

nos declaramos inimigos.

¿E para onde fugirão os nossos olhos, que lá não vá a miséria publica perseguil-os? Nunca soaram tão alto os gemidos dos desgraçados, porque nunca a nossa immoralidade foi tão barbara. Realisou-se sobre tantos irmãos nossos parte grande das maldições, com que Deus, por bocca de Moysés, ameaçava os seus inimigos. Explorae por todas as guaridas da indigencia; visitae os tugurios e choupanas miseraveis das aldeias, das maiores povoações, e até das cidades... ¡Grande Deus! ¡que multidão e variedade de miserias! Uns arruinam a saude por comidas dessaborosas e doentias, mais para brutos que para gente; a outros, nem um bocado de pão negro e amargoso apparece nas vinte e quatro horas; ¡quantas se não chamam poisadas e casas, que antes são covas, masmorras, ou jazigo de viventes! ¡de quantos não é cama a terra humida, e vestido o que nem lhes encobre a nudez! ¡Tantos paes cercados de um bando de meninos, chorando e pedindo-lhes pão! Tantos outros meninos, ainda mais infelizes, orphãos de pae e mãe, que nada teem na Natureza, além do sol que os aquece, e do ar que respiram, e começam a conhecer tão cedo a dureza dos homens, obrigados, quasi desde que abrem os olhos, a procurar por si mesmos com que supram as necessidades, ainda tão mesquinhas, mas tão pesadas para nós! ¡Tantas viúvas sem protecção, em quem, sobre o desamparo e dôr perpétua da viuvez, accresceu verem os seus bens arrancados por crédores, e quantas vezes por ladrões, debaixo do nome de crédores! ¡Tantos obreiros atirando-se a trabalhos superiores ás suas forças, ou á sua criação, ou aos seus annos, para sustentarem, com o suor, a vida, que, n'esse mesmo suor, se lhes está derretendo e mirrando! ¡Tantos enfermos expirando á mingua, sem medico, sem tratamento, sem remedios, sem enfermeiros, sem alma viva que os console, que lhes suscite as ideias da Eternidade, e até sem um lençol que os amortalie! ¡Tantos privados dos olhos, dos braços, e do uso dos sentidos mais preciosos, incapazes de trabalhar, arrojados para a borda dos caminhos, soffrendo dias inteiros os ardores do sol, as chuvas, os frios, e os ventos do inverno, considerados como monstros de outra especie pelos homens! ¡Tantos mendigos, emfim,

sem lar, sem nada, nem um amigo, sósinhos em meio de tanto mundo!

¡Mas que me canço eu a enfeixar o que não tem conta! E quando de taes miserias conseguisse fazer aqui um piedoso inventario, ¡quantas outras não ficariam de fóra, mais profundas, e mais miserias, porque ellas mesmas refogem e se escondem! As ruas e as praças, com todos os seus clamores e penurias, não confessam ainda assim quanto a nossa especie está padecendo. Ha, em todo este exterior, um não sei que reflexo de verniz e doirado, um não sei que ruido festivo, um perfume de opulencia e sabores, um certo sorrir, um raio de sol, um aspecto de céu azul, uma vida e uma esperança, que são disfarce, e mascara da existencia do povo, real e intima. Pelas ruas corre abundante a vida. Sahindo-se para a rua, deixam-se á porta as lagrimas, e cuidados verdadeiros, e toma-se na bocca e faces o contentamento postiço. Por fóra andam os corpos em toda a sua gala; mas dentro, por todo esse immenso *dentro*, nas entranhas d'esse infinito massiço de pedras e areia, n'esses fechados labirintos sem termo, n'esses apinhados e humanos favos de mel, estão chorando milhares de corações, estão-se desesperando milhares de almas.

Oh! ¡se Deus permittisse que, na hora em que o abastado gira para se recrear, por esses caminhos tão lageados de marmores, tão ataviados de vidros de cores, de metaes brilhantes, de todas as espumas mais formosas do luxo, se Deus permittisse que n'essa hora se lhe revelasse aos olhos por entre que duas montanhas de infortunio, vai caminhando! ¡oh! ¡como de repente, semelhante a Pharaó, na estrada do Mar Vermelho, desabariam de todas as partes a afogal-o ondas e mares de dor!

Sim, senhores, alem de outros infelizes que tambem precisam da caridade, ¡quantos pobres envergonhados que abafam soluços e gemidos entre as quatro paredes da sua casa! Nas horas da noite, quando das dansas, dos jogos, dos espectaculos, e de peores logares, saem torrentes de mundanos, em quem parece que o tempo, o dinheiro, a saude e a fama pesam insoffrivelmente, ¡que de

vezes se lhes não atravessam diante uns phantasmas de penuria, em fórma já de mulheres, já de meninos, já de anciãos, a quem a vergonha do sol não consentíra sahir dos seus sepulcros! De um portal, de um recanto, da bocca estreita de uma rua, nos saem as suas vozes, semelhantes a gemidos, antes que as trevas, de que não soffrem arrancar-se, nol-os deixem descobrir, estendendo a mão a receber a esmola, e a abençoar a caridade; algum vos esconde um rosto, que, em melhores dias, tinheis visto brilhar á luz da prosperidade.

Estes mortos e esquecidos do mundo, espectros pallidos, que temem os dias, e não temem o aspecto da noite, porque já não podem ser mais infelizes, é Deus quem nol os envia ao encontro, menos por elles que por nós, menos para allivarmos as suas penas que para elles nos inspirarem algum affecto ao coração gasto, algum pensamento fundo e importante á alma dissipada. ¡Felizes vós, os que entendeis estes avisos mysteriosos da desgraça, estas embaixadas solemnes do outro mundo! ¡Felizes os que, em vez de os repellir com dureza, accudis com o dinheiro á necessidade, com a esperança ao queixume, e com a commiseração a quem não cuidava que no mundo a houvesse!

—Mas estes pobres, e a maior parte dos pobres que me accommettem, que me desatinam, que me desesperam (dizeis vós), ¿quem me abona a sua pobreza? e concedendo-lh'a, ¿quem me affirma que não é ella castigo da sua perguiça, ou mau proceder?... ¿Que vos importa? Se póde ser uma coisa ou outra, dae; antes lançar dez vezes, vinte vezes, cem vezes, em vaso cheio, ou em vaso indigno, do que deixar de accudir uma só vez a quem do vosso superfluo fará o seu necessario, e talvez, se lhe recusasseis, padecêra n'um dia o que vós não padeceis n'um anno, ou, para o não padecer, commêtera crimes, que, depois de o perderem a elle n'este mundo, vos percam a vós no outro. E demais: vós, que tão de repente sentenciais o desgraçado que não conheceis, ¿por que vos não sentenciará Deus, por esse mesmo facto, a vós?

Póde não ser pobre o que vos pede.—Sim, e algumas vezes se tem

visto.—*Póde ter merecimentos para muito mais ainda do que padece.*—Sim, que é homem como vós, e com mais razão do que vós para aborrecer os homens, e ser seu inimigo. Sim: tudo isso póde ser; ¿mas examinastes vós se era tudo isso, ou se era uma parte? Recusando a esmola por tal motivo, ¿não tereis muitas vezes accrescentado ao roubo a injuria? ¡Ah! em quanto sentenciais uma alma que não conheceis, e condemnais o vosso semelhante para o deixar ir despojado, ¡quanto mais razão não tem elle para condemnar a vossa alma, que vós mesmos lhe descobristes inteira com uma só palavra!

Mas ainda vos concedo (perdôe-me Deus a concessão), que todos esses andam expiando peccados seus; são até criminosos e facinorosos; que nem um d'elles tem necessidade; são até abastados e opulentos; que todo o mendigo é um salteador e um millionario. ¿Estais contentes com a concessão, ou quereis mais? Não podeis querer mais, porque o não ha. Pois bem: ¿mas que direis, quando eu vos apresentar pobres, de uma pobreza processada e demonstrada, que vos não importunam nem se queixam, dos quaes muitos, dos quaes inteiras classes, não mereceram, nem poderam merecer, o seu estado? Ahi tendes os enjeitados, que não é muito que o sejam do mundo, e da fortuna, depois de o serem de suas mães; ahi os tendes, que a Misericordia mesma não basta a amamental-os e vestil-os, e, de seus pobres bercinhos, caem em cardumes nas sepulturas, e vôm a ir depôr na presença de Deus, contra a dureza de tantos, que, tendo-lhes dado a vida por um peccado, por um peccado ainda mais mortal (se é licito dizêl-o) o da avareza, lhes concorrêram para a morte.

¿Quereis mais? mais vos darei: tambem necessitados, tambem innocentes. Ahi estão tantos asylos da infancia desvalida, onde se queria educar e felicitar um seculo novo, e que, por falta de caridade publica, morreram, depois de tão bem nascidos e esperançosos.

¿Quereis mais? ahi estão os asylos da velhice, tambem e mais desvalida, onde os soccorros nunca são sobejos, nem sufficientes; porque muitos mais são sempre os que batem e choram áquellas

portas de refugio, que os que a estreiteza das posses consentem sentar-se lá dentro á meza do convite de Deus.

Assim que, por ambos os horizontes da vida, vos está o Senhor chamando o coração, e por toda a parte vos tem cercado do dever da esmola.

¿Quereis mais? ahi tendes hospitaes, recolhimentos, cadeias.

¿Quereis mais? ahi tendes centenares de religiosos egressos, a quem falta pão, lar, vestido, mundo, que o não conhecem, nem elle os conhece; militares que envelheceram nas armas e morrem á míngua; viúvas e orphãos de servidores do Estado, a quem se não paga, nem com esperanças.

¿Quereis mais, e mais sem conta? ahi tendes os partidos políticos vencidos, em quem não é mister longo exame para se reconhecer a desgraça, porque é corollario evidente de causas notorias. A terça parte de uma idade do homem, dezanove annos, para não datar de mais longe, tem sido entre nós consumidos em dissensões e odios. Com successivos terremotos politicos, teem desabado as mais altas torres de fortuna; desapareceram abundancias afogadas entre ruínas; voaram arrancadas de furacões contrarios e imprevistos, as mais florescentes esperanças; os caminhos trilhados e sabidos subverteram-se; por onde se descia, sobe-se; por onde se vingavam as alturas, desce-se precipitado; algum dos filhos do pobre vôi dormitando em côche de oiro, e o ancião doirado, que ainda hontem lhe houvera matado a fome, lhe alonga a mão, da margem do caminho, clamando esmola. Não se cuide, senhores, que eu condemno o presente e absolvo o passado. Sei os males e os bens do passado; entendo os males e os bens do presente, ou antes os males do presente e bens do futuro; mas vejo, de mais a mais, um cardume de males extraordinarios, que não são, para que assim digâmos, nem do homem, nem da Natureza, nem de Deus, mas sim da mudança, da transformação da fortuna, da fortuna cega, que, no trocar das mãos, quebra sem pejo, nem dó, nem consciencia, o que depois todos choram e ninguem concerta.

Vivemos pois entranhados e afogados n'um mundo de dôres, que não vemos, pela peor de todas as cegueiras, que é o não querer ver. E quando d'esta somnolencia, d'este lethargo, d'esta morte do coração, acordamos algum momento a este som *Esmola a este vosso irmão pelas chagas de Nosso Senhor Jesu-Christo*, já nos reputâmos muito generosos, se em vez do silencio ou de uma injuria, lhe acudimos com um *Deus o favoreça*; e tornâmos a atar muito depressa o fio dos pensamentos vãos ou peccaminosos que traziamos; e lá deixâmos para traz a Jesu-Christo morto de fome, a Jesu-Christo chorando na pessoa do seu pobre. ¡Ah! que se o seu estado de abjecção os não obrigasse á humildade ínfima, se o uso de soffrer estas repulsas os não tornasse já meio insensíveis, se elles nos podessem retorquir, «¡Quê! (nos responderiam) ¿Deus que nos favoreça? Deus nos favoreceu com esses bens que indevidamente retendes; Deus nos favoreceu com os thesoiros da sua Providencia, que vós nos roubastes. ¿Que o Senhor nos favoreça? ¿Quereis acaso tental-o? ¿que elle obre em nosso favor um milagre desnecessario? ¿que torne a chover o maná do céu, não sobre um deserto árido como aos nossos paes, mas sobre uma terra, que por toda a parte está cheia dos seus frutos e das suas dádivas? Esse maná vós o possuis, e encerrado inutilmente nos vossos vasos; Deus fará que se corrompa e apodreça. ¿Que Deus nos favoreça, deshumanos? Sim, sim, elle nos favorece na vossa propria dureza; os merecimentos que terieis na sua presença em serdes misericordiosos, elle os accumula sobre a nossa resignação; com os infortunios que nos accrescentais, e os prémios que rejeitais, se juntarão em nosso favor aos prémios de que a sua misericordia nos achar dignos.»

¡Ah! meus queridos irmãos, que se em nossa dureza fossemos capazes de entender os gritos e lagrimas de tantos paes de familias, cujas familias podem dizer que não teem pae, tantos orphãos de pae e mãe, tantas viuvias desamparadas, tantos jornaleiros e camponezes arruinados, tantos enfermos, tantos cégos e aleijados, tantos mendigos, tantos pobres envergonhados, acharíamos, nas suas lagrimas e gritos, menos a significação das suas dôres e

desalento, que uma reprehensão amarga da nossa barbaridade para com os nossos irmãos, da nossa ingratidão para com Deus; acharíamos, sim, acharíamos até n'esses lamentos, a expressão propria com que devêramos deplorar nós mesmos a dureza, antes ferocidade, dos nossos corações.

Não só, meus irmãos, as nossas liberalidades atalham todas estas miserias, mas ainda vão precaver muitas desordens. Aqui é uma pobre rapariga, a cuja honra se preparam violentos ataques. O Céu a dotára das qualidades mais eminentes; mas a fortuna tentou de algum modo desfazer a obra do Céu, juntando-lhe a pobreza com a formosura. Do seio da opulencia, um libertino já vibrou olhos tôrpes e ávidos para o santuario da virtude. A belleza o seduziu primeiro, depois a propria honra, e todas as qualidades que lhe notou, como outros tantos titulos que exaltaram o seu triumpho, por mais arriscado e difficil. Já abriu os seus cofres com prodigalidade horrivel; deu-se o primeiro ataque; frustrou-se. Não importa; os desejos augmentaram-se na repulsa, o merecimento da victoria vai subindo de ponto em ponto, e a seducção, de mãos dadas com a indigencia... ¿não vencerão cedo ou tarde? Chegou enfim esse dia; ¡venceu! e com um sorriso infernal applaudiu o seu triumpho, e a desgraça que consumou. Approximemo-nos agora, e contemplemos a pobre victima. Ali jaz, n'um arrependimento já tardio e inutil para o mundo; ali jaz recordando todos os artificios do traidor, que, depois de a desgraçar, chegou mesmo a aborrecel a; ali jaz na mesma indigencia que d'antes, porém mais infeliz agora; a sua honra fugindo abalou-lhe todas as outras virtudes. Em odio a Deus e a si mesma, ¿ficou-lhe ao menos um refugio no mundo? nenhum, porque o traidor, declarando-se seu cruel inimigo, foi divulgar o segredo, e exigir esses applausos infames, que tanto mereceu. ¡Pobre infeliz! Se tivesses nascido na abundancia, seriais sempre um anjo tão bello de virtude. Se a caridade te houvesse a tempo procurado, e descoberto n'esse asylo simples e modesto, onde vivias tão innocente e bemquista de Deus e dos homens, ¿não se teria afastado ainda o raio que reduziu a cinzas o desambicioso edificio da tua felicidade?

Além é um moço, que, cansado da dureza dos homens, começa a não conhecer as leis na sua necessidade. Por toda a parte repellido, julgou direito prover por si mesmo, e a todos os despeitos, á sua conservação.—«Todos esses a quem recorri (diz consigo mesmo) são felizes; eu não quero a sua felicidade; mas tenho, como elles, direito de viver.»—Levado assim pelos raciocinios errados do vicio, ou só por um instinto que lhe bafejou a injustiça dos homens, começou por pequenos furtos; passou a maiores; nunca mais reconheceu os titulos sagrados da propriedade; zombou de todos os respeitos humanos; relaxou de todo a consciencia; e acabará em salteador e assassino. Uma caridade a tempo o affasta do precipicio onde o leva de rastos a immoralidade, e lhe tira deante dos olhos dois futuros que o terão muitas vezes feito estremecer: um carcere perpetuo, um degredo, uma morte infame n'este mundo, e no outro penas correspondentes, em si e na sua duração, a crimes de que nunca se arrependeu, e damnos que nunca tiveram restituição. E quando elle passar para o patibulo, vós fechareis talvez as vossas janellas, e direis: «Não tenho coração para taes espectaculos;» ¡como se esse mesmo coração não fosse o seu peor algoz, o que o conduziu áquelle passo affrontoso!

N'outra parte um desesperado, que sonhou alguns momentos a felicidade, mas que imprevisamente se sentiu naufragado de todas as suas esperanças, que contou, para segurar a subsistencia, com os amigos que o atraçoaram, com a fortuna que lhe fugiu, que se vê precipitado n'uma desgraça a que não prevê termo na sua desesperação, insulta o Céu, blasfema da Providencia, e, se lhe não accudis, ¡quem sabe se irá (como tantos outros) afiar um punhal, temperar um veneno, ou suspender um laço, por onde arranque uma existencia que o importuna! ¿E a caridade e a ternura não poderão ainda aqui obrar um novo milagre? ¿fazer-lhe rebentar as lagrimas, cuja fonte se lhe exaurira? ¿abrandar-lhe o coração? ¿obrigál o a bemdizer a Providencia, e abençoar o pão com que lhe sustentamos uma vida que lhe fizemos amar ainda?

¡Oh! ¡meu Deus! ¡que doces prerogativas não déstes vós ás almas generosas e humanas! Se entre os próprios pagãos alcançava uma

côroa o que salvava os dias do seu concidadão, ¡que honras não merece dos outros homens o que os arranca a uma morte desesperada, depois de uma vida infeliz! ¡que os reconcilia com o Céu que já suppunham surdo e injusto! ¡e que até previne com os seus soccorros a desordem e excessos da miseria que lhes arrancariam os meios de salvação!

¡Ah! meus irmãos, se nos basta ser homens, para reconhecemos como bem real esta doce obrigação da esmola, segundo a razão e humanidade, ¡que mais fortes motivos não tem o homem christão, para ser esmoler, segundo as Escrituras, e particularmente o Evangelho! Os deveres da caridade não são para nós simples axiomas, ou preceitos da philosophia; não são o resultado de um mero instinto moral: as santas doutrinas reveladas vieram não só confirmar, mas dar ainda, se é possível, uma extensão muito maior a tudo quanto n'esta parte a Religião natural nos havia imposto.

Segundo o systema religioso do Christianismo, ¡por quantos modos, até indirectos, nos não é persuadida a caridade! O Padre derramou sobre nós todo o thesoiro das misericordias do Céu; creou nos entes os mais perfeitos de toda a Natureza; a sua mesma divindade foi o typo pelo qual nos formou (pelas suas proprias mãos, dizem as Escrituras); não só nos adornou de todas as graças que perdemos na desobediência de nossos paes, mas todas as suas creaturas contribuíram, e ainda contribuem (mais parcamente sim, depois do peccado), para nos tornar o mundo uma habitação commoda e feliz. Esse sol que nos allumia o theatro do mundo, essas estações que lhe mudam as scenas, os frutos saborosos e delicados que rompem da terra, os vestidos que nos cobrem, o ar que respiramos, o somno que nos restaura as forças, os prazeres que nos lisonjeiam os sentidos, os prazeres ainda mais puros e doces da consciencia e do coração, são outras tantas esmolas, com que Deus proveu desde a eternidade ao homem, sobre fraco e indigente, ingrato a tantos beneficios.

Na sábia disposição com que de mais o Eterno Padre arranjou todo o grande systema da Natureza, ¿não nos deu Elle uma grande lição

de caridade, estabelecendo em todas as suas obras uma encadeação successiva e mutua de dependencias e soccorros? Olhae, por exemplo, como os mares liberalisam as suas aguas ao ar em nuvens, o ar as suas á terra em chuvas, a terra ás fontes, as fontes aos rios, os rios outra vez aos mares; e n'este rodear das aguas, plantas, animaes, homens, o mundo todo se conserva, se reanima, se restaura.

D'esta mesma sorte, não só as grandes porções da Natureza, mas ainda os seus minimos individuos, trazem travado um commercio mutuo de esmolas; e os soccorros de uns, em circulo perpetuo, se tornam essenciaes á existencia dos outros. É assim que, por toda a parte envolvidos pela Natureza, do meio da qual nos elevamos, como obras as mais perfectas, não só nos não devemos resvalar a uma condição inferior á da propria materia bruta, mas avantajarmo-nos tanto mais na mutua caridade, quanto nos devemos considerar como entes, cuja conservação é mais importante para a manifestação da gloria de Deus.

O Divino Verbo, por um mysterio da mais incomprehensivel misericordia, desce ao mundo, demora-se entre os homens, deixa-lhes um thesoiro de felicidade nas suas doutrinas, dá-lhes a esmola de todo o seu sangue, lava a mancha da nossa origem, e restabelece a paz entre o Céu e a terra.

O Espirito Santo vem tornar effectivos todos os meios de santificação, e nos accode com esmolas continuas, desde que abrimos os olhos, até que deixamos o mundo; pelo baptismo assenta os nossos nomes no livro da vida; confirma-nos e augmenta-nos depois esse perdão; repete-o tantas vezes quantas offendemos o Céu; sustenta-nos com o manjar dos anjos; e accode-nos até com remedios temporaes, á hora em que as portas do carcere se vão abrir, e a alma sôlta reverter á sua origem.

Mas não só pelo seu exemplo e meios tão indirectos nos persuadiu Deus a esmola; não é uma simples recommendação, é um dos preceitos mais rigorosos:—*Ego proecipio tibi, ut aperias manum*

fratri tuo egeno, et pauperi qui tecum versatur in terra: Sou eu, é o teu proprio Deus, quem te ordena, que abras a tua mão ao necessitado e ao pobre, que lida comtigo sobre a terra. Esta lei tão clara, tão precisa e absoluta na sua letra, ¿terá acaso todos esses caractéres que devem sempre manifestar-se em todas as leis de Deus? Examinemol-a, e seja o proprio Deus quem nol-a interprete.

É *justa e necessaria*: necessaria muito mais ainda para o bem espirital dos bem-feitores, do que para o commodo temporal do soccorrido. A esmola, segundo Jesu-Christo, é um acto de Religião, conjuntamente com a oração e jejuns; é pois rigorosamente um meio expiatorio; é um commercio que temos com Deus por meio do nosso proximo; é uma agua copiosa (diz o Espirito-Santo) com que apagamos o incendio das nossas iniquidades; é uma santa usura, em que trocamos bens superfluos e temporaes por bens inapreciaveis e eternos; são thesoiros que ficam depositados no seio do pobre, e que d'ali estão sempre clamando ao Céu em nosso favor; são bolsas que nunca teem de se estragar nem de esgotar-se, que nunca nos serão roubadas nem podem ser consumidas; é um seguro para o dia da afflicção; é finalmente um arrimo a que nos soccorremos para não cahir.

Mais: é *util*, considerada mesmo temporalmente para quem a dá. O Espirito-Santo o disse tambem nos Proverbios: *Aquella que der ao pobre, de nada carecerá; aquella que desprezar as suas supplicas, cahirá tambem na pobreza.*—Eis aqui, meus irmãos, eis aqui patente o terrivel segredo da vingança divina, quando aniquilla tantas fortunas que pareciam tão solidamente estabelecidas: *Dispersit, dedit pauperibus; divites dimisit inanes.* Sim, porque as maldições, ó ricos do mundo, que o pobre vos lança em segredo, na amargura da sua alma, são ouvidas com todas suas imprecações, por Aquelle que o creou, e que nunca d'elle arredará os seus olhos. Folgae hoje, que, semelhantes ao mau rico do Evangelho, sereis ámanhan sepultados no inferno, debaixo do peso de vossos thesoiros; *et sepultus est in inferno.* E se as vossas riquezas vos são consentidas, muitas vezes é para que principiem o vosso inferno no mundo. Se pareceis prosperar, é para que a vossa quéda seja mais

espantosa, ou para que os vossos descendentes, que não são culpados nas vossas iniquidades, não experimentem a punição da vossa dureza, e recebam juntos esses bens a que irão dar um justo emprego.

¡Ah! meus irmãos, dizei-me: ¿vistes vós, pelo contrario, que homem algum se arruinasse jámais pelas suas larguezas com os pobres? ¿Não é antes uma verdade, confirmada pela experiencia de tantos seculos, que as familias de mais caridade são as que mais teem prosperado? Sim, sim, o Espirito Santo o disse pela bocca do mais sublime de todos os prophetas: «Se derramares toda a tua misericordia sobre os necessitados, e encheres de consolação almas que gemiam na afflicção, a tua casa se tornará como um jardim sempre regado, e a tua prosperidade será tão perenne como a fonte que a todos offerece os seus licores, e por mais que a bebam nunca se esgota, nem cessará de correr.» ¿E o Redemptor não disse ainda mais expressamente: *Date et dabitur vobis*? ¿Não compara elle a retribuição com que o Céu ha-de corresponder ás nossas liberalidades, com uma medida avantajada, calcada, de cogulo, a verter de todos os lados, que se nos vasará para o regaço? ¡Oh! não duvidemos: os bens do misericordioso, repartidos pelos infelizes, são o azeite e a farinha milagrosa da santa viuva de Sarepta. Comeu Elias, diz a Escritura, comeu ella e a sua casa; e desde aquelle dia nunca lhe faltou a farinha no pote, nunca o azeite do vasilho se diminuia.

Vêde, depois d'isto, ¡que multidão de benções as Escrituras não veem chovendo sobre o homem compassivo e esmoler! O Senhor o conserve, o Senhor lhe dê uma longa vida, o faça feliz no mundo, o livre das mãos dos seus inimigos, o allieve no leito da sua dôr. O que dispersar os seus bens pelos pobres, viverá de seculo em seculo na memoria dos homens, abençoado será o seu nome, e n'elle se despontarão as settas envenenadas da calumnia. *Justitia ejus manet in saeculum saeculi. Exaltabitur in gloria. Ab auditione mala non timebit.* ¿Que significam tantas promessas, meus irmãos, tantos premios, tanta abundancia de benções, as glorias do Céu e da terra, tudo cumulado sobre o homem benefico? ¿Que sacrificio tão

importante se vai exigir d'elle? ¿a que lances heroicos o querem persuadir? ¿que perdas soffrerá que cumpra contrabalançar por premios de tão alta valia? ¿Exige-se-lhe a mendicidade e a miseria, em que viveram os Apostolos e o Redemptor? ¿um exterminio de todas as paixões? ¿uma abnegação de todos os prazeres? ¿as mortificações da penitencia? ¿a constancia e morte gloriosa dos martyres? Não, não. Pede-se-lhe só amor e provas de amor para com seu irmão; pedem-se-lhe só lagrimas e pão para os infelizes. Não se lhe intima que dê, com prejuizo seu, até o ultimo bocado d'esse pão, mas empenham-se os titulos mais sagrados da misericordia, e patenteiam-se-lhe todos os cofres e enchentes da Graça, para lhe pedir só as migalhas superfluas da sua meza.

¡Grande Deus! ¡que generosidade incomprehensivel a vossa! ¡Remunerardes como sacrificio uma virtude, e acceitardes como virtude o que nada custa ao coração! ¡Accumulardes os vossos prémios sobre os prazeres mais doces da consciencia! ¡Considerardes em mais do que homem a quem só cumpriu com deveres da humanidade! ¡Avaliardes em tanto um superfluo, que trasbordamos para o seio do desgraçado, quando já nol-o haviéis dado com essa condição! ¡Acceitardes, finalmente, esses bens frageis, temporaes e caducos, esses bens que só devemos á vossa liberalidade, como moeda correspondente em valor ao preço inestimavel dos vossos thesoiros infinitos!

Mas d'estas elevadas contemplações, em que todos nos deveríamos abysmar, vós me chamais, meus irmãos, vós me fazeis descer ás profundezas da vossa miseria, e surprehender nas vossas consciencias um segredo bem importante. ¿E não adivinho eu quaes teem sido, desde que enunciei o thema e objecto do meu discurso, os pensamentos de muitos de vós, da maior parte, ou antes de quasi todos os que me escutais?—«Feliz (exclama cada um de vós, no seu coração) feliz de mim, se eu podera soccorrer o meu proximo, que a tão bom barato me veria de posse do Céu. Porém Deus não me destinou a mim esses premios e benções; e se a esmola fôra um meio indispensavel de salvação, eu me perderia sem remedio, não por minha culpa, mas por culpa da fortuna. Todos

os meus bens escassamente chegam para a minha sustentação e da minha casa.»—Assim pensais; assim buscamos pretextos para illudir todos os preceitos até os mais terminantes e expressos da Religião. Mentis a Deus, aqui, na sua presença, dentro da sua mesma casa, e, suppondo justificada a vossa propria crueldade, vos revestis d'aquelle zelo hypócrita do phariseu do Evangelho, e lançais de travez os olhos para os ricos, que ahi estão comvosco. Folgais talvez com a sua confusão; e a doutrina da caridade, a doutrina de tanto amor, só serve de despertar em vós a insolencia, o desprezo, e o odio. Não permitia Deus que a sua preciosa semente se perca d'este modo; que só a acceite um pequeno torrão de terra, e que em vez de produzir os bellos frutos do Senhor, a maior parte do seu campo, ou quasi todo elle, continue a só desatar-se em cardos e espinhos. Afugentemos as aves d'esta preciosa sementeira. Arredemos as pedras, e não consintâmos que fique sem proveito e inculto nenhum pedacinho, por mais pequeno, da sua terra.

Todos vós podeis dar a esmola, todos, sem excepção, vos achais obrigados a ella; e esta universalidade constitue, n'aquelle divino preceito, o seu segundo character de lei.

Ha duas especies de esmola (diz Santo Agostinho): uma da bolsa, e a outra do coração. Tão longe vai, pois, a esmola como a caridade; e para podermos soccorrer o nosso proximo, basta-nos possuir um coração. ¿Não tendes dinheiro, mas tendes pão com fartura? Reparti-o por tantos famintos. ¿Escassamente vos chega o pão, mas tendes algumas roupas superfluas? Cobri com ellas tantos nús. ¿Nada tendes hoje? Promettei para ámanhan; enchei de esperanças o seio vazio de todas as consolações. ¿São a caso insignificantes os bens que vos restam para os frutos da caridade? Offerecei-os assim mesmo; basta que deis só um copo de agua fria a um dos mais pequenos do mundo, lembrando-vos de que elle é meu discipulo (vos diz Jesu Christo); este só copo eu vos affirmo que não ficará sem recompensa. ¿Nada tendes que dar? Reparae bem: ¿Nada tendes que dar? Lançae bem os olhos de todos os lados. Sondae bem toda a vossa fortuna. ¿Nada tendes que dar? Se

não mentis ao desgraçado, se na verdade vos achais privado de todo o genero de haveres, ainda possuis muitos bens em que não reparaveis. São os que existem dentro do vosso coração. Offerecei-lh'os. Derramae d'elle torrentes de balsamos sobre todas as feridas dos vossos tristes irmãos. Sois ainda mais rico com o vosso coração, no meio mesmo da miseria, do que os ricos sem elle, afogados nos seus thesoiros. Consultae esse coração; ouvi como um oraculo as suas respostas. ¿Que vos demorais? Segui todos os seus impulsos.

¿Não tendes com que soccorrer o indigente? Correi á morada do rico. Entrae affeitos.

Pintae-lhe as miserias do seu semelhante. Mostrae que só os interesses da humanidade vos dirigiram ali. Contae o que presenciastes com os vossos olhos. Choraе diante d'elle. Desfazei as calumnias. Reconciliae as eternas inimizades da opulencia com a miseria, e, semelhantes aos corvos de Elias, voae á choupaninha faminta do deserto, com o pão e com a carne, que vos deu essa Providencia, que assim soubestes interessar.

¿Não tendes que dar! Ajudaе o vosso proximo, com o trabalho dos vossos braços. Advogaе perante o poderoso a causa do fraco. Desfazei os enredos e calumnias, que ennegreceram vosso irmão, que lhe roubaram todas as protecções.

¿Não tendes que dar! Congraçaе o homem com o homem, a familia com a familia.

¿Não tendes que dar! Visitaе tantos desgraçados, que gemem por esses carcereѕ; persuadi-lhes a paciencia, e a resignação evangelica; confortae-os com palavras doces, com esperanças consoladoras. Approximae-vos ao leito do enfermo; offerecei-lhe, com mão carinhosa, os remedios; animaе-o com os vossos sorrisos, e fazei que troque os suspiros da sua dôr e do seu desalento em suspiros de ternura, em expressões de confôrto; que veja os Céos abertos, e que goze antecipadamente de premios, que, se não

fosseis vós, talvez não tivesse de possuir.

¡Não tendes que dar! Instrui, na santa doutrina, a tantos meninos, e ainda a pessoas maiores, que a ignoram. Bemdizei de vosso proximo na presença, assim como na ausencia. Ajudae-o com as vossas orações.

Nada tendes que dar! ¡Nada tendes que dar! ¡Ah! ainda tendes lagrimas. São as perolas e os diamantes da alma; e esse thesoiro nunca se esgota para um christão. Tomae a vós uma parte do seu infortunio, e elles ficarão menos oppressos. ¡Que esmolos, tanto ou mais preciosas que as do oiro! ¡De quantos e quantos modos, não sabe reproduzir-se a beneficencia!

Bemaventurados, disse o Redemptor, todos os que usam de misericordia, porque elles alcançarão misericordia.

Eis aqui as benções e os premios do Céu, recahindo sobre todos vós, sem exclusão de um só. Ahi vos tendes tão ricos, aos olhos do Senhor, como esses ricos, cuja dureza lamentaveis, a cujos bens vos promettieis dar um melhor emprego, se os possuisseis. ¿Quem vos detem? ¿por que não correis a praticar essas obras de misericordia, que podeis? ¿a merecerdes essas benções e premios, que ha pouco ambicionaveis? ¡Quê! ¡Já se vos affrouxa o zêlo! Sim, o zêlo, que murmura, que reprehende, que insulta nos outros a infracção dos deveres, em quanto os julga alheios, esmorece de todo se esses deveres se tornaram proprios; e, por mais injusta contradicção, as fraquezas, que não perdoamos no mundo, sendo em nós, já as sabemos desculpar; je quantas vezes não passam de desculpadas a canonisadas! Pois bem, senhores: se a razão, se a humanidade, se a justiça, se a consciencia, se os interesses do mundo, se as benções do tempo e da Eternidade, se todos os premios de Deus, emfim, nada podem convosco, possam-n-o, ao menos, as suas ameaças, castigos e maldições, que vão constituir a sua lei perfeitamente obrigatoria. Eis o seu ultimo character.

¿Recusais a misericordia de Deus? Já não tendes que escolher. Só

lhes ficaram as vinganças. Affastae-vos, ó santa familia de infelizes. Pobresinhos do Senhor, affastae-vos da terra maldita, onde vai chover fogo e colera do Céu. Para além, para além, é o vosso refugio, á dextra do Eterno Padre. *Venite ad me, omnes qui laboratis, etc.* ¿Não vos tinha elle dito que os vossos gritos lhes chegariam aos ouvidos, que as humiliações se lhes converteriam um dia em triumphos? Sim, sim, ó famintos, ó sedentos, nus, chorosos, calcados, perseguidos, ¡jubilae! Vós nunca cessastes de ser os seus filhos muito amados. Eu vou reassumir todos os thesoiros (vos diz elle) que a minha Providencia repartira pelos vossos barbaros oppressores. Eu lhes havia dado mais altos meios do que a vós mesmos de alcançarem a minha gloria, de alcançarem a menos custo. Os privilegios com que eu os mimosiei, só serviram de os fazer ingratos e crueis. Frutos mui formosos do meu campo, fostel-o vós, ó meus pobres; frutos que eu vou recolher e guardar para sempre no meu seio; elles foram arvores estereis, que, dominando toda a sementeira, a açoitaram com os ramos, a damnaram com a sombra, a devoraram com as raizes; infecundas e nocivas eu as arranquei em meu furor; eu vou lançal-as ao fogo. Retirae-vos de mim, malditos. Precipitae-vos no incendio eterno, que foi preparado ao diabo e aos seus anjos; porque eu tive fome, e vós me não déstes de comer; eu tive sêde, e vós me não déstes de beber; fui peregrino, e não me recolhestes; nu, e não me vestistes; enfermo e encarcerado, e não me visitastes. Todas as vezes que despedistes, que calcastes os pequenos do mundo, a mim, a mim o fizestes.

¡Ah! meus irmãos, possa esta sentença de maldição estampar-se hoje com letras de fogo e indeleveis nos vossos corações. Este Jesus escondido nos pobres, este Jesus que por ahi vaga fóra dos templos, coberto de remendos, macilento, prostrado debaixo do pêso de tantas cruzes, é um rei de majestade, é um senhor indignado que vos ha-de apparecer em toda a sua cólera, e de cujas sentenças nunca poderêis mais appellar. ¡Oh! compadecei-vos d'elle, soccorrei-o enquanto o-vêdes pobre, cahido e humilhado, para o não experimentardes depois, senhor altivo e vingador. ¡Oh! pobresinhos do Senhor, parabens! o coração me-diz que esta

semente não será perdida, e que terêis hoje ao menos soccorros e consolações.

Pois bem, Senhor. A Vós, recorreremos hoje, que ainda é tempo. Aqui promettemos socorrer-vos com o que é vosso, a Vós, ó meu Jesus pobre; a vós, cahido, a vós humilhado, para vos não experimentarmos depois accusador, testemunha, vingador e inexoravel. Antes que nos-accendais esses fogos de maldicção, já era nossos corações temos accezos outros, que muito mais são vossos: os da caridade.

Ó modêlo do bom pae de familias, ajuntae-nos em tôrno da meza do vosso banquete celestial, aonde se assenta o opulento Salomão a par do Lazaro mendigo, os grandes com os pequenos da terra, o peccador arrependido com o justo que nunca vos-offendeu. Reclinae-nos sôbre o vosso seio; e n'um abraço de eterno amor nos-apertae a todos sôbre o vosso coração paternal, por todos os séculos dos séculos.

Assim seja.

INDICE

I — A primeira noite na serra	<u>5</u>
II — O sepulchro, ou historia de uma noite de S. João	<u>11</u>
III — Epistola a João Evangelista Pereira da Costa	<u>41</u>
IV — O Presbyterio	<u>43</u>
V — A lyra do desterrado	<u>49</u>
VI — Epistola a	<u>51</u>
VII — A romaria	<u>53</u>
VIII — O Domingo gordo dos montanhezes	<u>55</u>
IX — O S. João nas faldas do Caramulo	<u>77</u>
X — O mosteiro	<u>81</u>
XI — Santa Maria Egypciaca	<u>91</u>
XII — Epistola ao Desembargador Deslandes	<u>97</u>
Notas ao 1.º volume	<u>99</u>
Additamento	<u>107</u>
Sermão da Esmola ou da Caridade	<u>109</u>

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA
95—RUA AUGUSTA—LISBOA

Notas:

[1] Verbi gratia na quinta da Domanderes.

Nota do autor.

[2] Descreva-se aqui n'uma nota o encontro que hoje tivemos com o gallinheiro de Santa Cruz junto ao Val da Gallega, que quiz descarregar uma espingarda em mim e no poeta, julgando-nos ladrões, pelas muitas perguntas que lhe faziamos sobre o que levava etc. etc.—NOTA DO SECRETARIO AUGUSTO.

[3] A Castanheira do Vouga, Bispado de Aveiro, Comarca da Feira, a uma legua de Agueda.

NOTA DO AUTOR.

[4] A traducção de parte de Silio Italico pelo Padre Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio.)

NOTA DO AUTOR.

[5] Traducção da escolha das Fabulas de Lafontaine pelo mesmo.

NOTA DO AUTOR.

[6] (O poema desapareceu, ou nunca chegou a escrever-se.)

NOTA DOS EDITORES.

[7] Josué—cap. XXIV

[8] Juizes—cap. VI.

[9] Foi este fragmento publicado na *Revista Universal Lisbonense* de 19 de Junho de 1845—Tomo IV, pag. 582.

OS EDITORES.

Lista de erros corrigidos

Aqui encontram-se listados todos os erros encontrados e corrigidos:

	Original		Correcção
Volume I			
#pág. 20	a ém	...	além
#pág. 33	«o salto)»	...	«o salto»)
#pág. 56	lnes	...	lhes
#pág. 69	fescenino,»	...	fescenino»,
#pág. 94	acompapanhal-o	...	acompanhal-o
Volume II			
#pág. 45	dextra não	...	dextra mão
#pág. 113	tarrestres	...	terrestres

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O
PRESBYTERIO DA MONTANHA ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this

agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form,

including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL,

PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b)

alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the

widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.